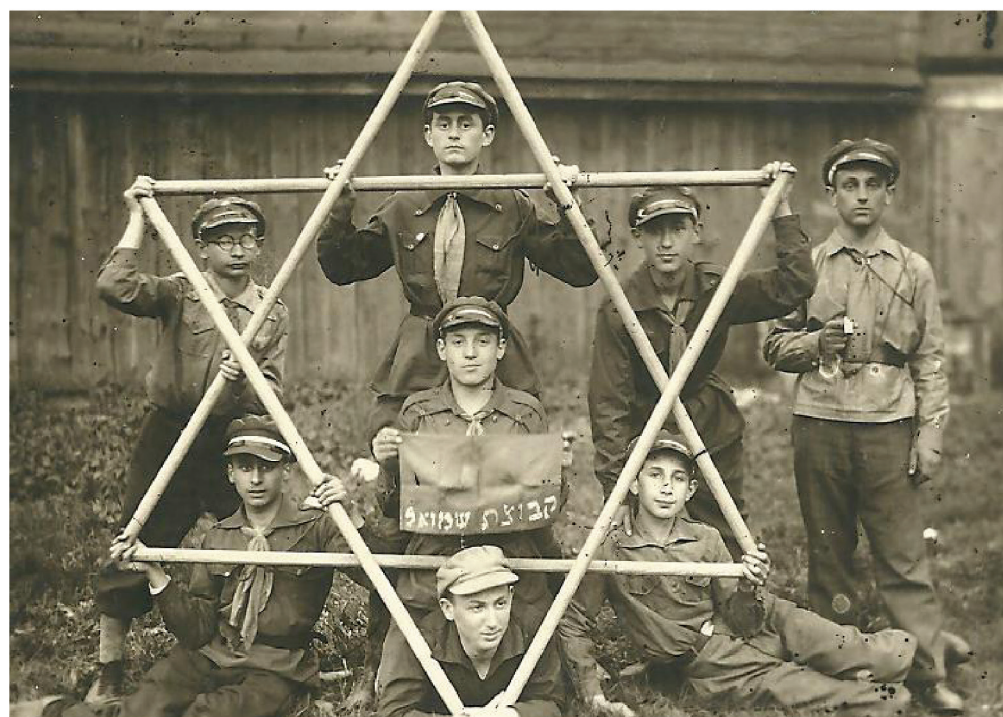


ATÉ O ÚLTIMO SUSPIRO!

Movimentos Juvenis Sionistas na Shoá



Consejo Juvenil Sionista Argentino

Traduzido por Conselho Juvenil Judaico Sionista do Estado de São Paulo



ATÉ O ÚLTIMO SUSPIRO!

Movimentos Juvenis Sionistas na Shoá

Tradução por Lilia Waschsmann



CONSELHO JUVENIL
JUDAICO SIONISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO
UNIDOS EM MOVIMENTO



MUSEO DEL HOLOCAUSTO
BUENOS AIRES



MEMORIAL DO
HOLOCAUSTO

StandWithUs
BRASIL



INSTITUTO
SAMUEL KLEIN



Agradecemos a todas as pessoas que deram seu tempo para o preparo deste material, que constitui um dos únicos trabalhos sobre o papel fundamental que os movimentos juvenis tiveram durante a Shoá.

Ao pessoal do Museu do Holocausto de Buenos Aires, por facilitar-nos os recursos bibliográficos que foram de grande utilidade para a seleção do material exposto neste trabalho e pelo acompanhamento prestado aos membros das tnuot que participam da redação do material.

A nossos mechanchim do Machon Le-Madrijim, que foram nossa principal fonte de inspiração através dos recursos que nos ofereceram. A Mario Sinay e seu livro Resplendor en las tinieblas nazistas (Esplendor das trevas nazistas), guia fundamental de nossas ideias, e a Jonathan Denenberg, nosso moré derech na Polônia.

Finalmente, a todos os chaverim das Tnuot Noar que colaboraram com a pesquisa, redação e produção do material.

David Dolensky
Yael Katz

*Diretores da Exposição Tnuot Noarna Shoá, Conselho Juvenil Sionista
Argentino*

Nós, do Conselho Juvenil Judaico Sionista do Estado de São Paulo, apresentamos com grande satisfação a mostra itinerante “Até o último suspiro! Movimentos Juvenis na Shoá”.

Essa exposição é composta pelo livro aqui impresso e dezessete banners, que relatam a resistência praticada pelos movimentos juvenis sionistas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial contra o regime nazista.

Esse projeto é proveniente do Conselho Juvenil Sionista Argentino (CJSA), responsável pela idealização e composição deste material com o apoio do Museu do Holocausto de Buenos Aires.

Para que essa mostra pudesse tomar forma no Brasil, realizamos um trabalho conjunto ao CJSA, que disponibilizou o conteúdo a ser traduzido e acompanhou cada etapa de sua estruturação.

A fim de adaptá-la ao contexto de nosso país, nós, membros dos movimentos juvenis judaicos sionistas do Estado de São Paulo, acrescentamos ao final da obra a história e atuação de nossos movimentos na atualidade.

O trabalho em equipe na realização desse projeto teve como base um objetivo comum: educar sobre a Shoá. Como educadores judaicos e líderes comunitários, possuímos a responsabilidade de transmitir aos nossos próximos os ensinamentos que a Shoá nos exige.

As páginas a seguir nos contam sobre como as Thivot Noar foram líderes da resistência pacífica, cultural, espiritual e armada contra o regime nazista na Europa. Os chaverim dos movimentos juvenis foram responsáveis por percorrer os países europeus a fim de informar as comunidades judaicas - em especial, as mulheres mensageiras, que criaram uma extensa rede de comunicação entre guetos isolados; por organizarem a juventude; criarem refeitórios populares; fornecerem ajuda social aos judeus; fazerem funcionar centros educacionais clandestinos; criarem ambientes de discussão e socioculturais; além de terem tido papel fundamental no levante dos judeus contra os nazistas.

Essa história que você está prestes a adentrar tem sua importância pautada em três pontos essenciais: memória, educação e juventude. Memória porque devemos estar sempre comprometidos em manter viva a consciência da Shoá, cuja lembrança deve permanecer infinita. Educação porque ela carrega consigo aprendizados para toda a humanidade, que requerem que nos certifiquemos que nada parecido jamais aconteça novamente. Juventude porque ela nos mostra o valor e a força do protagonismo jovem, expresso através do importante papel que exercemos na história de nosso povo como agentes de resistência antinazista.

Nossa união e trabalho como movimentos juvenis é essencial para que essa meta continue sendo cumprida. Com a realização desse projeto através do Conselho Juvenil Judaico Sionista do Estado de SP, fomos capazes de estreitar nossos laços e, principalmente, compartilharmos a relevância de nossa função como educadores judaicos. Independente do movimento juvenil o qual fazemos parte, nós reconhecemos essa história como pertencente a todos os Tnuot Noar, pois ressaltamos que o que está posto aqui diz respeito à uma característica que possuímos em semelhante: um conjunto de jovens que possuem o prezar pelo sionismo, Eretz Israel, o judaísmo e a educação, e, nos limites do contexto do regime nazista, nossos membros resistiram como tal.

Desde que surgiram, os movimentos juvenis judaico sionistas são líderes na luta contra a indiferença e discriminação. Seja através da transmissão de valores e da educação judaica seja através do trabalho social e comunitário. E essa mostra nos destaca isso. O ativismo que as Tnuot Noar tiveram frente às maiores dificuldades que as comunidades da época se depararam, expressado por meio de formas de resistência, foram capazes de trazer um pingote de luz na história de nosso povo em em um momento de tamanha escuridão.

Nós, jovens do movimentos juvenis judaicos sionistas, portanto, carregamos em nossas mãos a responsabilidade de perpetuar e levar adiante esse nosso papel para toda a comunidade judaica e a sociedade que nos cerca. E para isso, possuímos o compromisso de educar. Educar em preceitos de convivência, solidariedade e pluralismo. Para que a tragédia

do silêncio, o desastre da indiferença e a fatalidade da intolerância jamais tome força em nossa sociedade outra vez.

Esperamos que esse livro cause em você o mesmo efeito que causou em nós, de que jamais devemos ser indiferentes, pois tratamos a seguir, essencialmente, de um relato de resistência. Resistência que se deu, sobretudo, através da esperança. A exposição “Até o último suspiro! Movimentos Juvenis na Shoá” nos mostra que a esperança permaneceu até o último suspiro daqueles que viveram a Shoá e nos ensina que sua memória e aprendizagem deverá permanecer até o último suspiro daqueles que viverem a terra.

Conselho Juvenil Judaico Sionista do Estado de São Paulo

Em primeiro lugar, agradecemos ao Conselho Juvenil Sionista Argentino por compartilhar conosco esse projeto de tamanha pertinência e, principalmente por, com braços abertos, fornecer o devido conteúdo e materiais referentes à exposição.

Em especial, um enorme agradecimento ao diretor da mostra em Buenos Aires, David Dolensky, que participou desta adaptação e acompanhou cada uma de suas etapas, até chegarmos ao resultado final, concedendo-nos todo suporte necessário na elaboração dessa exposição para que tomasse hoje a melhor forma possível no Brasil.

Ao Museu do Holocausto de São Paulo, que não apenas nos cedeu um apoio financeiro mas também, e principalmente, por ter participado da preparação da inauguração deste projeto em conjunto ao Conselho Juvenil de maneira tão dedicada e atenta.

Ao StandWithUs Brasil e Instituto Samuel Klein, pelo patrocínio de enorme proveito e necessidade para a realização de toda esta exposição. Mas sobretudo, por atribuírem este apoio em vista do reconhecimento de tamanha a importância do papel dos movimentos juvenis na educação, dentre todos os fatores, no que diz respeito a Shoá.

À tradutora Lilia Wachsmann, pelo esforço e dedicação na tradução deste material.

Ao Museu do Holocausto de Curitiba pela revisão do conteúdo aqui disposto; especialmente, ao respectivo Coordenador Geral, Carlos Reiss, por viabilizar a realização de uma capacitação com jovens dos movimentos juvenis de São Paulo sobre o tema do qual tratamos a seguir.

Aos nossos apoiadores: Federação Israelita do Estado de São Paulo, Agência Judaica para Israel, Fundo Comunitário, KKL Brasil, Bnai Brith São Paulo, Museu Judaico e Unibes Cultural pela contribuição na divulgação desse projeto e demais auxílios.

Por fim, agradecemos sobretudo, a todas as Tnuot do Estado de São Paulo, cujos jovens membros levam adiante a responsabilidade de lembrar a Shoá e contribuir para educar as futuras gerações sobre o tema. Reconhecemos por seu empenho em trazer o material da exposição ao Brasil e seu auxílio na adição de conteúdos para que ela se tornasse ainda mais completa no contexto de nosso país.

Camila Crespin - Nicolas Prati Gelernter

Mazkirim do Conselho Juvenil Judaico Sionista do Estado de São Paulo

“No fundo, o mais importante é a Vida. E dentro do que é a Vida, o mais importante é a Liberdade. Mas, então, já não se sabe mais o que é o mais importante”.

Marek Edelman



Índice

Tachaná 1

Pag.13

- Surgimento dos movimentos juvenis
- Movimentos juvenis judaicos
- Atividade das *Tnuot Noar*

Tachaná 2

Pag.22

- Alemanha nazista 1933-1939
- Momentos que antecederam a 2ª Guerra Mundial
- O início da guerra
- Governo Geral, 1939-1941
- Operação Barbarossa

Tachaná 3

Pag.31

- Resistência
- Resistência espiritual
- Resistência armada
- Vilna
- Cracóvia
- Varsóvia
- Bialystok
- Outras resistências armadas

Tachaná 4

Pag.78

- Após a catástrofe
- *Tnuot Noar* na atualidade

Tachaná 1

Surgimento dos movimentos juvenis

Os primeiros movimentos juvenis no mundo surgiram como parte das mudanças sociais e do processo de modernização atravessado pelos países da Europa Central, principalmente a Alemanha, no período da República de Weimar ¹, após a 1ª Guerra Mundial. As mudanças produzidas na Europa, junto com o auge da cultura moderna, impulsionaram os jovens a se organizar. Motivados pelo rechaço à sociedade burguesa e seu modo de vida, esses jovens criticavam os adultos, a quem viam como viciados pelos sucessos materiais e pelas “boas maneiras”.

Os movimentos juvenis se caracterizam pelas seguintes características:

- A transmissão de valores tais como a franqueza, a simplicidade e bons modos com o próximo.
- O cultivo de um profundo sentimento nacional.
- A saída das grandes cidades indo para o seio da natureza, através de longos passeios, que naquela época não eram habituais.
- A recuperação do folclore, da música popular e da literatura romântica.
- A igualdade entre os sexos.

O primeiro movimento juvenil nasceu em princípios do século XX, sob o nome de Wandervogel (em alemão, “aves migratórias”). Era formado pelos jovens da Berlim suburbano que saíam para os bosques para se retirar de uma vida que, apesar de próspera, perdera seu significado. Wandervogel foi um movimento juvenil que gerou uma nova Jugendkultur (‘cultura juvenil’), como forma de protesto contra o mundo adulto e a característica de vida das cidades. Este descontento rechaçava a cultura burguesa e implicava em uma nova forma de se vestir, no uso de cabelos compridos, numa simbologia própria, na construção de uma comunidade juvenil e em se retirar para os bosques e a natureza, praticando o nudismo e tocando instrumentos.

1- A República de Weimar foi o período da história da Alemanha compreendido entre 1918 e 1933, após a derrota na 1ª Guerra Mundial. Apesar de democrático, esse período se caracterizou pela grande instabilidade política e social, que produziu golpes de Estado militares e de direita, tentativas revolucionárias por parte da esquerda e fortes crises econômicas.

O movimento Wandervogel, junto com outros movimentos juvenis que nasceram em paralelo (como os escoteiros), também foram influenciados pela forte corrente antissemítica que açoitava a Europa: os movimentos dos escoteiros não permitiam o ingresso de judeus em suas fileiras e a juventude Wandervogel, apesar de contar com um grande número de judeus, deu uma guinada antissemítica (de fato, uniram-se à Juventude Hitlerista, em 1933). No entanto, esse tipo de organizações, apesar de não serem muito numerosas, conseguiram marcar uma época na formação de líderes jovens e geraram uma espécie de “onda expansiva” que deu lugar à formação de inúmeros movimentos juvenis em diversos países da Europa.

Movimentos juvenis judaicos

Os movimentos juvenis judaicos surgiram no início do século 20, principalmente na Alemanha e Polônia, impulsionados pela proibição à participação de judeus nos movimentos juvenis locais. Estas tnuot desenvolveram características próprias com um conteúdo ideológico e cultural judaico baseado em suas tradições. O primeiro movimento juvenil judaico originou-se em 1912, não por acaso, na Alemanha. Chamava-se Blau-Weiss (Azul e branco) e adotou a plataforma sionista anos depois. Apesar de seu escasso número de membros, essa tnuá resultou muito influente.

Posteriormente, foram criados diferentes movimentos juvenis judaicos que faziam parte do amplo leque ideológico: progressistas e conservadores; socialistas e comunistas; religiosos e laicos. Os jovens de todos os setores e de todas as ideologias tiveram a possibilidade de participar em um movimento juvenil. Estimulados pela ideologia sionista, que buscava a auto emancipação do povo judeu em um lar nacional próprio, surgiram diferentes movimentos juvenis sionistas (Tnuot Noar):

Hashomer Hatzair (1913, Galitzia, Polônia)

Dror (1917, Galícia, Polônia)

Ezra (1919)

Betar (1923, Riga, Letônia)

Akiva (1924, Cracóvia, Polônia)

Gordônia (1925, Polônia)

Hanoar Hatzioni (1927, Polônia)

Bnei Akiva (1929, Palestina)

Habonim (1929, Inglaterra)

Hechalutz Mizrachi (1930)

Hashomer Hadati (1930, Polônia)

As Tnuot Noar apresentavam uma forte repulsa à vida burguesa e tinham dentro de seus ideais a busca da transmissão de valores, a igualdade, o fortalecimento da cultura e a conexão com a natureza. Contudo, seu principal enfoque era a formação de um Estado judeu.

No início do século 20, as Tnuot Noar eram o motor principal do movimento sionista e foram os protagonistas da forte emigração para a Palestina nesses anos² e na construção do yishuv judeu (as bases do futuro Estado).

Tendo por motivação sua força, sua juventude e seus ideais, esses jovens emigravam da Europa para criar kibutzim, cultivar a terra, drenar pântanos e realizar qualquer outra atividade que fosse necessária.

Nas palavras de Yosef Trumpeldor, símbolo do movimento sionista:

«Temos que formar uma geração de judeus sem interesses egoístas [...]. Falta uma roda? Eu sou a roda! Faltam pregos, parafusos, uma roda que impulsiona? Usa-me! É preciso cavar a terra? Eu cavo. É preciso atirar? Sou um soldado. Polícia? Médicos? Advogados? Professores? Bombeiros? Por favor, posso fazer tudo. Só tenho um princípio: construir»³.

O mapa mostra alguns pontos geográficos onde se localizavam as Tnuot Noar mais influentes na Polônia, no período entre guerras (1918 - 1939), na Europa⁴.

2- Terceira Aliá.

3- El libro azul de los betari, Montevideo, Uruguay, Editorial Famet, 2005.

4- Algumas cidades podem estar com referências de um país do qual hoje já não fazem parte, devido às várias mudanças no mapa da Europa, especialmente na Polônia, durante as guerras.

TNUOT NOAR

Cidades mais importantes da Polônia onde havia presença de *tnuot* no período entre guerras:

Białystok, Bochnia, Będzin, Chrzanow, Cracóvia, Częstochowa, Grodno, Kalisz, Katowice, Kielce, Kovel, Lida, Lodz, Lublin, Lvov, Mir, Navahrudak, Pinsk, Piotrków Trybunalski, Poznań, Przemyśl, Radom, Rzeszów, Rivne, Siedlce, Sosnowiec, Stanisławów, Tarnów, Ternópil, Varsóvia, Vilna, Zduńska Wola.

DROR/HECHALUTZ

Centro principal Kiev, Polônia (Białystok, Będzin, Ciechanów, Cracóvia, Grajewo, Grodno, Janów Lubelski, Janow Poleski, Kamionka, Kiev, Krasnobród, Krosno, Lodz, Małopolska, Navahrudak, Nowy Sącz, Ostrów Mazowiecka, Szczuczyn, Varsóvia, Vilna, Warta, Zamość, Zgierz).

Bielorrússia (Novogradok, Pinsk), Checoslováquia, Ucrânia (Chortkiv, Kovel, Lvov), Bélgica (Tielt), Romênia (Otopeni), Lituânia (Skuodas), Hungria, Letônia, Moldávia, Alemanha.

HANOAR HATZIONI

Polônia (Będzin, Białystok, Dębica, Działoszyce, Horodenka, Kolbuszowa, Kolomyja, Lvov, Lodz, Michelin/Włocławek, Rzeszow, Nowy Sącz, Ostrów Mazowiecka, Serock, Sierpc, Sosnowiec, Staszow, Tarnapol, Varsóvia, Vilna, Wolbrum, Zamosc).

Ucrânia (Tacovo, Chorostków), Lituânia (Kovno), Letônia (Tukums), Iugoslávia (Sabac), Bélgica (Antuérpia), Áustria (Viena), Hungria, Alemanha (Wroclaw), Bielorrússia (Mir).

GORDÔNIA

Polônia (Białystok, Brzeziny, Będzin, Częstochowa, Działoszyce, Dębica, Grojec, Hrubieszów, Jagielnica, Janow Poleski, Kłobuck, Lodz, Michelin/Włocławek, Maryzin, Nowy Sącz, Nowy Witków, Opatów, Opoczno, Piotrków Trybunalski, Sosnowiec, Tomaszów Mazowiecki, Varsóvia, Zabrze).

Áustria (Viena), B lgica, Hungria, Ucr nia, Let nia, Litu nia, Mold via, Rom nia, S rbia, Frana, T nis.

BETAR

Pol nia (Białystok, Ciechanów, Działoszyce, Grajewo, Koźienice, Kłobuck, Nowy Źmigr d, Piotrków Trybunalski, Serock, Siedlce, Varsóvia, Vilna).
Bielorr ssia (Mir), Ucr nia (Chortkiv), Rom nia, Litu nia, Let nia.

HASHOMER HATZAIR

Pol nia (Białystok, Będzin, Ciechanów, Cracovia, Częstochowa, Dzyatlava/Zdzięcioł, Działoszyce, Grajewo, Grodno, Kalisz, Koźienice, Krosno, Lvov, Lida, Łódź, Nowy Sącz, Ostrow Mazowiecka, Radzyn Podlaski, Serock, Siedlce, Sierpc, Stawiski, Varsóvia, Vilna, Zabrze, Zgierz).

Bielorrússia (Mir), Bélgica (Antuérpia), Moldávia, Let nia, Lituânia, Ucrânia, Alemanha, Áustria (Viena).

HAKIVA

Pol nia (B dzin, Cracóvia, Varsóvia, região da Galícia, região da Sil sia, Tomasz w Lubelski).

Atividades das *Tnuot Noar*

Desde sua criação, as *Tnuot Noar* puseram em prática seus ideais sociais, culturais e ideológicos, através da realização de diferentes atividades que atendiam a esses interesses. Como símbolo de igualdade, os membros do movimento sionista usavam a mesma roupa. Em geral, camisas azuis, verdes ou marrons e um lenço no pescoço. Cada *Tnuá Noar* tinha um fundamento ideológico ao escolher uma dessas cores.

Sem distinção de gênero, os jovens compartilhavam os mesmos direitos e obrigações, e desta forma, as mulheres podiam ter um protagonismo nas atividades e cargos da organização, uma situação que era muito diferente da realidade em que a Europa vivia, naquela época. Encontramos, na história das *Tnuot Noar*, mulheres que ocuparam todo tipo de cargo de grande relevância.

Inspirados na organização dos escoteiros, ofereceram aos *chaverim* (membros) de sua organização espaços culturais, educativos e recreativos. Realizavam encontros especiais, respeitando o calendário judaico. Era normal ver as *Tnuot Noar* festejando em conjunto a liberdade durante Pessach, ou passando um dia nos bosques para recordar Lag Baomer. Eram realizados encontros semanais, nos quais diferentes oradores, muitas vezes profissionais, faziam palestras em que se debatia política, filosofia e causas sociais. Também realizavam atividades esporádicas, como as *machanot* (acampamentos) de inverno e de verão, onde intensificavam sua atividade ideológica.

Faziam tudo isso sem perder sua diretriz principal: o sionismo e a criação de um Estado judeu. Assim sendo, logo após terminar os estudos básicos, os membros mais graduados do movimento partiam para as *hachsharot* (granjas de preparação), onde aprendiam o necessário para sua futura *aliá* (emigração para a Palestina). Criavam *kibutzim* (casas onde funcionava o movimento), onde simulavam sua vida na Palestina por um ou dois anos. Naqueles lugares, o trabalho da terra, o sustento com seus próprios meios, a segurança e o aprendizado do idioma hebraico eram questões de seu dia-a-dia.

Em seus primeiros anos, as *tnuot* foram uma alternativa que exerceram um papel muito importante para a juventude judaica da Europa, tendo sido as principais realizadoras do plano sionista. Apesar de viver em um lugar onde o antissemitismo era uma constante, isso não impedia o desenvolvimento da vida cotidiana dos judeus, na qual as *Tnuot Noar* tiveram um papel destacado.



Gordônia em Lag Ba'omer, 05-05-1931



Lituânia, Betar, celebrando a liberdade, 29-8-1934



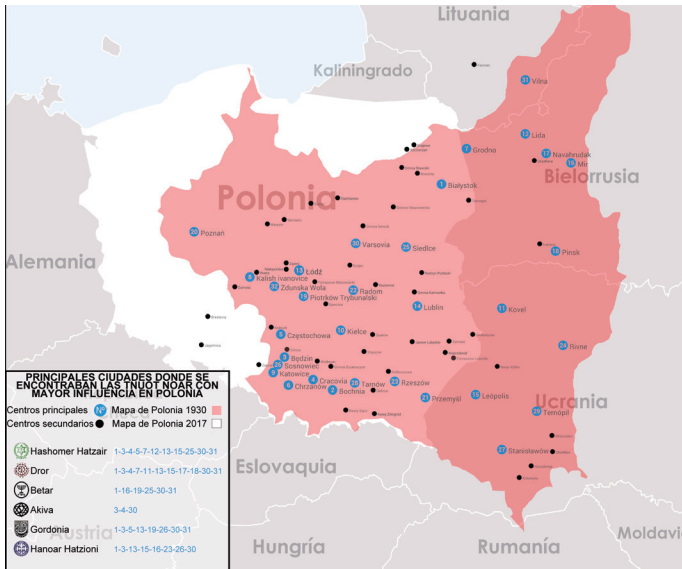
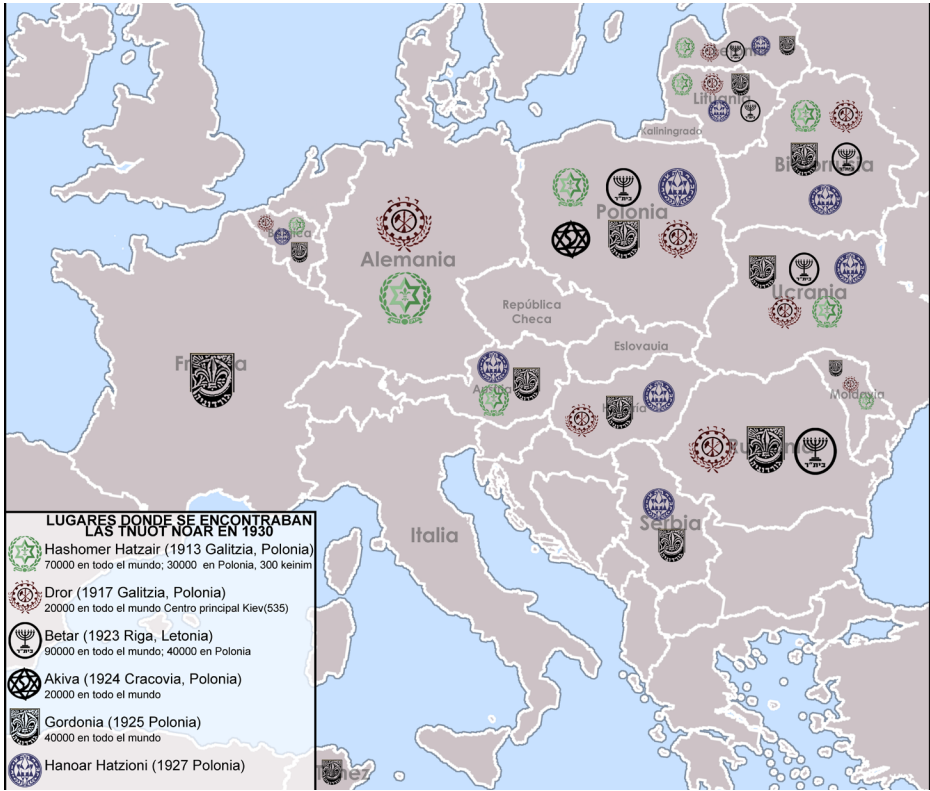
Seminário organizado por Noar Zioni, professor Janusz Korczak, 1938



Rosenheim, Alemanha: um grupo juvenil Kibutz Dror



Hashomer Hatzair, em Płońsk



Tachana 2

Alemanha nazista, 1933-1939

A Alemanha foi o primeiro país onde as *Tnuot Noar* modificaram seu comportamento. Com a ascensão do nazismo ao poder, elas adotaram um papel diferente no marco comunitário judeu.

A partir de 1933, os judeus residentes na Alemanha nazista começam a sofrer um grau de discriminação sem precedentes. São expulsos de instituições sociais e esportivas, perdem seu emprego e, no caso de políticos ou intelectuais, são exilados ou presos.

Esta política se forma por completo em 1935 com as Leis de Nuremberg ⁵. Ao mesmo tempo, influenciado pela propaganda, pela rede de comunicações e pela queima de livros de importantes autores, principalmente judeus, uma grande parte do povo alemão opta por denegrir os judeus alemães.

Frente a essa situação e motivadas por seus ideais sociais, as *Tnuot Noar* decidiram abrir seu leque de ação, adotando um papel em assuntos que até então lhes eram distantes e desconhecidos.

O regime nazista permitiu que os movimentos juvenis judaicos continuassem suas operações, mas obrigou-os a formar um sindicato, *Hechalutz* (o pioneiro), que estava sob supervisão. O motivo dessa intervenção era que o governo entendia que os movimentos juvenis judaicos fomentavam a emigração e isso era justamente o que desejavam os nazistas.

Até 1940, os movimentos juvenis judaicos atuaram na Alemanha nazistas, tendo inclusive *hachsharot* agrícolas. Muito jovens emigraram para Israel e influenciaram os adultos a emigrar com eles. Um grupo de *hachshará* do *Hechalutz* emigrou para países vizinhos, Holanda e Dinamarca, e foi o líder da resistência antinazista nesses países.

Na Alemanha, continuaram suas atividades durante todos os anos da guerra, organizando encontros culturais, debates sobre temas diversos e rituais tradicionais de caráter religioso e nacional e participando das organizações de ajuda mútua ⁶. Encarregavam-se de agrupar os judeus expulsos das organizações sócio esportivas, oferecendo-lhes um lugar de ajuda espiritual.

5- As Leis de Nuremberg foram uma série de leis de caráter racista e antisemita na Alemanha nazistas, adotadas por unanimidade em 15 de setembro de 1935.

6- Mario SINAY, *Resplandor en las tinieblas nazistas*, Córdoba, Editorial Universitaria Villa Maria, 2014, pág. 156.

Por conta das demissões e da falta de trabalho, muitos judeus veem-se, em pouco tempo, em uma situação de pobreza. Por isso, desde meados da década de 1930, as *Thuot Noar* organizam refeitórios populares, instituições educacionais e orfanatos. Dentre as proibições nazistas, havia a de não ouvir rádio nem ler jornais. Por isso, os jornais já existentes dos movimentos juvenis assumem um grau de importância muito maior e foram importante fonte de informação para os judeus da Alemanha.

Dentre as *Thuot Noar* já mencionadas, funcionavam na Alemanha o *Hashomer Hatzair* e o *Hechalutz*. Esta última contava com 15 mil membros em 1935. Muitos deles não participavam do movimento antes da subida de Hitler ao poder, mas filiaram-se ao *Hechalutz* com a esperança de emigrar para Israel.

Momentos que antecederam a 2ª Guerra Mundial

Antes do início da 2ª Guerra Mundial a Polônia contava com uma população de cerca de 25 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 3.350.000 eram judeus.

A população judia estava fortemente concentrada em algumas aglomerações urbanas: Varsóvia, Lodz, Grodno, Bialystok, Pinsk, Cracóvia, Lvov (Lemberg), Lublin. Em muitas dessas cidades, os judeus oscilavam entre 30-50% da população geral, enquanto que nunca superaram 15% da população em todo o território da Polônia, o que não deixava de ser uma cifra considerável.

Com uma população de mais de 360 mil judeus, que representavam quase 30% da população geral da cidade, Varsóvia era o centro urbano com maior contingente de judeus na Polônia ⁷. Grande parte de nossa análise será centralizada na reação dos movimentos juvenis sionistas nas cidades polonesas ⁸ e em suas fronteiras mais próximas.

Nos momentos que antecederam o irromper da guerra, as *Thuot Noar* estavam dispersas por todas as cidades da Europa e realizavam suas atividades de rotina. A maioria dos membros se encontravam em *machanot* de verão ou em suas *hachsharot* agrícolas. Quando já era eminente o início da guerra, os líderes de cada movimento se reuniram nas sedes centrais para decidir como reagiriam em tempos de guerra. Segundo o Comitê Central do *Dror*, em Varsóvia, “... na época acreditávamos que a Polônia resistiria durante meses. Os companheiros se filiariam ao exército, razão pela

7-Daniel FEIERSTEIN, *La resistencia en el gueto de Varsovia: Algo más que un grupo de héroes*, Buenos Aires, Editorial DAIA, Centro de Estudios Sociales, 2004, pág. 13- 14.

8- Atualmente, muitas dessas cidades não fazem parte da Polónia. Também durante a guerra, algumas foram mudando sua soberania. Tal é o caso de Vilna, que fez parte de Polónia até antes do início da guerra, mas logo foi entregue à Lituânia.

qual dispusemos que as moças concentrassem as atividades. E pensamos também que certamente a Polônia Ocidental seria logo conquistada pelos alemães, de modo que resolvemos transferir o Comitê Central para as províncias do Leste...”⁹

Em 20 de agosto de 1939, reuniu-se em Varsóvia a Hanagá Rashit B do Hashomer Hatzair, que era a direção clandestina formada por membros que não haviam sido recrutados, especialmente as moças¹⁰. Nela ficaram determinadas as tarefas para os membros do Comitê e se decidiu destruir grande parte dos arquivos do movimento. Nesse momento, os jovens acreditavam que os nazistas realizariam uma perseguição contra as organizações de ideologia esquerdista.

O início da guerra

Em 1º de setembro de 1939, as tropas nazistas invadem a Polônia. Em pouco mais de uma semana, o exército alemão ocupa quase por completo o território e consegue chegar até o Leste do país, onde permanecem menos de 7 dias. O Pacto Ribbentrop-Molotov, assinado em 23 de agosto de 1939 entre União Soviética e Alemanha, determinava entre outros a não agressão entre esses dois países e a divisão do território polonês: o Leste ficou ocupado pelos soviéticos e o Oeste pelos alemães. Os últimos soldados poloneses se rederam dias após cumprir-se um mês de batalhas.

Desde o início da invasão, o resultado era bastante previsto. Justamente por essa razão, a maioria dos dirigentes políticos judeus e não judeus decidem abandonar o território polonês ocupado pelos nazistas poucos dias depois do início do conflito bélico.

A divisão da Polônia tem grande importância para se entender as futuras reações dos movimentos juvenis judeus. Durante os dois primeiros anos do conflito bélico, os mais de 3 milhões de judeus que viviam no território polonês estavam divididos: alguns deles, sob ocupação nazista, e outros, sob ocupação soviética. Ambos os países ocupantes proibiram o funcionamento das Tnuot Noar sionistas. A Leste do território polonês, isso foi motivado pelo caráter nacionalista que era contrário à ideologia soviética comunista e, no Oeste, foi parte da perseguição sofrida pelos judeus poloneses sob o regime nazista.

Diante dessa situação, as Tnuot Noar estabeleceram seus comitês centrais na zona soviética e retomaram suas reuniões com os principais líderes do movimento. Cabe recordar que os dirigentes da comunidade judaica polonesa se haviam

9- Tzivia LUBETKIN, 1951, Días de exterminio y rebelión, Buenos Aires, Editorial Biblioteca Borojovista “Dror”, 1951, pág. 18 y 19.

10- Haika GROSSMAN, La resistencia clandestina, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, página 26.

instalado lá ou haviam partido para o exterior logo após a invasão alemã. Por isso, a maioria das comunidades do território polonês lá estava representadas.

Como conclusão dessas reuniões, foram traçadas duas linhas básicas de trabalho: por um lado, a busca incessante de caminhos que levassem a Eretz Israel; por outro, a necessidade de renovar a existência de movimentos juvenis que continuassem fortalecendo o sionismo na clandestinidade.

Terminadas essas reuniões, muitos dos membros mais influentes de cada movimento voltaram à Polônia nazista, principalmente a Varsóvia. Foi o caso, por exemplo, de Tzivia Lubetkin, Tossia Altman, Mordechi Anilevich, Frumka Plotnicka e Josef Kaplan. Os membros que, em sua maioria, se dirigiam a Varsóvia, tinham como objetivo percorrer as cidades de todo o país. Deviam informar os membros das cidades mais distantes que as tnuot seguiam funcionando.

*“E então alguém (**) começou a viajar em um vagão, durante noites escuras e através de caminhos na chuva, até cidade e lugares remotos por todo o país, secretamente batendo em janelas escuras no meio da noite, e quando a porta se abria, os olhos se deleitavam com satisfação e surpresa e os lábios murmuravam somente uma palavra: “A Hanagá (***)? Ainda existe? Ainda hoje? Realmente não estamos sós? ”. As perguntas se atropelavam, pedindo que a amargura da realidade fosse eliminada, as lembranças de antigas conversas voltavam à mente, bailes e discussões voltavam a ter vida”.*¹¹

Governo geral 1939-1941

No primeiro período da guerra, dentro do Governo Geral¹², foram criados milhares de guetos nas cidades que contavam com maior população judaica. Os cidadãos judeus que viviam em aldeias pequenas eram trasladados aos guetos das cidades, que eram pequenos bairros onde eram obrigados a realizar trabalhos forçados. As atividades juvenis se intensificaram nessa fase. As tnuot continuaram procurando caminhos que as levassem a Eretz Israel, mas o trabalho principal era promover, com urgência, uma ação social de ajuda aos judeus. A prioridade era dar pão aos famintos. Ao mesmo tempo, era de suma importância organizar a juventude. Desta forma, as tnuot continuaram renovando as hachsharot e formando novos kibutzim, que representavam um lugar de apoio espiritual e cultural para a juventude judaica da Polônia.

11- Tossia ALTMAN, Documento existente en Givat Haviva. Moreshet, Centro de Estudios de las Tnuot Noar en la Shoá del Hashomer Hatzair.

(*) Polónia ocupada. (**) Alusão às mensageiras, cuja primeira missão foi viajar de Ken em Ken, e preparar um relatório sobre a situação em cada lugar. (***) Grupo da liderança.

12- Nome dado pela Alemanha nazista à autoridade que governou os territórios poloneses ocupados depois da invasão pelas forças armadas alemãs.

“[...] O kibutz, também, era o rincão mais caloroso e luminoso em meio à escuridão do lodo e da depressão que nos rodeavam. Publicávamos um jornal, havia possibilidade de estudar hebraico e mantínhamos sempre discussões sobre problemas do mais alto nível filosófico. E, às vezes, nas horas mais difíceis, brotava a canção e começavam as danças. E os companheiros se uniam em uma “hora” agitada e emocionada. Os kibutzim do movimento nas cidades se converteram em centros de atração para a juventude”¹³.

As Tnuot Noar continuaram com seu trabalho educativo e social, criando refeitórios públicos e oferecendo aos jovens um espaço onde pudessem esquecer, por um momento, o tormento nazista em que viviam. Esse grande trabalho sociocultural fortaleceu os movimentos juvenis. Muitos jovens novos se aproximaram deles, tendo chegado a centenas de milhares de chanchim com o passar dos anos. Isso ocorreu em uma época em que ainda não se falava em extermínio, quando ainda havia esperança.

«Não sabia nada sobre a Hachshará organizada pela tnuá na Polônia, mas, se tivesse sabido, teria corrido para participar da mesma ... Uma tarde, um amigo do meu trabalho me convidou para participar de uma ieshivá no Ken do Hanoar Hatzioni [...]. Essa noite em que fui pela primeira vez ao Ken, foi o momento da virada na minha vida. Tudo o que ocorreu a partir dessa noite foi diferente do que eu vivera, anteriormente. De repente, a vida tinha sentido, inclusive na rotina diária e triste do gueto. Eu tinha expectativas pelo que acontecera durante o dia ou à noite com as ieshivot da tnuá ou com os chaverim, o que fazia com que o gueto parecesse não existir, nem as expulsões, nem a fome. Posso dizer com certeza que eu sobrevivi graças ao Hanoar Hatzioni. Antes de me incorporar ao Ken, eu tinha fome. Mas desde que comecei a ir ao Hanoar Hatzioni, quando estava no Ken e entre os chaverim, não tive mais fome e deixei de me lembrar da fome. Estava ocupado; minha mente e meu corpo pensavam em outras coisas”¹⁴.

Operação Barbarossa

Em 22 de junho de 1941, os alemães abrem uma ofensiva ao longo de todas as fronteiras russas. A 2ª Guerra Mundial entrava em uma nova etapa.

Novamente, em menos de uma semana, as tropas nazistas conquistam o Leste da Polônia. A partir de então, todo o território polonês, assim como grande parte da Europa, passa a ser controlado pelos alemães.

13- Tzivya LUBETKIN, Días de exterminio y rebelión, Buenos Aires. Editorial Biblioteca Borojovista “Dror”, 1951, pág. 46.

14- Revista Hashomer Hatzair, Mucho más que “tres líneas en la historia”. Testimonio de Israel Abiram. Israel Abiram, sobrevivente da Shoá, nascido em Lodz (Polônia), cresceu em uma família religiosa. Foi madrich do Hanoar Hatzioni no gueto de Lodz.

As Tnuot Noar radicadas na Polônia do Leste funcionavam, até então, de forma clandestina, mas sem grandes sobressaltos, sem haver uma perseguição permanente sobre as mesmas. Logo após o início da ofensiva nazista contra as forças soviéticas, muitos companheiros dos movimentos juvenis expressaram o desejo de se filiar ao exército da União Soviética. Essa foi, justamente, a primeira decisão que tomaram. Parte deles se uniria ao exército, enquanto outros membros permaneceriam na cidade junto com os demais judeus.

Todas as ações antissemitas e desumanas iniciadas na Alemanha no ano de 1933, que, posteriormente, foram confirmadas pelas Leis de Nuremberg e, logo a seguir, pelo Governo Geral, e que terminaram com a feroz repressão nos guetos, foram realizadas em apenas poucas semanas em todas as cidades da Polônia do Leste.

«Os decretos vinham um atrás do outro, sem parar. Primeiro houve blitzes maciças de homens. Durante o dia todo, e a noite também, homens eram levados para “trabalhar” sem nunca mais voltarem [...]. Em menos de uma semana havíamos deixado de ser pessoas e nos convertemos em “mercadoria” disponível para qualquer alemão»¹⁵.

Para os judeus, a Operação Barbarossa representou um ponto de inflexão. Semanas depois, as tropas alemãs iniciaram uma operação de maciças matanças contra os judeus de Vilna. Entre julho e agosto de 1941, enquanto preparavam a zona onde estabeleceriam o gueto, 8.500 judeus foram assassinados nos bosques de Ponar, a 13 km da capital. No início de setembro de 1941, os alemães estabeleceram dois guetos em Vilna. Os judeus que eles consideraram incapazes para o trabalho foram concentrados no gueto no 2. E, de fato, em outubro do mesmo ano, os alemães e seus ajudantes lituanos destruíram o gueto no 1, matando sua população em Ponar. Em final de 1941, os Einsatzgruppen¹⁶ haviam matado 40 mil judeus em Ponar, apenas.

Os judeus de Vilna sofreram em poucos meses todas as medidas antissemitas que tinham sido impostas gradualmente na Alemanha e, posteriormente, na Polônia ocupada. No entanto, nessa época, já estava sendo organizado uma última etapa: o extermínio. Sendo assim, grande parte das Tnuot Noar da Polônia do Leste compreenderam que já não havia esperança. Nem todos os movimentos decidiram agir de maneira igual depois de tomarem conhecimento do ocorrido em Ponar, e nem todos os guetos necessitavam do mesmo modus operandi. Igualmente, a partir desse momento, as atividades das Tnuot Noar

15- 15- Haika GROSSMAN, La resistencia clandestina, Buenos Aires. Editorial Milá, 1990, pág. 26.

16- Esquadrões da morte pertencentes às SS.

giraram baseadas no projeto de clandestinidade montado por Abba Kovner e os membros do Hashomer Hatzair:

Projeto de clandestinidade de Abba Kovner:

- 1) Estabelecer a organização de combate e suas células. Cada membro do movimento, depois de ser ratificado pela secretaria, seria mobilizado para a organização de combate, e cada um deles conheceria apenas os integrantes de sua própria célula.
 - 2) Buscar aliados nos outros movimentos chaltuzianos e também entre os comunistas. A organização deveria incluir todas as forças antifascistas existentes no gueto.
 - 3) Melhorar e ampliar nossa rede na zona ariana. Sua função seria buscar aliados fora do gueto, estabelecer vínculos com eles e, com sua ajuda, conseguir armas. O armamento era fundamental e requeria a elaboração de um plano bem definido, após serem examinadas todas as possibilidades existentes nos locais de trabalhos dos alemães. Também indagaríamos aos poloneses, com os quais pensávamos estender nossa rede de contatos.
 - 4) Difundir entre todos os judeus e, em especial, entre os jovens, a cruel verdade acerca dos projetos de aniquilação total dos judeus que os alemães imporiam na Europa Oriental. Devíamos incitá-los a defender suas vidas com armas, paus, ferramentase, quando não houvesse outra possibilidade, com as próprias mãos¹⁷
-

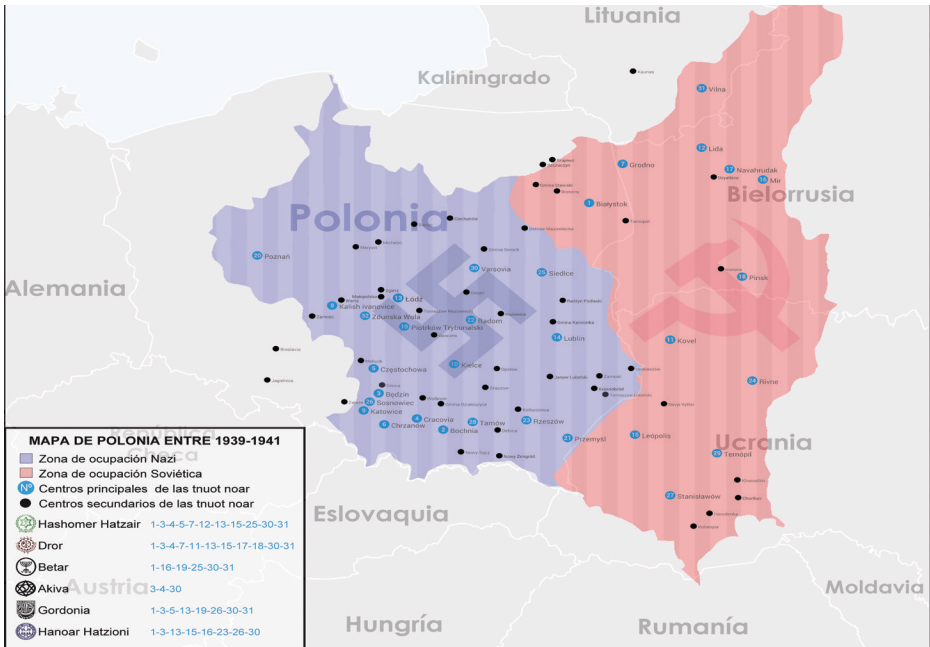
17- Haika GROSSMAN, La resistencia clandestina. Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, pág. 46.



Gueto de Lodz, Polônia, Gordônia; Membros do grupo que trabalham no campo, 1941



Gueto de Lodz, Polônia, 1941, membros do movimento de Gordônia lendo na aula



Celebração da Chazit, Bnei, Dor, Hamadbar que comemora o Dia de Bialik no gueto de Lodz, Polônia
Lodz, Polonia

Tachana 3

Resistência

Após contextualizar em termos gerais a forma como as Tnuot Noar agiram desde o início da guerra até o momento em que decidiram realizar organizações clandestinas de combate, abordaremos agora casos específicos de resistência, tanto armadas quanto espirituais.

A definição conceitual de resistência, segundo a Enciclopedia del Holocausto, é a seguinte: 'Oposição ativa ou programada aos nazistas e seus colaboradores, por parte de indivíduos ou grupos judeus; toda atividade destinada a neutralizar o processo de desumanização destinado a massacrar os judeus.'

Resistência / Haim Guri

Resistiu quem conseguiu um pedaço de pão.

Resistiu quem deu aulas clandestinas.

Resistiu quem escreveu ou distribuiu um jornal clandestino pondo fim a falsas ilusões.

Resistiu quem introduziu secretamente um Sefer Torá.

Resistiu quem falsificou documentos "arianos" que salvaram vida.

Resistiu quem conduziu os perseguidos de uma terra a outra.

Resistiu quem descreveu os acontecimentos enterrando-os em papel.

Resistiu quem ajudou os mais necessitados.

Resistiu quem pronunciou aquelas palavras que o levaram a seu próprio fim.

Resistiu quem ergueu o punho contra os assassinos.

Resistiu quem transmitiu mensagens entre os sitiados e conseguiu trazer provisões e algumas armas.

Resistiu quem sobreviveu.

Resistiu quem combateu armado nas ruas das cidades, montanhas e bosques.

Resistiu quem se rebelou nos campos de extermínio.

Resistiu que, se rebelou nos guetos, entre muros caídos, na revolta mais destituída de esperanças que algum dia o ser humano conheceu.

Resistência espiritual

A resistência espiritual é aquela em que não se utiliza nenhum tipo de arma, mas nem por isso deveria ser associada com o conceito inadequado de "passividade

judaica”, refletido também na frase “como ovelhas ao matadouro”. A santificação da vida, a autoajuda e solidariedade como formas de sobrevivência, as atividades clandestinas, os movimentos juvenis e as organizações judaicas são algumas das manifestações de resistência espiritual contra a opressão nazista.

Dentro da resistência espiritual, o mais importante é a vontade de resistir e a consciência de que se manifestou uma oposição clara ao nazismo. Principalmente nos primeiros anos da guerra, as Tnuot Noar tiveram um papel de destaque na resistência espiritual. Enquanto havia esperanças, os jovens se encarregaram da educação, cultura, ajuda mútua e a contenção da juventude.

A educação clandestina

A educação clandestina mostrou o anseio dos educadores de oferecer aos estudantes certa estabilidade através da difusão de valores e da aprendizagem. O Ginásio Hebreu do movimento juvenil Dror, no gueto de Varsóvia, era um colégio clandestino que iniciou suas operações em 1940 com 3 alunos e 7 professores e, em seu apogeu, chegou a 120 alunos e 13 professores. Os alimentos que conseguiam eram vendidos e com isso se comprava pão para os professores, os alunos e seus familiares. Os alunos e professores se mudavam de um apartamento a outro e tinham aulas em um quarto junto com a família que os recebia. No Ginásio, estudavam-se os conteúdos regulares da escola secundária polonesa, com ênfase em história e cultura, socialismo, a história do movimento operário, a história de Israel e o idioma hebraico.

Os estudantes ajudavam os residentes do gueto, especialmente as crianças e jovens, a quem davam aulas na Pré-escola e também a seus amigos. Também preparavam obras de teatro que eram apresentadas ao público do lugar. A direção do colégio foi entregue a uma pequena comissão formada por Joseph Sack e Yitzhak (Antek) Zuckerman. Marek Fullman era o diretor de ensino. O espírito do colégio era mantido vivo pelo poeta Itzhak Katzenelson. Todos os docentes faziam parte da clandestinidade e suas ações os expunham ao perigo, não só eles, mas também suas famílias ¹⁸.

O educador Janusz Korczak também se aproximou do Ginásio do Dror, participando com regularidade nos seminários, colaborando nos jornais e desempenhando o papel de shaliach de Eretz Israel no movimento.

18- Mario SINAY, Resplandor en las tinieblas nazistas, Córdoba, Editorial Universitaria Villa Maria, 2014, pág. 26.

Mary Berg, jovem adolescente do gueto de Varsóvia, escreveu em seu diário: “28 de setembro de 1941- As pessoas se negam a crer que estes trabalhos foram produzidos dentro dos muros do gueto, sob as atuais condições de constante caça aos homens, fome, epidemias e terror. Nossa juventude tem dado provas tangíveis de sua força espiritual, de sua capacidade de resistência, de sua coragem e de sua fé em um mundo novo e mais justo!

15 de novembro de 1941- Ultimamente foram construídos numerosos círculos educacionais. Fala-se principalmente polonês, mas em muitos casos usa-se o iídiche ou o hebraico, por questão de princípio. O interesse pelo hebraico aumentou enormemente, porque a juventude deposita suas esperanças em um grande êxodo à Palestina ¹⁹.

Tamara Lazerson-Rostovski, do gueto de Kaunas, escreveu o seguinte: “1º de agosto de 1943 – Comecei a estudar hebraico, trabalho o dia todo e estudo à tarde. Há uns dias resolveram abrir o Ginásio para nós. Eu estava tão perto de meu objetivo.... Ah, a educação, o ensino e a educação, outra vez!

Os exames foram realizados, estudamos, decoramos. Nossas escolas profissionais também estão fechadas, que vergonha! Finalmente encontrei meu propósito: a aprendizagem ²⁰.

15 de agosto de 1943 - Continuo estudando hebraico. Estou muito ocupada com as atividades culturais do gueto. A juventude está sedenta por aprender e adquirir conhecimentos. Os jovens querem educar-se .

Além das escolas clandestinas, o grande crescimento que o Dror teve na Polônia criou a necessidade de estruturar um corpo de novos instrutores, capazes de assumir o difícil trabalho nas condições de clandestinidade. Por isso, realizaram uma série de seminários com o fim de estudar os aspectos doutrinários e didáticos do movimento. O primeiro seminário, realizado em Varsóvia, durou seis semanas e contou com a participação de 50 membros do Dror ²¹.

Identidade na clandestinidade

Para manter a integridade humana e a dignidade judaica em meio à escura opressão e aos assédios que rodeavam os jovens nos guetos, era necessário prender-se às tradições, ao judaísmo, aos ideais e àqueles elementos que

19- Mary BERG, El gueto de Varsovia, Diario 1939-1944, Madrid, Sefarad Editores, 2010.

20- Tamara Lazerson-Rostovski, citado en: Mario SINAY, Resplendor en las tinieblas nazistas, Córdoba, Editorial Universitaria Villa María, 2014, pág. 27.

21- Tzivia LUBETKIN, Días de exterminio y rebelión, Buenos Aires, Editorial Biblioteca Borjovista “Dror”, 1951, pág. 51.

compõem a identidade de uma pessoa. Estando nutridos de identidade, as pessoas permaneciam espiritualmente vivas; mantendo a alma forte, permitia-se que o corpo resistisse mais.

Foi assim que muitos jovens começaram a se acercar aos movimentos juvenis sionistas fortes em ideologia.

Dror no Gueto de Varsóvia: “A fervorosa militância de nossos jovens companheiros, que, arriscando constantemente suas vidas, entregavam-se por completo ao movimento, despertava sentimentos de admiração no seio da juventude que, até então, estivera distante de nós. Nasceu nessa juventude uma nova esperança e a aspiração de uma vida diferente, vendo-se atraída pelo trabalho. A criação e o crescimento de centros trouxeram consigo um amplo e vigoroso trabalho cultural-educativo. Advertimos de imediato que o número de instrutores com que contávamos era insuficiente para atender as massas de jovens que ansiavam por estar junto a nós”²².

Os trabalhadores das fábricas de Bialystok, influenciados pelas células clandestinas da organização de combate dessa cidade, decidiram comemorar de forma festiva o Dia do Trabalho, o 1º de maio de 1943.

“... Em 1º de maio, dezenas de milhares de operários fabris pararam. Veladamente se uniam às fileiras de milhões de seres que haviam escolhido essa data como dia da liberdade e da justiça para todos os trabalhadores. Cada um dos judeus que trabalhavam nas fábricas alemãs sentiu-se, nesse dia, um combatente. A resistência ao fascismo se expressava sem palavras em cada uma das máquinas paradas, em cada canto das silenciosas e ensolaradas salas das oficinas. Nesse dia as pessoas falavam sussurrando, lenta e calmamente, como que inspiradas. Os operários que não se haviam organizado em células clandestinas, as pessoas que não tinham sido recrutadas para a luta, os judeus que não tinham armas em suas mãos e que não tinham tido o privilégio de fazer parte da organização da resistência judaica, todos eles manifestaram também sua solidariedade com os combatentes. Ao longo de toda essa jornada não costurariam uniformes para o exército nazista na fábrica de Waxman nem se esforçariam junto ao torno e às ferramentas de carpintaria na fábrica de Stephan. Nem coros, nem produtos químicos, nem produtos têxteis. Era 1º de maio, e o gueto fazia greve. Os trabalhadores chegavam festivamente às oficinas e, ainda que não pudessem celebrar seu dia como homens livres, o comemoravam sentados junto às máquinas paralisadas...»²³.

22- Ibidem, pág. 50. 23- Haika GROSSMAN, La resistencia clandestina, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, pág. 307.

23- Haika GROSSMAN, La resistencia clandestina, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, pág. 307.

As palavras que seguem correspondem às memórias da sobrevivente do gueto de Varsóvia, Bracha Karvaser:

Nos sábados pela manhã nos encontramos nas atividades do movimento juvenil sionista. Eu aderi a essas atividades. Os instrutores jogam conosco, nos ensinam canções em hebraico e nos contam histórias apaixonantes sobre a Terra de Israel. Estes encontros me dão muita satisfação e procura não perder nenhum. O almoço do sábado é diferente do que temos no restante da semana. Comemos Tchulent com gosto de gueto. Essa comida tem cevadinha, batatas, tudo condimentado com azeite negro. Apesar de tudo, lembro-me de seu gosto milagrosamente bom. Durante a terceira refeição continuávamos escutando da boca de nosso pai, como sempre, lendas sobre a Terra de Israel. Os sábados eram os únicos dias em que parecia que não tínhamos fome, apesar de não ter comido até nos saciarmos. A atmosfera especial do sábado, a elevação espiritual e a santidade contribuía para a ilusão de nos sentirmos saciados..²⁴*

Ajuda mútua e solidariedade

A situação extrema enfrentada pelos judeus durante a guerra fez com que, na maioria dos casos, cada um se preocupasse unicamente com sua sobrevivência. Na verdade, houve muitas pessoas que arriscaram sua vida para tentar salvar seus irmãos, agindo individualmente ou em organizações de assistência social. Em muitos dos guetos, funcionavam refeitórios públicos.

Em Varsóvia, por exemplo, havia mais de 70 desses refeitórios. Alguns estavam a cargo dos movimentos juvenis. Desde o irromper da guerra, na rua Dylena 34 funcionou um refeitório popular organizado pelos membros do Dror.

Merecem menção especial os Hoiz (comitês dos guetos), que agiam amparados pelo toque de recolher estabelecido a partir das 19h. Nesse horário, saíam de suas casas e passavam aos amplos pátios dos edifícios, onde ofereciam uma variada atividade cultural. Era aí que os jovens se reuniam, estudavam temas gerais, conversavam sobre problemas da atualidade e entoavam canções em hebraico.

Em Varsóvia, havia mais de 8 mil jovens organizados sob os movimentos juvenis. Em cada edifício, as madrichot (instrutoras) de todos os movimentos juvenis se encarregavam das crianças órfãs nos “cantinhos infantis”, jogavam com eles e lhes ensinavam e educavam”.²⁵

24- Aviva KARVASER SADAN, Lijiot al hav ha-ketz: Sipura shel Braja Karvaner, Israel, Beit Lohamei Haguetaot, 1995, pág. 28-29.

25- Mario SINAY, Resplendor en las tinieblas nazistas, Córdoba, Editorial Universitaria Villa Maria, 2014, pág. 30.

Periódicos e rádio clandestinos

A maioria dos grupos políticos e os movimentos juvenis clandestinos nos grandes guetos publicaram periódicos ilegais e boletins para informar as pessoas sobre eventos e manter a moral. No gueto de Lodz, um grupo clandestino composto por uma dezena de pessoas de diferentes partidos políticos manteve um posto de escuta de rádio durante cinco anos. Quando as autoridades alemãs descobriram a rádio, executaram todos os que participavam nessa atividade ilegal. O líder da equipe, o ativista sionista Chaim Nathan Widaski, suicidou-se para evitar a prisão e a tortura ²⁶.

Dentro do gueto de Varsóvia, a editora Dror publicava com regularidade o jornal do movimento, que, desde 1940, era publicado mensalmente e contava com 24 páginas. Posteriormente, também publicaram uma edição semanal.

Atos de sabotagem

Apesar dos enormes riscos, grupos clandestinos organizaram numerosos atos de sabotagem. Como muitos judeus faziam trabalhos forçados fora dos guetos, eles aproveitavam essas oportunidades para sabotar, de diferentes maneiras. Os sabotadores roubavam documentos, manipulavam maquinário vital, produziam munições defeituosas, reduziam a produção nas linhas de montagem, roubavam peças para vender no mercado negro e iniciavam incêndios nas fábricas ²⁷.

Houve dois importantes atos de sabotagem por parte dos operários do gueto de Bialystok. A primeira foi a interrupção dos planos nazistas de enviar espões alemães com uniformes soviéticos e a segunda, o prejuízo causado na fábrica de sapatos e botas:

«... Barash (*) nos contou que o gueto tinha recebido uma encomenda de 600 uniformes para soldados e oficiais soviéticos: gorros, calças, casacos. A encomenda fora feita pelo SD (**) e vinha acompanhada por um esclarecimento: [...] Barash o havia revelado a nós como um grande segredo:

- Não necessito explicar, precisamente a vocês, para que fim os alemães vão usar esses uniformes. Apenas estou surpreso que confiem em nós.

26- Ibidem, pág. 36.

27- Ibidem 24, pág. 36. (*) Vice-presidente do Judenrat de Bialystok, que mantinha uma boa relação com os movimentos juvenis. (**) Exército alemão.

- Não que tenham confiança em nós. Simplesmente não entra na cabeça deles que um judeu possa compreender o significado de uma fraude tão sofisticada. Não concebem que um judeu possa se revelar ou prejudicá-los. Talvez julguem os judeus assim como lhes ensinaram em suas academias especiais para os assuntos judeus: como pessoas sem autoestima que podem ser enclausuradas em um gueto sem que tentem derrubar os muros da escravidão. Supõem que somos incapazes de alertar a quem de direito sobre a armadilha que se propõem ofertar.

[...]Para nós, de todo modo, essa era uma informação sumamente valiosa e ficamos muito agradecidos a ele. Havia no gueto uma grande fábrica de bonés. Aos companheiros da organização que lá trabalhavam, pedimos que colocassem em cada boné soviético, dentro da caixa, um pedaço de papelão quadrado amarelo. Esse era o sinal. Mas também havia outros, como, por exemplo, pequenos pedaços de papel com a frase: 'Este homem traiu sua pátria', e outras do gênero"²⁸.

Os judeus combatentes de Bialystok tinham contato com grupos soviéticos, e assim puderam avisar quais eram os sinais que indicavam que se tratava de um espião, arruinando, desta forma, os planos nazistas.

“Outras ações também devem ser creditadas aos operários de Bialystok. Se alguma vez leram algo ou ouviram falar sobre os pés gelados dos soldados de Hitler, em algum ponto do gélido Norte, sobre os dedos paralisados pelo frio, pés que se recusavam a avançar fuhr der sieg, a caminho da vitória, saibam que essa foi a contribuição dos operários das fábricas de sapatos e botas de feltro do gueto de Bialystok. Lá se produzia um calçado bonito e brilhante, que realmente chamava a atenção: botas forradas de lã pelas quais todos suspiravam. Ninguém teria suspeitado que esses calçados de aspecto tão resistente, com rebite e reforços caso soltassem a sola. Quem teria imaginado que essas esplêndidas botas forradas de pele branca não durariam mais de um mês e estavam destinadas a se desfazer na neve como uma folha de papel? Mãos hábeis as haviam fabricado deliberadamente assim. [...]. Cumpriram com o combinado sem que ninguém se apercebesse. [...]. Foi um trabalho valioso e modesto. Ninguém se inteirou e o fato não foi divulgado nos jornais. A organização clandestina ia cavando como um furão; dezenas de operários unindo-se em atos de sabotagem”²⁹.

As mulheres mensageiras

Na Polônia ocupada pela Alemanha e na União Soviética, as “mulheres correio” eram membros dos movimentos juvenis clandestinos que criaram uma

28- Haika GROSSMAN, *La resistencia clandestina*, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, pág. 182.

29- *Ibidem*.

extensa rede de comunicações que ajudou a conectar os guetos isolados. Estas mulheres levaram adiante um papel fundamental que incluía viajar com nomes e documentos falsos, levar correios e documentos ilegais, jornais clandestinos e dinheiro. Também compravam armas e as faziam entrar contrabandeadas no gueto.

Emmanuel Ringelblum, fragmento de Oineg Shabbos (As crônicas de Varsóvia): “As mulheres combatentes, Haika, Frumka e muitas outras são tema digno de um grande escritor, jovens valentes, heroínas destemidas, que viajam entre as cidades e aldeias na Polônia, com certificados arianos falsificados, dia-a-dia expostas ao perigo da morte. Elas confiam em sua aparência ariana e nos lenços que cobrem seus rostos. Aceitam as missões mais perigosas sem dizer palavra e as obedecem sem questionar nem duvidar.

É preciso viajar a Vilna, Bialystok, Levov, Lublin, Chentojova, Radom e, além disso, levar mercadoria proibida, como por exemplo publicações clandestinas, documentos ilegais, dinheiro, carimbos, tudo isso elas fazer como algo administrável e sem pânico. Se é preciso salvar um companheiro em Vilna, Lublin, Varsóvia e outros povoados, elas se oferecem como voluntárias para essa missão; elas fazem tudo com humildade e segurança. Nenhum estorvo atrapalha seu caminho. Não têm dificuldades nem impedimentos. Para sair fora da zona do Governo Geral, é preciso viajar de trem e estar cara-a-cara com oficiais nazistas e guardas poloneses, porque apenas os que têm permissão especial podem viajar nesses trens e elas viajam como se fosse costumeiro e natural, e chagam aos povoados judeus onde nenhum outro representante das instituições judaicas conseguiram chegar, como Wolin, Ucrânia e Lituânia. Quantas vezes viram a morte cara-a-cara? Quantas vezes foram registradas? Quantas vezes foram presas?”³⁰

Também, ainda que em menor percentagem, havia homens que realizavam a atividade de “homens correio”.

Vladka Meed, mensageira clandestina do gueto de Varsóvia: “O objetivo principal de nossa missão no lado ariano (...) era conseguir armas para a resistência no gueto... Yurek (Aryeh Wilner) havia conseguido comprar uma quantidade considerável de revólveres e granadas de mão de uma mulher gentil. Assim que ele levou a maleta com a “mercadoria” a seu apartamento, a Gestapo se precipitou sobre ele, encontrou as armas e deteve Yurek... Vários meses mais tarde fiquei sabendo que Yurek havia sido torturado pelos alemães. Suas mãos e pés haviam sido esmigalhados a golpes; no entanto, ele não havia traído seus companheiros”³¹.

30- Ibidem

31- Mario SINAY, Resplandor en las tinieblas nazistas, Córdoba, Editorial Universitaria Villa Maria, 2014, pág. 36.

Resistência cultural

As expressões culturais durante a Shoá funcionaram como via de escape, como um refúgio para a dura realidade que lhes coubera viver. Intelectuais, artistas, músicos e atores não interromperam suas atividades apesar das duras críticas que receberam. O lema era “viver com dignidade e morrer com dignidade”. E assim funcionavam, nos diferentes guetos, bibliotecas clandestinas, uma orquestra sinfônica, grupos de câmara, coros, café, teatros, além de organizarem recitais de poesia e peças de teatro.

Dror, no gueto de Varsóvia: “Realizamos noitadas bíblicas sob a orientação de Itzhak Katzenelson; consistiam em leituras ou representações de temas bíblicos. Aos milhares, os judeus iam a estas reuniões, nas quais, por algumas horas, fugiam da tenebrosa vida do gueto. E essas noitadas, de fato, se convertiam em positivas e valiosas demonstrações de massa: sempre continuávamos vivendo e tínhamos flashes de luz e de criatividade”.

O Dror publicou a peça teatral bíblica de Itzhak Katzenelson, intitulada *Job*. O drama havia sido escrito pelo poeta durante a guerra. Sua edição foi um grande acontecimento na vida dos judeus em Varsóvia. Noite após noite, perante diferentes grupos de pessoas, Katzenelson lia sua obra em noitadas literárias. Começou lendo-a na rua Dyelna (a casa do Dror) e logo após, em outros círculos, na presença de intelectuais e artistas. Toda pessoa que escutava Katzenelson lendo sua peça *Job* se animava, sentindo acender dentro de si a faísca da rebelião, e desse modo se animava o espírito dos judeus do gueto. ... Os nazistas não conseguiram quebrar o espírito judeu. As forças criativas nasciam em nosso seio. Até o mais abatido entre nós, podia pensar, naqueles dias, que talvez, apesar de todo o horror, não conseguiriam dobrar a alma judia. Katzenelson escreveu muito nesse período. Na editoria clandestina do Dror ele publicou, em iídiche, *Um judeu saiu à rua, uma tradução de Al Hashchitá (Na matança) de Chaim Nachman Bialik*; artigos sobre Peretz e Méndele; um poema acerca da morte do poeta popular Hércsele (Danilevich); um poema para Hitler: *Quando o diabo tem razão*; além de *Job* e muitos outros ³².

O Dror publicou *Sufrimientos y heroísmos en la historia de nuestro pueblo*, um livro de 120 páginas, do qual foram impressos 2 mil exemplares. Esse foi o primeiro livro publicado no gueto.

Também no gueto de Vilna foram realizadas atividades culturais centradas em uma ideologia sionista, sob os auspícios da Brit Ivrit (Unión Hebraica). Um

32- Tzivia LUBETKIN, *Días de exterminio y rebelión*, Buenos Aires, Editorial Biblioteca Borojovista “Dror”, 1951, pág. 60.

coro executava, em hebraico, canções dos pioneiros, textos bíblicos, melodias chassídicas, etc. Brit Ivrit também dirigia um teatro hebraico. Um coro, dirigido por Abraham Slep, executava canções em iídiche – em geral, canções populares – acompanhado por uma orquestra. Outro coro cantava peças litúrgicas.

Resistência armada em Vilna ³³

Em junho de 1941, como parte da Operação Barbarossa, a Alemanha invadiu a União Soviética e Vilna foi ocupada pelos nazistas. Os lituanos continuaram suas ações antissemitas, ao passo em que os alemães começavam a realizar matanças maciças. A administração alemã obrigou os judeus a usar uma tarja no braço com a Estrela de David, proibiu que utilizassem o transporte público e que entrassem em locais públicos da cidade. Além disso, impôs o toque de recolher e o racionamento de alimentos, confiscando seus telefones e se apoderando de suas propriedades.

A matança maciça dos judeus de Vilna começou quando chegou à cidade a unidade do Einsatzkommando 9, em final de junho de 1941. Os assassinatos foram executados em Ponar, um bosque pitoresco e popular local de férias, ao sul de Vilna, facilmente acessível de trem. Entre os dias 4 e 20 de julho de 1941, os alemães massacraram 5 mil judeus, em Ponar. Em 31 de agosto, antes da criação do gueto, ocorreram mais assassinatos.

Em 6 de setembro de 1941, os nazistas estabelecem dois guetos, onde são internados os residentes judeus de Vilna. No gueto no 1, colocaram a população “produtiva”: artesãos e trabalhadores com autorizações; os restantes foram internados no gueto no 2. Foram criados dois Conselhos de Judeus, os Judenrat. O gueto no 2 foi liquidado em 21 de outubro de 1941. Em princípio de 1942, o chefe da polícia judia do gueto no 1, Jacob Gens, foi nomeado presidente do Judenrat.

Tão rápida e violenta foi a ação nazista em Vilna que os movimentos juvenis tiveram que reagir imediatamente às ações bem-sucedidas que ocorriam ao seu redor. A população judaica estava sendo exterminada e eles eram os observadores principais.

Por este sentido de urgência, os movimentos juvenis deixaram de lado todo tipo de diferenças e, pouco depois de anunciado o projeto de Abba Kovner ³⁴, em 1942, formaram um grupo de guerrilheiros partisanim judeus, conhecidos como a Organização de Partisanim Unidos (Fareynegte Partizaner Organizatsye;

33- Ver notas – Número 1.

34- Ver nota ao pé da pág. 18.

FPO), integrado por todas as forças políticas juvenis. Entre elas, Hechalutz, Betar, os comunistas, Hashomer Hatzair e outros. Dentre os membros da FPO, estavam Yitzhak Wittenberg (comunista), Joseph Glazer (Betar), Abba Kovner (Hechalutz), Joseph Glasman, Abraham Kuonis, Yakov Kaplan, Asia Big, Sheiva Madel Reytke (mensageira que se suicidou) y Rivka Madeiskar (também mensageira).

Proclamação do agrupamento de jovens pioneiros judeus de Vilna. Chamado à resistência:

Abba Kovner. 1º de janeiro de 1942:

*“Juventude judaica, não acreditem nos que os enganam! Dos 80 mil judeus da “Jerusalém da Lituânia” (Vilna), restaram apenas 20 mil. Diante de nossos olhos, estão-nos arrancando nossos pais, nossos irmãos e irmãs. Onde estão as centenas de homens que os “sequestradores” lituanos levaram para trabalhar? Onde estão as mulheres e crianças nuas que foram arrancadas de nós? Todos aqueles que foram levados do gueto nunca mais retornarão. Todos os caminhos da Gestapo conduzem a Ponar. E Ponar é a morte! Rechacem todas as ilusões e dúvidas. Seus filhos, seus maridos e suas mulheres já não vivem mais. Ponar não é um campo. Lá todos são fuzilados. O objetivo de Hitler é destruir todos os judeus da Europa. Os judeus da Lituânia têm como destino serem os primeiros do turno. Não iremos como ovelhas ao matadouro! É verdade que somos fracos e indefesos. Mas a resistência é a única resposta diante do inimigo! Irmãos! É preferível cair como combatentes livres do que viver pela bondade dos assassinos. Resistam! Até o último alento!”*³⁵

A FPO trabalhou em conjunto com a Madre Superiora Ana Borkowska³⁶. Ela foi uma das fontes de abastecimento de armas da organização; além disso, providenciou documentos e ajudou a “colocar” pessoas na zona ariana e salvar crianças judias.

“Em janeiro de 1942, ela convocou Abba Kovner ao portão do gueto. A Madre Superiora do convento veio com três granadas de mão escondidas em seu amplo vestido [...] as primeiras armas do movimento clandestino [...], diante do portão de uma casa, a Madre Superiora, com seu vestido, mostra a um jovem judeu que pretende lutar uma guerra perdida, como utilizar uma granada; enquanto isso uma moça fica tomando conta deles”³⁷.

Dentro do movimento, em Vilna, a falsificação de documentos assume grande importância. No princípio, a “indústria” de documentos se desenvolveu muito bem. Por um lado, os membros da organização estavam bem equipados com

35- Mario SINAY, Resplandor en las tinieblas nazistas, Córdoba, Editorial Univ. Villa Maria, 2014, página 65.

36- Justa entre as Nações.

37- Dina PORAT, Meever a-gashmi: parashat jaiav she lAbba Kovner, Tel Aviv, Jerusalén, Am Oved y Yad Vashem, 2000, página 75.

esses documentos, fato este que lhes permitia permanecer no gueto como trabalhadores, fazer-se passar por cidadãos arianos ou ter documentos para poder viajar, etc. Além disso, começaram a vender esses documentos, e o dinheiro “sujo”.

“Os companheiros do gueto estavam famintos, e gelados por falta de roupa e lenha, mas não gastamos nem um único centavo desse dinheiro. Lembro-me como partilhámos, pedaço por pedaço, opção da pobreza, como precisávamos manter-nos vivos, um cuidando do outro. Roshka e Vitka, Aba e Edek mentiam no peso do pão para se servir menos e aumentar a ração do companheiro”³⁸.

A FPO enviou grupos da direção a outros guetos para assim estabelecer organizações de luta em diferentes cidades. Esses grupos sempre estavam equipados com os documentos produzidos por essa organização. Também foram enviadas mensageiras a diferentes cidades da Polónia para contar, em primeira mão, o que tinha ocorrido em Vilna.

Apesar de se haver consolidado rapidamente, a resistência de Vilna não chegou a concretizar grandes ações. As constantes discussões com o Judenrat, aliadas à falta de apoio por parte dos judeus do gueto, resultaram nas fracassadas tentativas de rebelião.

O gueto de Vilna foi liquidado em setembro de 1943. Os partisanim que ainda permaneciam no gueto fugiram para os bosques, a partir de onde continuaram com seus atos de resistência.

O Conselho Judaico, no entanto, concordou em cooperar nas deportações de judeus do gueto, com a esperança de reduzir ao mínimo a matança. Sendo assim, a FPO decidiu fugir para os bosques próximos para lutar contra os alemães. Alguns combatentes do gueto escaparam da destruição final fugindo através dos esgotos para se unir aos guerrilheiros nos bosques de Rudnikai e Naroch, nos arredores da cidade.

*Cracóvia*³⁹

O exército alemão ocupa Cracóvia na primeira semana de setembro de 1939. A perseguição aos judeus começa de imediato e se intensifica depois que os alemães declaram Cracóvia como capital do Governo Geral dessa área da Polónia que a Alemanha não havia anexado diretamente a suas províncias do Leste. Na cidade,

38- Jaika GROSSMAN, *La resistencia clandestina*, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, página 52.

o castelo Wawel se converte na residência do advogado nazista Hans Frank, que havia sido nomeado Governador Geral da Polônia. A prisão de Montelupich se converte em uma prisão da polícia de segurança alemã.

Em maio de 1940, os alemães começam a expulsar os judeus de Cracóvia para as áreas rurais adjacentes.

Em março de 1941, a maioria dos judeus já fora expulsa. Apenas uns 15 mil permaneciam em Cracóvia. Em princípio de março de 1941, os alemães ordenam a criação de um gueto que se situaria em Podgorze, ao Sul de Cracóvia, em lugar de Kazimierz, o tradicional bairro judeu da cidade. Os alemães concentraram no gueto o restante dos judeus da cidade, e a milhares de judeus de outras cidades. Quase 20 mil judeus foram confinados no gueto, que foi cercado com valas de arame farpado e, em alguns lugares, com um muro de pedra. Os bondes atravessavam o gueto, mas não paravam em nenhum ponto dentro de seus limites.

Os alemães criaram várias fábricas dentro do gueto, entre elas, as fábricas Óptima e Madritsch, onde os judeus eram utilizados para realizar trabalhos forçados. Também foram empregados várias centenas de judeus em fábricas e projetos de trabalhos forçados fora do gueto.

Em 1942, ao Sul da cidade, foi criado o campo de trabalhos forçados de Plaszow para os judeus de Cracóvia e arredores. Em 1944, Plaszow se converteu em um campo de concentração.

No gueto de Cracóvia, a população foi amontoadada em 300 casas. A tremenda escassez de moradias fez com que tivessem que viver em depósitos, em áticos, nos corredores dos edifícios e em seus sótãos. Em julho de 1941, o índice de mortalidade lá era 13 vezes maior ao que se produziu entre a população judaica às vésperas da guerra.

Desde o momento da criação do gueto de Cracóvia, surgiu um movimento de resistência judaica. As operações clandestinas inicialmente se concentravam em dar apoio a organizações educacionais e de beneficência.

Na segunda metade de 1942, os alemães deportaram do gueto cerca de 13 mil pessoas. Enviaram a maioria dos deportados ao campo de extermínio de Belzec; alguns foram para Auschwitz, que ficava a apenas 64 km de Cracóvia. Durante as deportações, centenas de pessoas foram fuziladas no gueto.

Os jovens esquerdistas do movimento juvenil sionista Akiva se aliaram a outras

organizações sionistas para formar a seção local da Organização Judaica de Combate (ŻOB, Żydowska Organizacja Bojowa, em polonês), e organizaram a resistência no gueto, apoiados pela resistência polonesa (Armia Krajowa). A ZOB, que decidiu não lutar dentro dos limites do gueto, mas que, pelo contrário, decidiu utilizar o gueto como base a partir da qual atacar objetivos em toda a cidade de Cracóvia, executou diversas operações. Diferentemente do ocorrido em Varsóvia, seus esforços não levaram a um levante geral antes de que fosse liquidado o gueto.

Em 22 de dezembro de 1942, quando muitos oficiais alemães estavam na cidade de Cracóvia comprando presentes de Natal para enviar a seus familiares e celebrando suas próximas férias nos cafés e teatros, a resistência judaica organizou um ataque surpresa a alguns dos lugares onde sabiam que os alemães se reuniam. A fim de fazer com que o ataque parecesse ter sido feito pelos partisanim (os guerrilheiros) poloneses, os combatentes judeus penduraram uma bandeira polonesa na ponte sobre o rio Wisla, deixaram uma coroa de flores na estátua de Adam Mickiewicz, um dos poetas nacionais da Polônia e distribuíram panfletos conclamando a uma rebelião contra os alemães. Além disso, com o fim de aumentar o caos e o pânico na cidade, o departamento de bombeiros foi chamado, simultaneamente, a vários locais diferentes.

A ZOB atacou vários cafés e locais de reunião dos alemães, mas o maior dano foi causado ao Cyganeria Café, lugar frequentado por oficiais alemães, onde se estima que morreram de 7 a 12 alemães. As identidades dos combatentes judeus foram camufladas com sucesso. De fato, a operação foi tão audaciosa que muitos poloneses da cidade estavam convencidos de que a resistência polonesa, e até os paraquedistas russos, tinham sido os autores do ataque. A operação foi um grande êxito e a confusão que se criou em consequência da ação foi uma bofetada na cara das autoridades alemãs. No total morreram 70 nazistas.

Excetuando-se Havka Fulman, do Dror, todos foram presos no dia seguinte à operação e torturados e assassinados pela Gestapo.

Gusta Dranguer escreveu clandestinamente na prisão El diario de Justina: «Temos que recordar os membros heróis dos movimentos juvenis Hashomer Hatzair, Dror e Akiva que participaram no levante armado sob o comando de Aharon (Dolik) Libesknid, do Akiva. A rebelião foi organizada pela Organização Judaica de Combate (Żydowska Organizacja Bojowa, ZOB), e dela participaram Abraham Lavan (comunista), Shimshon (Simak), Justa Dranguer e Mira Gula (Akiva), Havka Fulman (Dror), a mensageira que sobreviveu, e

Ella Shifer (Dror), também mensageira. Foram liderados por Aharon (Dolik) Libeskind, que, quando seus companheiros lhe perguntaram “Por que lutamos?”, respondeu: “...Não lutamos pela vitória, mas para sermos lembrados em três linhas na História...”⁴⁰.

Em março de 1943, os alemães destruíram o gueto de Cracóvia. Mais de 2 mil pessoas foram deportadas a Auschwitz-Birkenau e assassinadas. O restante da população do gueto foi deportado ao campo próximo de Plaszow.

Os combatentes do gueto de Cracóvia também tentaram unir-se a grupos de partisanim ativos da região de Cracóvia. Em uma série de escaramuças com os alemães, os combatentes secretos judeus sofreram grandes perdas. No outono de 1944, o restante da resistência conseguiu escapar da Polônia, cruzando a Eslováquia e depois a Hungria, onde se uniram aos grupos da resistência judaica de Budapeste.

Varsóvia ⁴¹

Durante a invasão alemã da Polônia, em 1º de setembro de 1939, Varsóvia sofre ataques aéreos e severos bombardeios. As tropas alemãs entram em Varsóvia em 29 de setembro, pouco depois de sua rendição.

Antes do irromper da guerra, havia em Varsóvia uma grande variedade de Tnuot Noar. Sendo a cidade com a maior quantidade de judeus da Europa, era nessa cidade que estavam localizados os maiores kenim (filiais) de cada movimento, bem como os comitês centrais de cada organização.

Antes do início da guerra e durante os primeiros dias do conflito, quando o exército alemão ainda não havia tomado a cidade de Varsóvia, os comitês centrais de cada organização tinham reuniões extensas e difíceis, quase que permanentemente, com o fim de decidir como continuariam as tnuot durante a guerra.

7 de setembro de 1939, Hashomer Hatzair, Varsóvia: A reunião foi dirigida por Yosef Vinagron, membro da Hanagá Nacional) em nome da Hanagá do Ken. Depois de suas primeiras palavras, todos ficaram em um tremendo silêncio e nós nos olhávamos surpresos. Ainda me lembro de suas palavras: “Shomrim, talvez amanhã, talvez depois de amanhã, os fascistas alemães chegarão aqui. Ninguém sabe o que nos acontecerá, qual será nosso destino. Uma coisa está

40- Gusta DRANGUER, Diário de Justina, Beit Lojamei HaGuetaot, 1978.

41-Ver notas – Número 3.

clara, estamos à beira de muitas mudanças, e às vésperas de uma época muito perigosa. Estamos encerrando o Ken de Varsóvia. Daqui para frente, não sabemos o que faremos com o Ken. Todo documento, todo papel que possa ser usado para nos acusar deve ser queimado, tudo deve desaparecer. Ao terminar esta reunião, cada Gdud vai procurar, cuidadosamente, e destruir qualquer coisa que possa testemunhar nossa essência e nossas ações. As bandeiras devem ser queimadas, os cartazes eliminados, devemos deixar as paredes completamente nuas. É uma necessidade. Até que passe a tormenta. Não sei aonde essa tormenta nos levará, não sei quando nem como poderemos volta a renovar a vida da tnuá. Mas lutaremos por isso e estou completamente seguro de que este dia chegará. E até que esse dia chegue, cada um de nós deverá prender-se aos valores e às verdades que absorvemos entre as paredes deste Ken. Estas verdades não serão queimadas, sob sua luz chegaremos ao topo e atuaremos em toda parte e sob qualquer circunstância. Chazak Ve'ematz! ”⁴².

A ocupação de Varsóvia se iniciou em 29 de setembro e, desde os primeiros dias, foram impostas incontáveis restrições aos judeus. Marek Edelman relata a situação na cidade nos primeiros meses da ocupação:

“Já na primeira metade de novembro de 1939, foram anunciadas as primeiras ordens de aniquilação. [...] Logo começam a ser emitidas, em profusão e em série, outras normas proibitivas e limitantes: é proibido trabalhar nas grandes indústrias, é proibido trabalhar em instituições públicas ou estatais, é proibido preparar qualquer alimento assado no forno, é proibido ganhar mais de 500 zlotys por mês (o preço do quilo do pão, em determinados momentos, alcança até 80 zlotys), é proibido vender ou comprar dos “arianos”, é proibido ser atendido por médicos “arianos” bem como atender enfermos “arianos”, é proibido viajar em trens, bondes ou sair dos limites da cidade sem uma permissão especial, é proibido possuir ouro ou qualquer tipo de joias”.

“A partir de 12 de novembro, todos os judeus com mais de 12 anos de idade devem portar uma tarja branca com um Magen David (Estrela de David) azul sobre o braço direito (em algumas cidades, como Lodz e Wloclawek, estrelas amarelas nas costas e sobre o peito). A população judaica, sem nenhum motivo, é golpeada, envergonhada, torturada e vive sob contínuo terror. O não cumprimento dessas ordens tem uma única ameaça, cujo castigo é a morte. [...]. Simultaneamente, entra em vigor uma lei não escrita de responsabilidade coletiva. Sendo assim, nos primeiros dias de novembro de 1939, são fuzilados 53 homens na casa da rua Nalewki 9 apenas porque um dos habitantes do local batera em um policial polonês. Esse primeiro caso de crime coletivo aprofunda

ainda mais o sentimento de pânico entre os judeus. O medo aos alemães cresce de forma tão excessiva que é impossível contê-lo”⁴³.

Nos últimos dias de 1939 e no início de 1940, começa a voltar a Varsóvia grande parte da liderança das Tnuot Noar. A decisão havia sido tomada nos comitês centrais, então já radicados em Vilna e em outras cidades do Leste da Polônia. Regressariam a Varsóvia para fazer renascer os movimentos, que, em alguns casos, haviam deixado de funcionar no período dos bombardeios e conquista alemã (de 1º a 29 de setembro) e nos primeiros dias de ocupação.

Em 12 de outubro de 1940, os alemães decretaram a criação de um gueto em Varsóvia. O decreto obrigou todos os residentes judeus de Varsóvia a se mudar para uma área designada, que foi isolada pelas autoridades do restante da cidade em novembro de 1940. O gueto foi rodeado por um muro de mais de 3m de altura, encimado por arame farpado e constantemente vigiado para evitar movimentos entre o gueto e o restante da cidade de Varsóvia. Na zona do gueto, onde anteriormente viviam 30 mil pessoas, agora havia 350 mil. O amontoamento, a fome, a inanição, o esgotamento, o medo e as doenças eram os fatores que compunham o dia-a-dia dos poloneses sob ocupação nazista. Todos os dias, durante a madrugada, eram retirados das ruas do gueto dezenas de mortos, ao mesmo tempo em que, a cada tanto, os soldados alemães ingressavam no gueto com a única finalidade de humilhar a população judia. Insultos, golpes e até tiros eram desferidos contra os cidadãos judeus sem nenhuma razão.

Durante os primeiros 2 anos na clandestinidade, as Tnuot Noar de Varsóvia agiram de maneira notável, apesar das difíceis condições de vida que enfrentavam. Seus membros recebiam no movimento um lugar de acolhimento, ajuda social e, principalmente, uma razão para seguir vivendo: ajudar os necessitados, seguir instruindo-se, continuar com o propósito sionista, mantendo a dignidade humana e a honra judaica muito elevadas.

Ao regressar a Varsóvia em janeiro de 1942, Haika Grossman relata: “Fiquei muito impactada pelos órgãos de imprensa subterrâneos, toda uma rede de jornais que dava voz às ideias mais diversas. Essas publicações geravam discussões, definiam rumos e desenvolviam ideologias. Além disso, incluíam todo tipo de notícias sobre a frente de guerra, o mundo que combatia os nazistas e os lugares distantes por toda a Europa que ainda não se haviam rendido ao invasor. O gueto de Varsóvia não estava desconectado do mundo. Tinha uma ativa vida pública, cultural e educativa. Essas eram as correntes mais profundas, e não os grupos de especuladores e contrabandistas, vendedores ambulantes e

mendigos. No lugar mais fundo do gueto, cada pessoa ajudava seus semelhantes, pondo-se em perigo para preservar sua condição de judeu e de ser humano. Escreviam poemas de revolta, ensinava-se às crianças a amar a beleza, a justiça, a história e as ciências. Aprendiam a odiar o inimigo e seus lacaios. O movimento clandestino de Varsóvia havia sido criado passo a passo, em meio à luta contra a fome e o desespero durante esses 2 anos”⁴⁴. (Ver a Resistência Espiritual, onde estão especificadas diferentes situações ocorridas no gueto de Varsóvia.)

Nos últimos dias de 1941 e início de 1942, chegam a Varsóvia mensageiras provenientes da zona de Vilna para contar os sucessos ocorridos lá. A situação agora era muito diferente. Os alemães não apenas humilhavam e maltratavam os judeus, que morriam de inanição nos guetos: agora começava seu plano sistemático de extermínio. Em outubro de 1941, aniquilaram 40 mil judeus nos bosques de Ponar, nos arredores de Vilna.

“Para que o povo adquira consciência da necessidade de se defender, era preciso fazer com que conhecessem o trágico destino que os aguardava. Fazer com que soubessem que sobre todos nós pairava, espreitando-nos, a foice da morte. Hoje era Vilna-Ponar, amanhã seria Varsóvia...”⁴⁵.

Os maiores inimigos das tnuot em Varsóvia foram a incredulidade e o desconhecimento. As tnuot buscavam, mediante jornais e propaganda, transmitir aquilo que estava para ocorrer com todos os judeus. Começaram, então, as reuniões entre todas as forças políticas do gueto, nas quais as mensageiras relatavam os horrores ocorridos no Leste da Polônia. Nessas reuniões, a comunidade judaica, que representava a opinião pública, negou-se a aceitar que esses acontecimentos em Vilna poderiam também ocorrer na capital da Polônia. Declaração do representante do Bund, Ozach, que afirmou com absoluta certeza que algo assim jamais poderia ocorrer em Varsóvia:

“(Vocês me entendem...) Varsóvia, afinal de contas, é Varsóvia: uma grande metrópole no centro da Europa com meio milhão de judeus. O mundo se horrorizaria e começariam a chover protestos. Varsóvia não é Vilna [...]. Os alemães não vão querer jogar-se contra toda a opinião pública do restante do mundo ocidental por culpa dos judeus”⁴⁶.

Algum tempo depois, em março de 1942, foi criado no gueto o Comitê Antifascista, integrado pelos comunistas, o partido Poalei Tzion, Hechalutz, Dror, Gordônia e Hashomer Hatzair, com o objetivo de participar na guerra

44- Haika GROSSMAN, *La resistencia clandestina*, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, pág. 100.

45- Tzivia LUBETKIN, *Días de exterminio y rebelión*, Bs. As., Ed.Biblioteca Borojovista “Dror”, 1951, pág. 71.

46- Haika GROSSMAN, *ob. cit.* 37, pág. 104.

geral contra os nazistas e, desse modo, ajudar a Rússia soviética ⁴⁷.

Em paralelo, nasceu um organismo militar. Em uma primeira instância, sua missão consistia em adestrar as pessoas a manejar armas e treinar grupos compactos para que pudessem executar guerrilhas nos bosques. Alguns desses grupos permaneceriam no gueto por segurança ⁴⁸.

Além dessa organização de combate, existia no gueto, desde 1939, a Associação Militar Judaica (ZZW), composta por membros do Betar e, também, uma força de combate formada por grupos socialistas e o Bund.

Em 22 de julho de 1942, começam as deportações e, portanto, os movimentos sionistas já agrupados voltam a buscar o apoio geral da Kehilá. Começam, novamente, as reuniões. Eles acreditavam que, desta vez, com os decretos de deportação já anunciados, conseguiriam o apoio da comunidade. Mas, outra vez, os líderes judeus lhes deram as costas. Continuavam afirmando que os alemães tirariam do gueto somente aqueles que não trabalhavam e, por conseguinte, uma ação de combate levaria à morte não apenas deles, mas também dos operários das fábricas.

Foi assim que, sem apoio da comunidade, e por iniciativa do Comitê Antifascista, foi criada a Organização Judaica de Combate (ZOB). Somar-se-iam a ela os membros do Hanoar Hatzioni e do Akiva. Nessa época, a organização não contava com armas. O ZOB possuía apenas 2 revólveres, em julho de 1942. A primeira ação da organização foi durante as deportações de julho. Publicaram circulares, distribuindo-as pelas casas, e pregaram pôsteres nas ruas, tentando explicar o que acontecia:

“... Judeus, fiquem sabendo! Vocês estão sendo mandados para Treblinka, e Treblinka é a morte. Não confiem nas carteiras de trabalho. Escondam seus filhos e seus idosos. Os jovens devem defender-se com o que tiveram à mão. Pelo menos temos que dificultar a tarefa dos assassinos. Não nos assustemos se cairmos em suas mãos e formos fuzilados. É melhor morrer pelas balas do que morrer em Treblinka” ⁴⁹.

Durante as deportações, membros do ZOB incendiaram os edifícios dos judeus deportados. Dessa forma, buscavam destruir as propriedades judaicas que poderiam servir às forças nazistas. Também decidiram matar o chefe da polícia judia, Scharinsky.

O Judenrat de Varsóvia e a polícia judaica, em certas ocasiões, foram cruéis com

47- Jonas TURKOW, El levantamiento del gueto de Varsovia, Buenos Aires, Ejecutivo Sudamericano del Congreso Judío Mundial, 1968, pág. 7.

48- Tzivia LUBETKIN, Días de exterminio y rebelión, Bs. As., Ed.Biblioteca Borojovista “Dror”, 1951, pág. 75.

49- Ibidem, página 82.

os judeus do gueto. Parte deles formaram uma elite dentro do gueto e, enquanto milhares de pessoas passavam fome e morriam pelas ruas, eles mantinham uma vida de privilégios.

Tzivia Lubetkin descreve o Judenrat da seguinte forma: “A maior parte dos Judenrat eram renegados ou convertidos [...]. Por proposta dos conselhos judeus, criou-se a polícia judaica, que, com o tempo, transformou-se na Gestapo judaica [...]. Os judeus do gueto morriam de fome, enquanto esses monstros brutais viviam saciados e passavam os dias e as noites organizando orgias nos salões e confeitarias”⁵⁰.

Entre 22 de julho e 12 de setembro de 1942, as autoridades alemãs deportaram ou assassinaram cerca de 300 mil judeus do gueto de Varsóvia. As unidades das SS e da polícia deportaram 265 mil judeus para o campo de extermínio de Treblinka e 11.580 a campos de trabalhos forçados.

Os alemães e suas tropas auxiliares assassinaram mais de 10 mil judeus no gueto de Varsóvia durante as operações de deportação. As autoridades alemãs concederão permissão que apenas 35 mil judeus permanecessem no gueto, enquanto mais de 20 mil judeus ficaram escondidos. Para pelo menos 55 a 60 mil judeus que restavam no gueto de Varsóvia, a deportação parecia inevitável.

A primeira deportação nazista em Varsóvia significou, para os movimentos juvenis, a morte de muitos companheiros. Estes haviam tombado lutando, uns como guerrilheiros, outros tentando realizar atos de vingança, querendo salvar judeus das mãos de seus raptos, ou tentando fugir.

Em 20 de outubro de 1942, fica mais claro do que nunca que a situação exige uma ação unificada. Os blocos do ZOB e o bloco socialista/ bundista se unificam em uma única organização – a Organização Judaica de Combate (OJC). Como comandante foi escolhido Mordechi Anilevich, do Hashomer Hatzair⁵¹.

Nos primeiros dias após a criação da OJC, a organização conseguiu alguns revólveres com alguns grupos comunistas poloneses (a Guarda do Povo). Realizam, então, dois atentados, no espaço de dois meses: em 29 de outubro, contra J. Leikin, novo comandante da polícia judaica; e em 29 de novembro, contra I First, representante do Judenrat.

Em final de dezembro, o movimento consegue o primeiro carregamento de armamentos (10 pistolas) por intermédio da AK (grupo polonês clandestino)⁵².

50- Ibidem, pág. 38 - 39.

51- Daniel FEIERSTEIN, ob. cit. 6, pág. 27.

50 52- Marek EDELMAN, ob. cit. 40, pág. 57-58.

O dia 18 de janeiro de 1943 fora fixado pelos nazistas para liquidar o gueto de Varsóvia. No entanto, dessa vez, os nazistas se depararam com uma forte resistência armada. O gueto se defendia com granadas, facões, pedras até com as mãos vazias.

Nesse dia a Organização Judaica de Combate lançou um chamado à população, com o seguinte teor: “Irmãos judeus: o invasor iniciou o segundo ato para o seu extermínio! Não caminhem mansamente para a morte! Defendam suas vidas! Levem em suas mãos um machado, um pedaço de ferro ou um facão e ergam barricadas em seus lares! Que somente assim consigam capturá-los! Lutando terão possibilidade de se salvar. Lutem! ⁵³”.

A Associação Militar Judaica também conclamou à luta armada. Na declaração, incitava à ação: “Estejam alertas! Surgiremos para lutar! Somos aqueles que se propuseram a alertar o povo. Lançamos aos nossos correligionários o lema ‘Despertem e lutem’! Não percam a esperança na possibilidade de se salvar! Saibam que a salvação não está em se deixar levar resignadamente à morte, mas em algo muito superior: a luta! Quem luta por sua vida tem alguma possibilidade de se salvar! Mas aquele que renuncia de antemão a se defender está irremediavelmente perdido. Aguarda-o uma morte ainda pior que a produzida pela maquinaria asfixiante de Treblinka. Desperta, meu povo, e luta! Arme-se de valor para agir com audácia! Abaixo a desonrosa frase: ‘Todos estamos condenados a morrer’! Isso não é certo. Também nós merecemos viver! Nós, também, temos direito à vida! Devemos saber lutar por ela! Não constitui façanha alguma viver quando a vida o perdoa! A grande façanha é viver quando pretendem tirar-lhe a vida. Desperta, povo judeu, e luta por tua existência! Que cada mãe lute tal qual uma leoa que defende seus filhotes! Que nenhum pai assista impassível à morte de seus filhos! Que não se repita jamais a ignomínia do primeiro ato de nossa aniquilação. Que o inimigo pague com seu próprio sangue por cada vida judia imolada! Cada casa deve converter-se em uma fortaleza. Desperta, povo judeu, e luta! Na luta está tua salvação. Aquele que luta por sua vida tem possibilidade de se salvar. Levantemo-nos em nome da luta pela vida das massas impotentes às quais queremos trazer a salvação e às quais devemos levar a reagir. Não queremos lutar somente por nossas vidas. Somente nos salvaremos quando cumprirmos com nosso dever. Enquanto a vida de um único judeu estiver em perigo, não podemos baixar a guarda e devemos prosseguir a luta. Nosso lema é: “Nem mais um judeu há de sucumbir em Treblinka”. Abaixo os traidores de nosso povo! Guerra sem quartel ao inimigo, até nossa última gota de sangue! Aprontem-se para a ação! Estejam alertas! ⁵⁴”.

53- 53- Jonas TURKOW, ob. cit. 44, pág. 15.

54- Ibidem.

Os judeus do gueto despertaram e começam a agir. Além dos combatentes, a maioria dos judeus se escondeu nos bunkers e não saía deles diante do chamado dos nazistas, oferecendo uma resistência passiva ⁵⁵”.

Quatro grupos de combatentes, dentre os 50 com que contava a OJC, ofereceram resistência armada. O restante foi pego desprevenido pelas deportações.

“Nos alinhamos para o combate. Quarenta companheiras e companheiros, sob o comando de Itzhak Zukerman, e, em nossas mãos, apenas 4 granadas e 4 revólveres! [...]. A maioria deles estavam armados com pedaços de ferro e com bastões. E com uma arma original nossa: copos cheios de ácido sulfúrico. Que venham os nazistas – ouvia-se por toda parte – e queimaremos seus focinhos com este líquido corrosivo. Sabíamos que, depois de agredi-los, seríamos submetidos a um ataque concentrado até acabar conosco. Mas os esperávamos entre tensos e tranquilos. Pensávamos que havia chegado a hora da vingança e não devíamos perder a oportunidade. Depois, poderíamos morrer com a consciência tranquila [...]. Nesse momento decisivo, às vésperas de um choque com os camisas pardas, Itzhak Katzenelson pronunciou uma emotiva oração de despedida: “Estejamos felizes de poder esperar a morte enfrentando o inimigo com as armas em punho. Nossa luta será fonte de inspiração para as gerações futuras. Tomemos o exemplo de nossos irmãos em Eretz Israel: eles não desfaleceram na hora do perigo e resistiram, mesmo sendo poucos, ao ataque de muitos; com seu sangue, educaram gerações de judeus. Os alemães assassinaram milhões de judeus, mas não poderão conosco. O povo judeu continuará vivendo. Nossos olhos não poderão vê-lo, mas nossa ação viverá para sempre”. Suas palavras, pronunciadas com exaltação, encheram de fogo nossos corações ⁵⁶”.

A ação de janeiro durou 4 dias. O plano dos alemães previa o extermínio total da população judia, mas se depararam com uma inesperada força armada e adiaram seus planos. Tombaram, durante janeiro, 4/5 da Organização de Combate. Mas os sucessos tiveram grande ressonância, tanto na comunidade polonesa como na judaica. Essa foi a primeira vez que os planos alemães foram enfrentados. Pela primeira vez, a população judaica viu que algo podia ser feito contra a vontade e a força dos alemães. Aqui não é importante quantos alemães tombaram pelas balas da Organização Judaica de Combate. O importante foi esse momento de sacudida psicológica. O importante foi que, na verdade, enfrentando uma resistência fraca para eles, mas imprevista, tiveram que interromper a ação.

Por toda Varsóvia corriam versões de centenas de alemães mortos, lendas acerca da grande força da Organização Judaica de Combate. Todo o movimento

55- Ibidem, pág. 17 - 18.

52 56- Tzivia LUBETKIN, Días de exterminio y rebelión, Buenos Aires, Editorial Biblioteca Borojovista “Dror”, 1951, pág. 95 - 96.

clandestino polonês manifestava uma grande admiração pelos combatentes e, em fins de janeiro, a OJC recebeu da direção do Armia Kraiova (Exército Nacional) 50 pistolas grandes e 50 granadas. Além disso, especialistas da resistência polonesa enviaram aos combatentes do gueto instruções sobre o preparo de armas, como o famoso “coquetel Molotov”.

Nesse período, o Judenrat já não era levado em conta e suas ordens não eram atendidas. A Organização Judaica de Combate reinava no gueto plenamente e sem dissidências. Era a única força e o único poder que tinha autoridade e a quem a população escutava.

Em fins de fevereiro de 1943, quando os alemães convocaram os integrantes das oficinas de carpintaria para “viajar”, somente se apresentaram 25 de um total de 1.000 operários. No início de março, quando os alemães convocaram novamente esses operários, das 3.500 deles não se apresentou nenhum.

Durante esse período, a OJC “limpou” o gueto de delatores. Liquidaram vários judeus da Gestapo e, a partir de então, nenhum judeu traidor pôs os pés no gueto.

A OJC necessitava de dinheiro para comprar armas. Precisavam conseguir armar 500 combatentes e isso, além de difícil, custava altas somas de dinheiro. Primeiro, a Organização esvaziou os cofres dos bancos do gueto e, a seguir, cobrou impostos aos judeus endinheirados. O dinheiro apurado era enviado ao setor ariano, onde os representantes dos combatentes compravam armas e explosivos. O armamento ingressava no gueto como qualquer outro contrabando. Os policiais poloneses subornados fechavam os olhos diante dos pesados pacotes que eram lançados por cima dos muros e recolhidos do outro lado, na mesma hora, por pessoas vinculadas à Organização.

Foi criada no gueto uma prisão sob a responsabilidade dos movimentos juvenis, onde ficavam presos os traidores e as pessoas que se recusavam a cumprir com seu dever de judeus.

Em 19 de abril de 1943, soldados alemães entraram no gueto de Varsóvia com a intenção de liquidá-lo por completo. Com a entrada do exército alemão, ouviram-se os primeiros disparos da luta iniciada no gueto de Varsóvia. Os heroicos rapazes e moças demonstraram uma força de vontade de aço e grande valentia. A Associação Militar Judaica e a Organização Judaica de Combate trabalharam em conjunto. Por parte da OJC participaram 22 batalhões de

combate: 4 do Hashomer Hatzair, 1 do Hanoar Hatzioni, 4 do Bund, 4 dos comunistas, 2 do Poalei Sion, 1 do Akiva, 1 do Gordônia e 5 do Dror. Esses jovens saíram para lutar abertamente contra um inimigo mais poderoso que, apesar de sua grande diferença militar, retrocedia nas batalhas. Os combatentes tinham aberto buracos nas paredes e corriam ruas inteiras através dos mesmos, e isso lhes permitia escapar com velocidade, no momento dos ataques.

Nos primeiros dias de luta, a imagem glorificada do gueto se fez ver na rua Muranow 4, onde os combatentes do Betar penduraram do teto uma bandeira judaica azul e branco e uma bandeira nacional polonesa. Em 23 de abril, a organização de resistência fez um apelo à população polonesa de Varsóvia para se unirem à resistência contra o nazismo. Era uma última tentativa de romper o cerco com o mundo não judeu, tentando envolver os exércitos poloneses (nacionalistas e comunistas).

“Poloneses, cidadãos da liberdade! Em meio ao rugir dos canhões com que o exército alemão está destruindo nossas casas, os lares de nossas mães, esposas e filhos; em meio às rajadas das metralhadoras que arrancamos na luta com os acovardados policiais alemães e homens das SS; dos restos ainda ardentes e da fumaceira que envolve o massacrado gueto de Varsóvia, sangue e pó, nós, os escravos do gueto, enviamos a vocês nossa cordial saudação! Sabemos que, com a mais profunda dor e com lágrimas de simpatia, com assombro, pavor e ansiedade, vocês esperam o resultado da luta que durante os últimos dias lançamos contra o cruel invasor. Cada umbral do gueto foi e continua sendo uma fortaleza. Todos nós poderemos perecer no combate, mas jamais nos renderemos. Como vocês, estamos sedentos de vingança e ansiosos por fazer nosso inimigo comum pagar por seus crimes. Esta é a luta por nossa liberdade e pela de vocês! Por nossos e pelos seus direitos sociais e humanos e pela honra e a dignidade nacional! Queremos vingar os crimes de Oswiecim, Treblinka, Belzec e Maidanek! Viva a confraternidade da Polônia combatente!⁵⁷”.

A resposta não foi a esperada. Algumas armas foram entregues pelo Armia Ludowa (comunistas), enquanto que a AK (nacionalista) propôs à OJC retirar-se do gueto e se juntar às brigadas polonesas. Nesse mesmo dia, Mordechai Anilevich escreveu suas últimas palavras em uma carta onde relata os primeiros dias da rebelião:

“23 de abril, 1943.
Shalom, Itzhak,
Não sei o que lhe escrever; desta vez, deixemos de lado os detalhes pessoais. Não

tenho palavras para expressar meus sentimentos; hoje está evidente que tudo o que ocorreu supera muito o previsto. Ao nos opormos aos alemães, fizemos mais do que nossas forças nos permitiam, mas essas forças vão mingando cada vez mais; estamos diante do extermínio. Obrigamos, por duas vezes, os alemães a fugir, mas eles retornaram com reforços. Uma de nossas unidades manteve suas posições durante 40 minutos, e uma outra resistiu por 6 horas. Alichel caiu como um valente junto com sua metralhadora. Há 3 dias o gueto está em chamas. Ontem à noite passamos para uma guerra de guerrilha. Você certamente sabe que um revólver não tem nenhum valor; precisamos granadas, fuzis, metralhadoras e explosivos. Não posso lhe descrever em que condições nos encontramos. Somente poucos de nós sobreviveram; todos os demais irão sucumbir, mais cedo ou mais tarde. Nosso destino já está selado.

Em todos os refúgios onde se encontram nossos companheiros, já não se pode acender uma vela à noite por falta de ar. Benditos sejam vocês que estão fora; pode ser que ocorra um milagre e que algum dia nos encontremos. Eu o duvido, duvido muito. O último desejo da minha vida se cumpriu: a autodefesa judaica é um fato. A resistência judaica e a vingança se cumpriram. Despeço-me de você, querido, feliz por mim que fui um dos primeiros combatentes judeus do gueto. De onde virá a salvação?”⁵⁸.

Apesar da grande diferença de armamentos entre os combatentes judeus e os alemães, estes últimos não conseguiram, no combate direto, dobrar aqueles que resistiam e, portanto, decidiram bombardear o gueto. Em poucas horas, tudo estava em chamas. Aquilo que os alemães não conseguiram fazer, o fogo inclemente fez.

A partir de então, os enfrentamentos ocorreram à noite. Durante o dia, o gueto permanecia em silêncio e seus combatentes, escondidos nos bunkers. Em 8 de maio, o comando da OJC, localizado no bunker da rua Mila 18, foi cercado. Após 2 horas de enfrentamento, os alemães lançaram bombas de gás no bunker. Quem não morreu por uma bala alemã, quem não foi envenenado pelo gás, suicidou-se. Desse modo, sucumbiram a maioria dos últimos combatentes. Entre eles, seu comandante Mordechai Anilevich.

Após 3 semanas de iniciado o levante, o gueto ficou totalmente incendiado e envolto em atroz situação de fome e sede. Os últimos combatentes com vida começaram a buscar formas de sair do gueto. Alguns conseguiram escapar através dos esgotos. Do outro lado, esperavam-nos com caminhões membros da resistência que viviam no lado ariano. Alguns dos sobreviventes foram lutar com

os partisanim nos bosques, enquanto outros se uniram à luta armada polonesa.

Bialystok ⁵⁹

Duas semanas após o irromper da guerra, os nazistas chegam a Bialystok. A ocupação alemã dessa cidade durou poucos dias em virtude do pacto Ribbentrop-Molotov, que dividiu a Polônia em dois. Nos primeiros tempos da guerra, a região onde se encontrava Bialystok esteve ocupada pelos soviéticos. Sobre o início da guerra, os membros do Tel-Amal, um grupo de jovens de 15 e 16 anos de idade do Hashomer Hatzair, comentaram o seguinte:

“Entramos em uma época de guerra. É difícil saber o que acontecerá amanhã; mas já sabemos como queremos viver, sejam quais forem as circunstâncias. Todos se escondem nos sótãos. O medo corrói os homens calados e pacíficos, mas a nós eles não assustam. Seguiremos existindo apesar da guerra” ⁶⁰.

Durante o regime soviético em Bialystok, foram proibidas as Tnuot Noar, assim como várias organizações polonesas. Começam a atuar, então, de maneira clandestina. Porém essas organizações não foram perseguidas sistematicamente. Nos casos em que essas perseguições foram mais intensas, isso não foi motivado pelo caráter mais judaico dos movimentos, mas por sua ideologia sionista/nacionalista.

A ocupação russa em Bialystok durou cerca de dois anos, desde meados de setembro de 1939 até o dia 27 de junho de 1941, momento em que os alemães voltaram a tomar a cidade no contexto da Operação Barbarossa.

Durante essa segunda invasão, os nazistas mataram mais de 2.000 pessoas, sendo que 1.000 delas queimadas vivas em sua casa ou em edifícios comunitários.

Ao fim de uma semana, foram impostas, quase em sua totalidade, as leis que os judeus da Polônia nazista já vinham tendo que cumprir, há dois anos. Em 12 de julho, 4.000 pessoas foram sequestradas e assassinadas nos bosques de Pietrashy e, cerca de um mês depois, 50.000 foram trancadas no gueto de Bialystok.

Haika Grossmann faz um relato desses fatos: “... E logo chegou o sábado, quando sequestraram cerca de 4.000 judeus, que tampouco retornaram. E um pouco afastado da cidade, em Pietrashy, onde eu costumava levar para excursionar o meu grupo de meninos do movimento, foram todos mortos a tiros. E como os haviam sequestrado, assassinado, incendiado, os que sobreviveram ainda

59- V. notas – número 4

56 60- Haika GROSSMAN, *La resistencia clandestina*, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, página 15.

tiveram que pagar as dívidas dos mortos, e, por isso, impuseram a todos os judeus que tinham sobrado na cidade um imposto a ser pago em ouro e prata: cinco quilos de ouro e vinte, em prata. Os judeus recorreram a seus velhos candelabros, seus brinquinhos e seus cálices de Shabat. E assim conseguiram pagar a soma exigida. Depois, a calma voltou à cidade e as coisas voltaram a seu ritmo “normal”. Trancaram os judeus no gueto, fizeram-nos prender um trapo amarelo na frente das roupas e outro atrás, criou-se o Judenrat e deram o assunto por terminado”⁶¹.

Dessa maneira, os judeus de Bialystok começaram a viver na primeira pessoa o início do extermínio nazista do povo judeu. Semana após semana, continuaram as prisões e fuzilamentos de milhares de pessoas. No início de 1942, já havia chegado à cidade não apenas a notícia do fuzilamento de 40.000 judeus em Vilna, mas também a proclamação de resistência liderada por Abba Kovner e o projeto de ação clandestina do Hashomer Hatzair.

Ante tais notícias e face ao clima de tensão permanente em que se encontravam, os jovens reagiram de diferentes maneiras e todas as opiniões foram ouvidas. A ideia do que era a opinião pública sobre o Hashomer Hatzair⁶¹ é refletida no seguinte testemunho:

“O movimento nos educou para viver prescindindo dos pequenos egoísmos privados em prol de uma vida comunitária, para cumprir funções de pioneiros e perseguir elevados objetivos sociais. Então, o que iremos fazer? Vamos desarmar o grupo? [...]. Não iremos a Israel, não gozaremos do privilégio de viver em um kibutz. Então, teremos que começar a abandonar todos esses belos ideais que hoje nos parecem infantis e consagrar toda a nossa atenção e energia nas armas, adaptando-nos a um sistema interno militar”⁶².

Em Bialystok, não foi tão simples agrupar todos os movimentos juvenis em uma única força militar clandestina, como ocorrera em Vilna. No caso, as discrepâncias políticas mantiveram-se durante mais tempo acima do objetivo comum.

Desde o início de 1942, o Hashomer Hatzair se aliou ao partido comunista e a uma parte do Bund, formando assim o primeiro grupo militar do gueto. Em consequência disso, começaram a se formar, pouco a pouco, as primeiras células clandestinas (grupos formados por cinco pessoas). Frente a essa situação, surgiu um debate nas tnuot noar daquela região sobre a estratégia defensiva que o movimento devia adotar. A decisão girava entre sair para a floresta para lutar

61- Ibidem, página 80.

62- Ibidem, página 82.

em conjunto com os partisanim ou permanecer no gueto com as massas judias.

Referindo-se ao dilema apresentado, Edek Boraks, líder do Hashomer Hatzair, expressou-se da seguinte maneira:

“Camaradas, gostaria de lhes esclarecer, novamente, qual a nossa postura. Pode ser que nos bosques sejam melhores as perspectivas para uma guerra eficaz. Mas, iremos deixar que nosso povo seja levado como ovelhas ao matadouro, tal como ocorreu em Vilna, enquanto nós buscamos mais efetividade bélica na floresta? Não sou contrário aos atos de sabotagem, essas pontes destruídas, os cabos telegráficos interrompidos, trens carregados de munições que são explodidos. Tudo isso tem grande importância, mas não responde à nossa grande interrogação: como organizar uma reação maciça que expresse a resistência de todo um povo? Como fazer com que as massas de judeus trancados no gueto se revoltem contra seu destino de gado manso? Suponhamos que iremos lutar nas florestas e, assim, lavamos as mãos de toda a responsabilidade.

Teremos cumprido nosso dever e essa é uma boa solução para aqueles que buscam colaborar na guerra antifascismo. Mas qual é a solução coletiva e nacional? Vamos desertar do gueto ainda desorganizado com todos os seus idosos, mulheres e crianças? E logo diremos que salvamos nossa vida? E onde está a vanguarda de nosso movimento? Eu já imagino nossa gente encabeçando as multidões sublevadas. Não como uma seita de escolhidos que se comporta de acordo com o que lhes dita sua própria consciência, mas como uma sentinela avançada de nosso povo. Para isso educamos nossos companheiros: a rebelião deve ser maciça e ocorrer dentro do gueto.

Nós e os que pensam como nós a conduziremos. Em primeiro lugar, o gueto e a guerra nacional dos judeus. Se nos matam por sermos judeus, devemos apresentar-lhes uma batalha na qualidade de judeus. Não como indivíduos, mas como comunidade organizada.

Aquele que assim agir terá seu lugar na história ⁶³”.

Apesar de não terem chegado a uma decisão em total consenso, os membros do Hashomer Hatzair foram contundentes: permaneceriam no gueto. A próxima coisa a ser feita era conseguir armas para a batalha e procurar transmitir a doutrina de resistência militar. Realizaram aulas em áticos e em casas fechadas. Estudavam o mapa do gueto e a utilizar as armas que tinham à sua disposição; também tinham aulas práticas de judô.

63- Ibidem, página 123.

No verão de 1942, foi criado o segundo grupo militar clandestino formado por membros do Dror, do Hanoar Hatzioni e do Hashomer Hatzair. Estes últimos participavam em paralelo nos dois grupos e sua mediação foi determinante para a posterior unificação.

Por esses dias, também se iniciou o relacionamento com grupos soviéticos. A ocupação russa ocorrida durante os primeiros anos da guerra deixara, entre outros, bons contatos com a população local. Através deles, foi possível iniciar o relacionamento entre os grupos clandestinos dos movimentos juvenis judaicos e os partisanos soviéticos.

Durante o inverno de 1942, tentaram realizar a primeira deportação em Bialystok. O plano dos nazistas era enviar 12 mil judeus para Treblinka. Pela primeira vez, dentro dos guetos, entenderam que os anúncios sobre o plano genocida eram verdadeiros. Essa situação ajudou a unir os movimentos. Mais membros do Bund e membros do Betar se somaram aos grupos de luta. Agora, todas as forças clandestinas tinham um mesmo objetivo: conseguir armas.

Um papel essencial no contrabando de armas coube às mulheres mensageiras e aos jovens que serviam de elemento de ligação, que deviam sair do gueto para poder conseguir armamento. Sua tarefa era extremamente complexa: deviam viajar com passaportes e credenciais falsos para fora da cidade, em trens constantemente revistados, tendo que voltar rapidamente ao gueto com as armas escondidas.

Além de concentrar seus esforços em conseguir armas, os grupos clandestinos decidiram preparar pontos de apoio fora do gueto, que serviriam de refúgio para aqueles que conseguissem escapar durante a rebelião. Essa missão também foi realizada pelas mulheres mensageiras, e Haika Grossman foi designada para administrar essas tarefas.

No início de 1943, saíram do gueto para as florestas os primeiros grupos formados por membros de movimentos juvenis com o propósito de ter uma vida no estilo dos partisanos ou guerrilheiros das florestas. Eles seriam os encarregados de absorver as massas que conseguissem escapar após a rebelião.

Apesar de já existirem grupos clandestinos que reuniam os diferentes movimentos, cada um mantinha, obviamente, sua autonomia. Por este motivo, as decisões tomadas tempos antes entre alguns deles, posteriormente poderiam ser debatidas por outro movimento.

Em 5 de fevereiro de 1943, começa a segunda “aktzia” (deportação) em Bialystok, e os jovens das tnuot noar não se encontravam suficientemente armados para realizar um levante. Na verdade, aquelas células que foram presas pelo exército alemão não se entregaram sem antes tentar se salvar. Com poucos revólveres, bombas de ácido sulfúrico de produção caseira, facas, paus e ferros, centenas de combatentes das tnuot noar se propuseram a resistir. Foram acompanhados por muitas famílias do gueto que optaram pelo mesmo caminho: não ir para os trens e resistir na cidade.

“Houve 1.000 vítimas no gueto nessa mesma semana, e cerca de 12.000 pessoas foram deportadas a Treblinka. [...]. Havia florescido o orgulho nacional em meio a toda sua impotência. Pela primeira vez em toda a história dos guetos, havia-se produzido a resistência passiva de gente desarmada. [...]. Muitos não tinham permitido que os levassem como ovelhas ao matadouro. Cumpriu-se nossa terrível oração, a que rezávamos no começo das incursões em Vilna, em 1941. A reza para que a morte das massas ocorresse nas ruas, não em seus esconderijos; para que o sangue dos irmãos judeus corresse abertamente nos pátios e lá longe, em Ponar. Impotentes, haviam desejado que se produzisse uma resistência passiva, que as massas não fossem massacradas em meio a uma silenciosa aceitação de seu destino. E isso foi o que sucedeu ao gueto de Bialystok: 1.000 judeus não se entregaram vivos em mãos do inimigo!

[...]. As notícias da revolta das massas judias correram o mundo. Moscou comunicou ao mundo que os judeus de Bialystok se haviam revoltado contra o opressor alemão, decidindo que não seriam levados vivos a Treblinka”⁶⁴.

Como sucedera com outras deportações, essa deixou um grande número de vítimas e os movimentos juvenis viram diminuir-se o número total de seus membros. Alimentados pelos resultados da última “aktzia”, os líderes de distintos movimentos se reuniram novamente para discutir se sua forma de ação era a correta.

Discussão sobre os objetivos da luta pelos ativistas do Gueto de Bialystok, 27 de fevereiro de 1943. Assefá (‘reunião’) dos membros do Dror:

Mordechai [Tenenbaum-Tamaroff]: “É bom que, pelo menos, o estado de ânimo seja bom. Infelizmente, a reunião não será muito alegre. Esta reunião pode ser histórica, se quiserem, trágica, se quiserem, mas, sem dúvida, triste. Que vocês estejam sentados aqui e sejam os últimos chalutzim na Polônia. Em nosso redor, estão os mortos. Sabem o que ocorreu em Varsóvia, não sobreviveu

64- Ibidem, páginas 243 e 244.

* Esta estimativa é resultado da falta de informação sobre o que ocorreu em Varsóvia. A informação sobre Bzdin e Czestochowa também se baseia no conhecimento incompleto da situação.

ninguém, e o mesmo ocorreu em Bezdin e em Czestochowa* e, provavelmente, em todo lado. Somos os últimos. Não é um sentimento particularmente agradável ser o último: implica em uma responsabilidade especial. Devemos decidir hoje o que fazer amanhã. Não faz sentido sentarmo-nos juntos em um ambiente caloroso de recordações! Nem de lembranças! Nem em esperar juntos, coletivamente, pela morte. Então, o que devemos fazer? Podemos fazer duas coisas: decidir que quando o primeiro judeu for levado de Bialystok, nesse momento começaremos nossa contra-Aktion. Que ninguém vá às fábricas a partir de amanhã, que a nenhum de nós seja permitido se esconder quando se iniciar a Aktion. Todo mundo se mobilizará para o trabalho. Podemos encarregar-nos de que nenhum alemão saia do gueto, que nenhuma fábrica permaneça inteira. Não é impossível que depois de termos terminado nossa tarefa, alguém possa, por casualidade, ainda estar vivo. Mas lutaremos até o final, até cairmos. Também podemos decidir ir para os bosques. As possibilidades devem ser consideradas de maneira realista.

Dois dos nossos saíram hoje para preparar um lugar, mas, de qualquer maneira, a disciplina militar entrará em vigor após a reunião de hoje. Agora devemos decidir por nós mesmos. Nossos pais não se encarregarão de nós. Isto não é um orfanato. Há uma condição: nosso posicionamento deve ser ideológico, as ideias do movimento devem ser nosso guia. Aquele que deseja ou creia ou espere ter uma possibilidade real de permanecer vivo e queira fazer uso disso de uma maneira correta, será ajudado da maneira que for possível. Que cada um decida por si só se quer viver ou morrer. Mas, juntos, devemos encontrar uma resposta coletiva à nossa pergunta comum. Como não quero impor meus pontos de vista a ninguém, não vou apresentar minha resposta única, neste momento.

Na deportação ocorrida em Varsóvia em janeiro, a Organização Judia de Combate perdeu apenas parte de sua gente.

- Yitzhak [Engelman]: Hoje estamos discutindo duas maneiras de morrer. Sair ao ataque significa uma morte segura para nós. A segunda maneira significa a morte dois ou três dias mais tarde. Devemos examinar ambos os caminhos; talvez haja algo que possa ser feito. Como os detalhes exatos me são desconhecidos, gostaria de ouvir mais dos camaradas mais bem informados. Se alguns companheiros creem que poderiam permanecer vivos, então deveríamos pensar nisso.

- Hershl [Rosental]: ... Aqui em Bialystok estamos destinados a viver o último ato desta tragédia ensanguentada. O que podemos fazer e o que devemos fazer? A maneira como vejo a situação, realmente, é que a grande maioria do gueto e de nosso grupo estão sentenciados a morrer. Nosso destino está selado.

Nunca vimos a floresta como um lugar onde nos esconder; a vimos como uma base para a batalha e a vingança. Mas as dezenas de jovens que estão indo aos bosques, agora, não buscam neles um campo de batalha; lá, a maioria levará uma vida de mendigo, e o mais provável é que lá encontrem uma morte de mendigo. Em nossa atual situação, nosso destino será o mesmo, todos seremos mendigos. Resta-nos apenas uma coisa: organizar a resistência coletiva no gueto, a qualquer preço, que o gueto seja nossa Musa Dagh⁶⁵, escrever um orgulhoso capítulo sobre a Bialystok judia e nosso movimento.... Nosso caminho está claro: quando o primeiro judeu for levado, a contra-Aktion se iniciará. Se alguém conseguir tirar um rifle de um dos assassinos e chegar à floresta, ótimo. Uma pessoa jovem e armada pode encontrar seu lugar nos bosques. Se ainda houver tempo para prepararmos a saída para a floresta, então será a hora da batalha e da vingança. Perdi tudo, todos os meus próximos, e, no entanto, em seu subconsciente, a pessoa deseja viver. Mas não há escolha. Se eu julgasse haver uma forma de escapar, não apenas um indivíduo, mas para que 50% ou 60% dos judeus do gueto sobreviverem, eu diria que o caminho do movimento devia ser manter-se vivo a qualquer preço. Mas estamos condenados à morte.

- Sarah [Kopinski]: ;Camaradas! Se se trata de uma questão de honra, já a perdemos há muito. Na maioria das comunidades judias, foram realizadas Aktionen de forma suave, sem uma contra-Aktion. É mais importante permanecer vivo do que matar cinco alemães. Em uma contra-Aktion, sem dúvida seremos todos mortos. Na floresta, por outro lado, talvez uns 40% ou 50% de nossa gente possa salvar-se. Isso será nossa honra e essa será nossa história. Ainda somos necessários, ainda temos utilidade. Se já não temos a honra, de qualquer forma, que seja nossa tarefa manter-nos vivos.

- Hanoch [Zelaznogora]: ;Sem ilusões! Não podemos esperar nada mais do que a morte, até o último judeu. Temos diante de nós duas possibilidades de morte. O bosque não nos salvará, e a contra-Aktion certamente não nos salvará. A opção que nos resta é morrer com dignidade. É pobre o panorama de nossa resistência. Não sei se temos os meios necessários para o combate. É culpa de todos nós o fato de nossos meios serem tão escassos, mas isso já é coisa do passado; temos que nos conformar com o que temos. Bialystok será liquidada completamente, como todas as outras cidades judias. Inclusive se as fábricas fossem isentas, e sua mão de obra não fosse tocada na primeira Aktion, ninguém pode crer, agora, que serão perdoadas desta vez. Obviamente, o bosque oferece maiores possibilidades de vingança, mas não devemos ir para lá para viver à mercê dos camponeses para comprar comida e nossa vida por dinheiro.

65- Referência ao livro de F. Werfel, *The Forty Days of Musa Dagh*, que descreve o assassinato maciço dos armênios pelos turcos durante a 1ª Guerra Mundial. Arquivos de Yad Vashem, M-11/7.

Ir para a floresta significa converter-se em partisanos ativos, e para isso são necessárias as armas adequadas. As que temos não se prestam para a floresta. Se ainda houver tempo, devíamos tratar de conseguir armas e ir para lá. Se a Aktion começar antes, então devemos reagir no momento em que o primeiro judeu for levado.

-Chaim [Rudner]: Já não restam judeus, apenas alguns permanecem. Já não resta nenhum movimento, apenas um resta. Não tem sentido falar de honra. Todo mundo deve salvar-se da melhor maneira possível. Não importa como nos julgarão. Devemos esconder-nos, ir para a floresta...

- Mordechai: Se o quisermos, com vontade, mesmo, e fizermos disto o nosso objetivo, poderemos proteger a vida do nosso povo até o final, enquanto os judeus permanecerem em Bialystok. Quero fazer uma pergunta drástica: os membros que se inclinam a ir para a floresta julgam que devemos esconder-nos e não reagir durante a próxima Aktion, para, mais tarde, fugir para o bosque? (Ouvem-se vozes de todos os lados: “Não, isso não!”). Ouvimos duas opiniões, da Sarah e do Chaim, de um lado, e de Hershl e Hanoch, do outro. Vocês decidem. Uma coisa é certa: não iremos às fábricas e de lá rezaremos a D’us para que tirem as pessoas das ruas e nós possamos salvar-nos. Tampouco vamos ficar vendo da janela das fábricas quando nossos companheiros de outra fábrica forem levados. Podemos decidir pelo voto: Hershl ou Chaim...

- Shmulik [Zolty]: Esta é a primeira vez na minha vida que participo de uma reunião sobre a morte. Estamos planejando a contra-Aktion não para escrever história, mas para morrer uma morte honrada, como cabe a um jovem judeu nestes tempos... Agora, sobre a questão da Aktion. Toda a nossa experiência nos indica que não podemos ter confiança nos alemães, apesar de suas promessas de que as fábricas estarão seguras e que somente serão levados aqueles que não estiverem trabalhando, etc. Somente com a ajuda do engano e da confusão, conseguirão levar milhares de judeus para a matança. Mas, apesar de tudo, temos uma possibilidade de sobreviver à Aktion vivos e seguros. Todo o mundo está jogando por tempo, e devemos fazer o mesmo. No pouco tempo que nos resta, devemos trabalhar para melhorar nossas armas, que, na verdade, são pobres e poucas, em número. Também devemos fazer o que for possível a respeito dos bosques, onde poderemos cumprir uma dupla tarefa. Não quero que me entendam mal e considerem o fato de nos escondermos durante a Aktion como covardia. Não, não, não! O instinto do homem em viver é tão grande que devemos considerar nosso próprio interesse em primeiro lugar, neste caso. Não me importa se outros vão em nosso lugar. Temos uma reivindicação

muito melhor pela vida do que outros, e por direito. Temos um objetivo na vida: manter-nos vivos a todo custo.

Trouxeram-nos de Vilna para cá porque lá havia uma ameaça de liquidação total e algumas testemunhas tinham que permanecer vivas. Por essa razão, se não há total liquidação por aqui, temos que esperar e tratar de ganhar tempo. Mas se houver uma liquidação, que todos se unam em uma contra-Aktion, e que morra eu com os filisteus...

- Ethel [Sobol]: Falando de maneira prática, se uma Aktion tiver que ocorrer dentro dos próximos dias, então há apenas uma opção aberta diante de nós: iniciar a contra-Aktion. Mas se tivermos mais tempo à nossa disposição, então devemos pensar na possibilidade de conseguirmos chegar à floresta. Espero poder cumprir as obrigações que nos serão impostas. Talvez, no decorrer dos acontecimentos, eu próprio me sentirei mais forte. Estou decidido a fazer tudo o que tenha que fazer. Hershel tinha razão quando disse que estamos começando a partir de um movimento desesperado. Quer queiramos ou não, nosso destino já está selado. Resta-nos apenas decidir entre uma forma ou outra de morte. Estou calmo e tranquilo.

- Mordechai: A opinião dos camaradas é clara: devemos fazer de tudo para conseguir tantas pessoas quanto possível para se unirem à batalha dos partisanos nos bosques. Cada um de nós que esteja no gueto quando começar a Aktion deve ir assim que o primeiro judeu for levado. Não pode haver negociação conosco sobre a vida; devemos entender a situação como ela se apresenta. O mais importante de tudo é manter até o final o caráter e o orgulho do movimento⁶⁶”.

Finalmente, em abril de 1943, os movimentos juvenis sionistas, comunistas e socialistas conseguiram se unir. Os dois grupos militares somaram forças. Mordechai Tenenbaum-Tamaroff (membro do movimento juvenil Dror) e Daniel Moszkowicz (dos comunistas) foram designados comandantes da organização militar clandestina.

A ação dos meses seguintes baseou-se em conseguir armas longas, armas de mão, em armar bombas Molotov caseiras, garrafas cheias de ácido, etc. A maioria das armas utilizadas pelos combatentes judeus foram obtidas clandestinamente graças aos alemães simpatizantes, que contrabandeavam armas para dentro do gueto de várias maneiras. Vários poloneses e camponeses vendiam armas por preços cada vez mais altos.

66- Fonte: Documentos sobre o Holocausto, fontes selecionadas sobre a destruição dos judeus da Alemanha e Áustria, Polônia e União Soviética. Yad Vashem, Jerusalém, 1981, documento número 137.

Antes da batalha final, em agosto de 1943, foi organizada uma espécie de doutrinação generalizado das massas. Seu objetivo principal era alentar as pessoas a resistir e a não morrer passivamente. Isso ajudou a manter o espírito das pessoas face à adversidade. Havia, inclusive, um programa de rádio clandestino transmitido duas vezes por semana, para difundir os avanços da resistência.

Durante a madrugada de 16 de agosto, o gueto foi cercado pelas forças alemãs, que, por volta das 5:00 horas da manhã, anunciaram por meio de cartazes que todos os judeus seriam transportados para Lublin.

Apesar de terem sido pegos de surpresa, os jovens combatentes conseguiram, em poucas horas, posicionar-se para a batalha. Eles esperavam que a situação fosse semelhante ao que ocorrera em Varsóvia, em abril, e à resposta dos judeus de Bialystok na deportação de fevereiro. O povo judeu não se havia apresentado para as deportações; havia-se escondido em suas casas e os alemães foram obrigados a entrar no gueto e tirar as pessoas à força. Dessa maneira, cada casa se converteu em uma fortaleza e cada família em combatentes passivos.

Os planos da organização clandestina desmoronaram. Pouco mais tarde, depois de 7:00 horas da manhã, a grande maioria dos judeus dirigia-se para o lugar da convocatória nazista.

Haika Grossman: “... Tínhamos que tomar uma decisão de imediato, sem perder um minuto. Se mantivéssemos nosso plano original, iríamos renunciar ao princípio fundamental de nossa luta: o povo. Deixaríamos isoladas as multidões que se haviam desconectado de seus combatentes e sobraríamos nós, uma seita de honoráveis suicidas. Para modificar nosso projeto, somente havia uma maneira de fazê-lo: ir com os judeus para o ponto de concentração e lá incitá-los a se revoltarem. Essa mudança significaria renunciar aos muros da cidade e limitar as possibilidades de combates nas ruas. Nossas forças não eram suficientes para manter uma luta aberta, corpo a corpo. [...]. Sabíamos que o novo esquema se calcava mais na rebelião do povo e em sua raiva do que em um plano estratégico rigorosamente calculado. Deixar de lado o primeiro projeto implicava em não dirigirmos, nós mesmos, as atividades e a não atacarmos. [...]. Sugerir optar pelo novo plano e não encontrei oposição. [...]. Fizemos o correto? Era essa a estratégia que melhor se adequava às novas circunstâncias? Que justificativa se pode dar para qualquer estratégia além de defender as massas e as salvar, organizá-las e conduzi-las à liberdade ou a uma morte mais digna? [...]. Nossos companheiros começaram a se misturar às pessoas. Eles, também, iam carregados de trouxas, colchões, travesseiros e cobertores; mas dentro do

corpo levavam armas escondidas. Armas de verdade, rifles e pistolas, granadas e munições⁶⁷”.

A ação de luta começou por volta das 10:00 da manhã, quando os membros da organização de combate incendiaram alguns edifícios e fábricas. Então, os combatentes misturados entre as massas de judeus iniciaram a luta. O sonho de que o restante dos judeus se unissem à resistência caiu por terra. Apenas algumas dezenas de pessoas se somaram aos 300 combatentes para lutar no gueto, dessa vez, e, cinco horas mais tarde, o grande combate havia terminado. Alguns combatentes conseguiram escapar na direção dos bosques, outros na direção da cidade (para o lado ariano), e alguns grupos permaneceram escondidos nos bunkers dos guetos e continuaram a batalha. Uma semana durou o combate, mas o desejo de salvar a maior quantidade possível de judeus terminara naquelas horas daquele 16 de agosto.

Os comandantes Mordechai Tenenbaum e Daniel Moszkowicz, suicidaram-se durante a semana do levante. Outros líderes, como Haika Grossman, conseguiram escapar para a zona ariana, onde continuaram com o projeto de clandestinidade juntamente com as demais mensageiras que sobreviveram ao levante. Elas conseguiram formar células clandestinas de poloneses e alemães que se opunham ao regime nazista. Com sua ajuda, enviaram dezenas de jovens para lutar como partisanim nas florestas, e, em agosto de 1944, quando já era iminente o triunfo soviético, juntaram-se também aos partisans.

Assim que se uniu aos “judeus das florestas”, Haika Grossman fez parte dos combatentes que libertaram Bialystok. Chegou junto com o exército vermelho soviético.

*Outras resistências armadas*⁶⁸

Outras resistências menores e com menor impacto ocorreram nos territórios da Polônia, Lituânia e Bielorrússia. Obviamente, acreditamos ser necessário fazer referência às mesmas para que não caiam no esquecimento:

1. A revolta em Kaunas, planejada pela organização de resistência composta pelos grupos juvenis sionistas e comunistas, no final não se concretizou. Após ser descartada a ideia de resistência no gueto, cerca de 350 judeus de Kaunas se uniram à Resistência Comunista Lituana, nas florestas.

2. A resistência clandestina organizada em Minsk foi a mais bem-sucedida

67- Haika GROSSMAN, *La resistencia clandestina*, Buenos Aires, Editorial Milá, 1990, páginas 331 e 332.

68- Elaborado sobre a base de Mario SINAY, *Resplandor en las tinieblas nazis*, Córdoba, Editorial Universitaria Villa Maria, 2014.

entre as pequenas revoltas. De 6.000 a 10.000 pessoas fugiram para os densos bosques, onde muitos sobreviveram até o final da guerra. Os judeus de Minsk formaram um movimento de resistência no início de agosto de 1941, ainda que anteriormente tivesse existido um movimento clandestino, mas agora a prioridade era escapar para a floresta para lutar junto aos grupos de partisans. Havia 450 membros da resistência clandestina bem organizados, $\frac{1}{3}$ dos quais eram jovens. Com a ajuda contínua do Judenrat, que fornecia roupa, calçados, lugares onde se esconder e documentos falsos, estima-se que uns 10.000 judeus conseguiram escapar do gueto.

3. Em Mir, em 9 de agosto de 1942, 180 judeus conseguiram fugir para os bosques depois de uma rebelião. No gueto havia cerca de 2.300 judeus. Os movimentos juvenis Hanoar Hatzioni, Betar e Hashomer Hatzair tinham muita influência e foram os organizadores da fuga.

4. Em Lachva, no sudoeste da Bielorrússia, próximo a Pinsk, os habitantes do gueto tinham sido informados de que, no povoado vizinho, haviam sido assassinados os judeus Yitzhak Rojchin, seu irmão Moshé e Asher Herfetz, líderes da rebelião. Em 3 de agosto de 1942, dois dias depois que os alemães tinham ordenado aos camponeses que cavassem poços nos arredores de Lachva, os judeus tocaram fogo no gueto e, por falta de armas e munições, atacaram os alemães com machados, facões de ferro e paus. Conseguiram fugir 2.000 judeus, mas apenas 120 deles sobreviveram para se unir aos guerrilheiros partisans soviéticos no bosque Chobot, a uns 12 km de distância.

5. No gueto de Tuchín, entre 23 e 24 de setembro de 1942, ainda restavam cerca de 6.000 judeus. Diante da deportação e destruição do gueto, os judeus armados queimaram as casas, atacaram os alemães e fugiram do gueto. A primeira unidade estava a cargo de David Schwartzman e a segunda foi comandada por Nahum Shulman, ambas posicionadas nos dois portões do gueto. A terceira unidade, a cargo de Aaron Marakish, estabeleceu-se em um dos limites da rua do gueto. O quarto grupo, sob o comando de Itzhak Portnoi, alojou-se no edifício do Judenrat. A maioria morreu, mas alguns conseguiram se unir aos partisans.

6. Borschow, Ucrânia. Já na primavera de 1942, um grupo de jovens do gueto se organizaram e começaram a planejar as ações de resistência. O grupo cresceu, especialmente depois da primeira Aktion em setembro de 1942, e chegou a dezenas de membros. Seus líderes eram Wolf Ashendorf, Joel Weintraub, Kalan Schwartz e um soldado judeu do Exército Vermelho chamado Lyoba, que havia escapado dos alemães. A organização conseguira adquirir um pequeno

número de armas. Uns dias antes do final do gueto, conseguiram trasladar clandestinamente a um pequeno grupo de membros, conhecido como o “bando borscowe”, aos bosques. Durante alguns meses, desde o verão de 1943, perpetraram ataques contra policiais ucranianos e grupos nacionalistas. Em 17 de novembro de 1943, lançaram-se corajosamente para libertar 50.000 prisioneiros da prisão de Borschov, entre eles, 20 judeus. Além das dificuldades da aquisição de armas, tiveram que enfrentar a hostilidade da população local. No dia 6 de dezembro de 1943, uma grande força alemã os atacou, a batalha durou horas e vários alemães tomaram, mas os combatentes judeus sofreram muitas baixas e tiveram que se dispersar.

7. Kóbriny, Bielorrússia. Outubro de 1942. Gershon Tennenbaum, junto com o comandante da polícia judia do gueto, Schatz, coordenou com os partisanim e conseguiu armas.

8. Krasnik, Polônia. Março de 1943. O grupo de resistência judeu era integrado por unidades comandadas por Korchinski. Um grupo de 40 judeus que foram presos após a rebelião polonesa e que trabalhavam num campo de trabalhos forçados em Lublin entraram em contato com Korchinski, unindo-se a ele. O grupo operou na área de Krasnik por um curto espaço de tempo. Os poloneses, dos quais se esperava ajuda, já que tinham contatos, prepararam um ataque surpresa. Todos os partisanim judeus morreram, à exceção de dois: Ian Shaklovksy e Bleicher, que conseguiram escapar por milagre.

9. Rava-Ruska, Ucrânia. Março de 1943. A resistência judaica se organizou no gueto sob as ordens do comandante Auersbach, que se pôs em contato com os partisanim soviéticos perto de Rava-Ruska para obter armas com os camponeses do local. Estavam dispostos a lutar caso os alemães resolvessem, por fim, liquidar o gueto. No entanto esse ato de resistência não se concretizou, pois alguns judeus decidiram fugir do gueto porque um camponês os havia denunciado aos alemães. Os nazistas mataram todos os judeus que se encontravam reunidos no cemitério católico. Antes de morrer, um dos judeus confessou tudo sobre a organização dos partisans e os policiais alemães prenderam Auersbach e o executaram.

10. Brody, Ucrânia. A liquidação do gueto de Brody ocorreu em 21 de maio de 1943. Os membros da organização de resistência abriram fogo contra os policiais ucranianos e alemães. Vários ucranianos foram mortos. Os alemães tocaram fogo no gueto e muitas pessoas foram queimadas vivas; outros foram executados nas ruas ou nos bosques vizinhos à cidade, mas, em meio ao caos

que se seguiu, muitos judeus conseguiram escapar. Entre eles, encontravam-se alguns membros da Resistência, encabeçada por Waller, que sobreviveu à guerra em uma unidade dos guerrilheiros partisans. Dentre os muitos que tentaram escapar, muito poucos sobreviveram com a ajuda dos poloneses e ucranianos. Na deportação final, acredita-se que mais de 3.000 presos do gueto foram enviados a Sobibor. Antes da guerra, a população judia em Brody era de 10.000 pessoas, das quais apenas 88 sobreviveram até a libertação.

11. Em 11 de junho de 1943, na destruição do gueto de Leópolis, os judeus se rebelaram. Nove guardas foram mortos, deixando outros 20 feridos. Os alemães voaram e incendiaram edifícios dentro do gueto para forçar os judeus que resistiam a sair. Em outra ocasião, um grupo pequeno matou um policial alemão, facilitando a fuga de alguns ativistas que conseguiram chegar aos bosques próximos, onde entraram em contato com os guerrilheiros partisans. Trezentos foram assassinados no gueto e 700 foram enviados ao campo de trabalho de Janowska. Alguns judeus se esconderam nos esgotos, sobrevivendo, assim, até a libertação.

12. Czestochowa, Polônia. 25 de junho de 1943. Nessa cidade, 300 pessoas participavam da resistência desde o verão de 1942, no tempo da comunicação com a ZOB de Varsóvia. As primeiras tentativas de resistência armada foram realizadas durante a liquidação do gueto grande. A principal sede da ZOB ficava na rua Nadrzeczna 66, razão pela qual esse grupo foi chamado de “Grupo Combatente 66”. Em junho de 1943, o líder do grupo, Dr. Adam Wolberg, foi denunciado à Gestapo e assassinado. Entre 23 e 26 de junho de 1943, a SS cercou o gueto. Os combatentes da Resistência não sabiam a data exata em que essa Aktion ocorreria e foram cercados por um número maior da polícia e das SS. Os capturados foram deportados imediatamente para Treblinka. Até que finalmente os alemães destruíram o gueto. Restavam vivos apenas uns 5.000 judeus quando o Exército Vermelho libertou o gueto de Czestochowa, em 17 de janeiro de 1945.

13. Ternopil, Ucrânia. 22 de junho de 1943. No momento da destruição do gueto, houve um único ato de rebelião no bunker da rua Barão Hirsch, conduzido por uma jovem de sobrenome Zlinger. No campo de trabalho organizou-se uma unidade de resistência dos movimentos juvenis sionistas, sob o comando de Yosef Blumenfeld, na qual participaram Ana Federbush (Ofir), Fredek Laufer, Monio Titelbaum e Kova Blumenfeld do Hanoar Hatzioni. Noshka Bialer (Gutman), Zushia Hovan, Beiby Guinzberg e Tofi Lorver. O grupo trabalhava nas oficinas militares dos alemães da zona ariana, e isso lhes permitiu conseguir explosivos. “Nossa missão era sabotar as linhas de condução do exército alemão e conseguir

roupa feminina e braceletes amarelos, usados pelas milícias ucranianas, para os partisans russos, que, assim, podiam entrar na cidade disfarçados. Além disso, falsificávamos salvo-condutos de trabalho”. O grupo de jovens atirou granadas sobre seus opressores e vários dos carrascos morreram. Nenhum dos jovens sobreviveu. Yossef Blumenfeld foi assassinado pelos nazistas no dia em que destruíram o gueto, 23 de julho de 1943. Junto com ele tombou, também, Kova Knopapalutch.

14. Em Tarnov, Eslováquia, em 2 de setembro de 1943, houve uma rebelião armada de judeus face à destruição do gueto. Sete mil deles foram deportados a Auschwitz, e 3.000 a Plaszów.

15. Alter Dvoretzky organizou a resistência no gueto de Zdziecol. Seiscentos judeus fugiram para os bosques em 6 de agosto de 1942, unindo-se aos guerrilheiros das florestas, os partisans. Organizaram um batalhão de partisans judeus a cargo de Hirsh Kaplinsky, membro do Hashomer Hatzair.

16. Kremenets, Ucrânia. 9 de setembro de 1942. Em 22 de julho de 1942, houve um ato da resistência judaica contra os alemães, mas estes logo os exterminaram. Em 10 de agosto do mesmo ano, os nazistas incrementaram seus ataques, fazendo forte pressão. A agonia do gueto de Kremenets se manteve durante duas semanas, tendo morrido 19.000 judeus. Em 9 de setembro, aniquilaram o gueto, havendo ainda em seu interior cerca de 6.000 judeus. Igual como nos outros casos, a maioria deles morreu e poucos conseguiram unir-se aos “judeus das florestas”.

17. Houve várias tentativas de resistência ativa no gueto de Piorków Trybunalski. Mencionaremos o heroísmo de Goldberg e Liberman, membros do Betar, que conseguiram armas e munições e também uniformes de bombeiro e se uniram a uma unidade da Armia Krajowa (Exército Nacional Polonês). Foram pegos pela Gestapo, que os levou a um doloroso interrogatório. Shmuel Nyss, fabricante de chapéus que fez os chapéus dos bombeiros, e Szymek Nyss, que os ajudou a cruzar o muro do gueto, também foram implicados. Esses homens valentes foram levados para o cemitério judaico, onde foram fuzilados. Em 13 de outubro de 1942, 500 judeus do gueto de Piotrków Trybunalski fugiram para os bosques, unindo-se aos partisans.

18. A rebelião armada do gueto de Bedzin ocorreu em 2 de agosto de 1943. Os movimentos juvenis que participaram do levante armado foram Hashomer Hatzair, Dror, Gordônia, Hanoar Hatzioni, Akiva e Poalei Tzion.

Recordemos Frumka Plotnitzka (Dror), líder da revolta; Rzvli Brandis; Baruch Geptek e Herschel Shfeinguer. Tombaram 400 pessoas em combate.

Frumka Plotnitzka: “Lutamos pela honra do povo judeu e pela independência do Estado polonês, pela liberdade do homem e da humanidade...”⁶⁹

19. Lida, Bielorrússia, setembro de 1943. Baruch Levin e Zeev Karopsky foram os que conseguiram as armas. Zarach Zipalevich era o único judeu que tinha experiência militar, pois havia servido como oficial na companhia do Marechal Pilsudki. Zipalevich dedicou-se a treinar os mais jovens no uso das armas, em uma casa da rua Chalodna. A primeira ideia foi organizar uma luta dentro do gueto, lutar contra os alemães no dia em que eles começaram a liquidação definitiva, tentando chegar nos bosques. Os líderes e a maioria dos habitantes se opuseram a isso pois acreditavam na propaganda nazista, que afirmava que os que trabalhavam não seriam prejudicados. A Resistência não queria agir contra a vontade dos demais. Por isso decidiram tentar contatar os partisanos judeus russos e unir-se a eles. A conexão aconteceu graças a Elyahu Vilenski e a seu cunhado, Baruch Levin, que conheciam o Dr. Miasnik, um cirurgião de renome. Baruch Levin, Zeev Karposki e os irmãos Manski, e outros 20 homens se uniram a eles. Armados com pistolas e metralhadoras, uniram-se ao grupo de Tuvia Bilenski, que incluía, também, Sarah Arluik, Avrasha Arliuk (Loit), Chaim Kaminski (Kalminovich) e outros.

20. Navahrudak, Bielorrússia, 26 de setembro de 1943. O exército alemão entrou em Navahrudak no dia 3 de julho de 1941. As primeiras tentativas de fuga do gueto ocorreram após a segunda matança maciça, e o número de judeus que tentava escapar aumentou bastante, em final de 1942, através dos mensageiros judeus dos guerrilheiros de Bielski, que davam asilo àqueles que fugiam. Gente jovem de Navahrudak também se uniu às unidades de partisanos russos, onde os líderes eram às vezes antissemitas. No inverno de 1942 a 1943, formou-se um grupo clandestino no gueto que planejou uma revolta para fugir para os bosques. Os jovens foram divididos em quatro grupos e utilizaram várias armas, como facões, metais, tesourões e outros instrumentos. O dia 15 de abril de 1943 era quando iriam executar a revolta. Os membros do grupo clandestino já se encontravam reunidos, mas uma mulher judia descobriu o plano, começando a disparar. Dessa forma, os nazistas conseguiram chegar ao local e os dispersaram. A revolta não teve sucesso, e seus membros tiveram que regressar e esconder, novamente, as armas em lugares secretos. Após a quarta matança coletiva, o grupo clandestino preparou uma estratégia para escapar em massa. Os que arquitetaram o plano foram Berl Yoselevitz e Nathan Socharosky. A cabeça da

organização foi o Dr. Yaakov Kagan, comandante da organização clandestina do gueto.

Os membros encarregados da operação foram Berl Yoselevitz, Kozchovsky e Tzernochofsky. Um grupo escavou um túnel de 250 metros, trabalho que seguiu sendo feito durante três meses. Quando completaram o trabalho, os residentes do gueto foram notificados acerca do plano para a fuga. Em uma noite escura e chuvosa, 26 de setembro de 1943, 323 pessoas entraram no túnel; todas conseguiram fugir, excetuando-se 70 que se confundiram e voltaram à cidade. Foram capturadas e assassinadas, o mesmo fim que coube àqueles que se tinham escondido no campo de trabalho. Mais de 200 judeus fugiram com sucesso para os bosques. A maioria deles se somaram às unidades dos irmãos Bielski, e outros poucos a outras unidades de partisanos. O grupo do Dr. Kagan se defrontou com um comando soviético antissemita que lhes ordenou entregar as armas. Como recusassem, foram sumariamente assassinados. Berl Yoselevitz foi morto em 29 de setembro de 1943 em um combate com os alemães. O exército soviético entra em Navahrudak em 9 de julho de 1944, quando ainda restavam alguns judeus que haviam saído de seus esconderijos. A maioria deles havia estado nas unidades dos irmãos Bielski.

No total, em pelo menos 70 guetos houve tentativa de rebelião, fugas maciças ou criação de movimentos clandestinos armados. Houve resistência heroica e revoltas, inclusive nos campos de concentração e campos de extermínio: em Janowska, na Ucrânia, o Sonderkommando 1005, criado com o fim de eliminar as evidências dos crimes em Leopólis e arredores, também se rebelou. Poucos conseguiram escapar, entre eles David Manusevitz e Moses Korn, mas a maioria deles foram detidos e assassinados.

No campo de trabalho Koldichevo, na Bielorrússia, em 17 de março de 1944, 75 dentre os 99 prisioneiros que conseguiram fugir se uniram ao acampamento dos judeus das florestas liderado por Tuvia Bielski.

En Ponar, Lituânia, no dia 15 de abril de 1944, 15 prisioneiros judeus do comando da queima de cadáveres conseguiram fugir e se reunir aos partisanos. Outros 65 morreram tentando escapar.

No campo de concentração de Klooga, na Estônia, 85 judeus conseguiram se esconder e sobreviver até o dia da libertação pelo exército soviético, em 18 de setembro de 1944.

E, mesmo estando no auge do inverno, conhecemos a rebelião de Treblinka, a fuga de Sobibor e a explosão do crematório número 4, em Auschwitz-Birkenau.

Resistência judaica na França

Em janeiro de 1942, foi criado em Toulouse, a Armée Juive (Exército judeu), um grupo judeu-francês de guerrilheiros partisans. Seus membros pertenciam a movimentos juvenis sionistas e operavam nos arredores de Toulouse, Nice, Lyon e Paris. Traziam de forma ilegal para a França dinheiro da Suíça para ajudá-los a se esconder. No mínimo 500 judeus conseguiram chegar clandestinamente à Espanha neutra graças a eles. Além disso, participaram dos levantes de 1944 contra a ocupação alemã em Paris, Lyon e Toulouse. O partido comunista judeu Solidarité também executou ataques contra funcionários alemães em Paris. Muitos se uniram à Resistência francesa geral. Pouco se pôde fazer para deter o assassinato em massa levado a cabo pelo aparato nazista, e apesar de a maior parte da Resistência judaica se concentrar no resgate, fuga e ajuda aos que se escondiam e na resistência espiritual, a resistência armada organizada foi a forma mais direta de oposição judaica aos nazistas.

A Armée Juive organizou rotas de fuga que atravessavam os Pireneus, entrando na Espanha. Entre 1934 e 1944, seus homens ajudaram 300 judeus a escapar clandestinamente e distribuíram milhões de dólares do American Jewish Joint Distribution Committee (Joint) entre os que organizavam o auxílio e os programas de luta na França.

Os partisans judeus

Os judeus partisanim, ou “judeus das florestas”, ou guerrilheiros judeus, eram grupos de tropas irregulares que participaram no movimento de resistência judaica contra a Alemanha Nazista e seus colaboradores, na 2ª Guerra Mundial. Vários grupos de judeus partisans operavam ao longo de toda a Europa ocupada. Alguns eram fugitivos de diferentes guetos ou de campos de concentração, enquanto outros – como os guerrilheiros dos irmãos Bielski – chegavam a centenas e incluíam em suas fileiras mulheres e crianças. Estima-se que entre 20.000 e 30.000 judeus tenham lutado valentemente como partisans nos grupos de resistência que operavam ajudados pelas densas florestas da Europa Oriental. Muitos combatentes judeus também tiveram participação nos movimentos de partisans dos países ocupados.

Eles desenvolveram uma guerra de guerrilhas e instigaram à sabotagem da

ocupação nazista através de levantes nos guetos judeus e da libertação de prisioneiros.

Apenas na Lituânia, os partisanos mataram aproximadamente 3.000 soldados alemães. Algumas vezes, tinham contatos no interior dos guetos, nos campos de concentração, na Judenrat e em outros grupos de resistência, com os quais compartilhavam inteligência militar. Na Europa Oriental, muitos judeus engrossaram as fileiras dos partisanos soviéticos. Durante toda a guerra, enfrentaram o antissemitismo e a discriminação por parte dos soviéticos, e alguns deles foram assassinados. Mas, com o tempo, muitos foram absorvidos na estrutura de comando do movimento partisaan muito mais amplo da União Soviética. Alguns dos grupos de guerrilheiros judeus mais conhecidos foram os partisanos dos irmãos Bielski, que operaram um grande “acampamento familiar”, na Bielorrússia, que somava mais de 1.200 pessoas no verão de 1944. E a Organização de Partisanos Unidos, que tentou iniciar uma revolta no gueto de Vilna, na Lituânia, comandada por Abba Kovner.



Haika Grossman



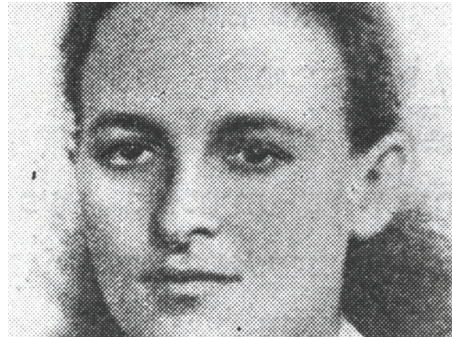
Varsóvia, Polónia. Capa do Boletim Informativo Underground do Hashomer Hatzair.



Varsóvia, Polónia. As tropas das SS passam diante de um bloco de moradias incendiadas, durante o levante do Gueto de Varsóvia, 1943



Tzvia Lubetkin-Zuckerman e Yitzhak Antek Zuckerman



Frumka Plotnicka



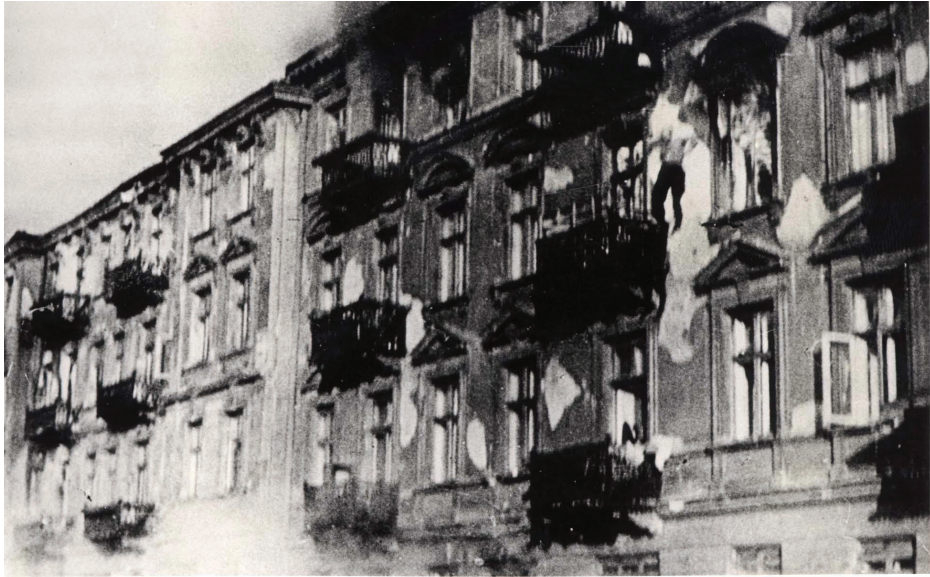
Partisanim de Vilna - Abba Kovner



Jó, de Itzhak Katzenelson



Abba Kovner



Varsóvia, Polónia, 1943. Um judeu combatente saltando de um edifício em chamas.



Tachana 4

Depois da catástrofe

As tnuot noar pareciam não ter entendido os pontos finais. Terminada a 2ª Guerra Mundial, os refugiados judeus ansiavam por começar uma vida nova, reabilitar-se e criar uma família. Diferentes organizações começaram a atuar na esfera social. Em sua maioria pertenciam a movimentos juvenis sionistas e a partisanim saídos das florestas. As tnuot criaram kibutzim (casas e centros de refugiados dirigidos pelos próprios sobreviventes).

Dentro dos kibutzim, as atividades principais eram prover abrigo, comida e recriar a sensação de família. Muitos dos refugiados estavam dispostos a se fixar posteriormente em Eretz Israel. Além disso, os movimentos juvenis empreenderam diferentes papéis, seja criando escolas precárias onde ensinavam hebraico moderno e instalando centros para abrigar os órfãos – as Hachsharot Noar – centros de treinamento para os jovens olim, centros recreativos e culturais para jovens e filiais da Histadrut Haovdim Hatzionit (Confederação Trabalhista Sionista).

A Hapalá ou Aliá Bet (imigração ilegal) foi realizada durante os anos do Mandato Britânico; começou no ano de 1934, prolongando-se até a criação do Estado de Israel, no ano de 1948.

Durante esses anos, chegaram judeus da Europa, da África do Norte e Oriente Médio, pelo ar, pelo mar e por terra.

O primeiro navio a chegar foi o Vilus, organizado pelo movimento Hechalutz, que transportou 350 olim no navio, apesar do livro branco publicado pela Grã-Bretanha ⁷⁰, que proibia a Aliá e a colonização judaica.

A maioria dos navios eram contratados ou comprados e os capitães e a tripulação eram marinheiros não judeus em busca de trabalho. Todos os navios estavam em péssimas condições e eram carregados até o máximo de sua capacidade. O Betar usava um pequeno navio chamado Union. Cada travessia trazia um grupo de imigrantes judeus decididos a reconstruir sua vida em Eretz Israel.

A falta de contato com os países europeus, os perigos da travessia marítima em condições de guerra e a dificuldade na obtenção de embarcações para o

70- Livro Branco é um documento publicado pelos governos, em determinados casos, para informar aos órgãos legislativos ou à opinião pública.

transporte dos imigrantes ilegais colocou em uma situação desfavorável a Aliá Bet.

Vários navios, com centenas de imigrantes, conseguiram alcançar as costas da Palestina, mas foram devolvidos à Europa pelas autoridades britânicas, que mantinham o sistema de cotas e o Livro Branco. Muitos perderam a vida no mar ou no inferno nazista, na Europa. Emissários do Yishuv, partisanim judeus e movimentos juvenis sionistas se organizaram para a Berichá (fuga), que ajudou cerca de 200.000 judeus a abandonar a Europa.

Antes, durante e depois da 2ª Guerra Mundial, as tnuot noar tiveram que mudar sua maneira de funcionar, ocupando-se de diferentes problemas, muitos deles impensáveis para eles, em princípio.

Mas, também, durante as três etapas, mantiveram a essência do movimento. Os kibutzim, as hachsharot, a educação, a ajuda social, o hebraico e o amor à Israel sempre foram uma constante em suas atividades.

As *Tnuot Noar* hoje, no mundo

FAMÍLIA HANOAR HATZIONI

Argentina (Buenos Aires, Concepción del Uruguay, Concordia, Villaguay, Paraná); Bélgica (Anvers, Bruxelas); Brasil (São Paulo); Equador (Quito); Hungria (Budapeste); Chile (Santiago); Paraguai (Assunção); Estados Unidos; Canadá (Toronto); Colômbia (Bogotá, Barranquilla); Costa Rica (São José); Uruguai (Montevidéu); Turquia (Istambul, Esmirna); Grécia (Atenas), Peru (Lima); Espanha (Barcelona, Málaga, Melilla); Israel; México (Cidade do México e Monterrey); Reino Unido (Londres, Manchester, Southend); Rússia (São Petersburgo).

HABONIM DROR

Argentina (Tucumã, Chaco, Corrientes, Posadas, Salta, Mar del Plata, Buenos Aires, Rosário); Uruguai (Montevidéu); Brasil (Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Manaus); México (Cidade do México); Estados Unidos (Boston, Nova York, Binghamton, Pensilvânia, Filadélfia, Baltimore, Washington D.C., Maryland, Detroit, Ann Harbor, Michigan, Kalamazoo, Madison, Chicago, Illinois, Seattle, Califórnia); Canadá (Montreal, Ontário, Toronto, Calgary, Victoria, Vancouver, Ilha Gabriela), Nova Zelândia (Auckland, Wellington, Christchurch); Austrália (Byron Bay, Sidney, Melbourne, Adelaide, Perth); África do Sul (Província Ocidental do Cabo, Cidade do Cabo, Johannesburgo, Durban); Hungria (Budapeste); Alemanha (Berlim, Frankfurt, Munique); Holanda (Utrecht, Amsterdã, Haia); Bélgica (Bruxelas); França (Paris, Nancy, Roanne, Cannes, Marselha, Toulouse); Inglaterra (Glasgow, Manchester, Leeds, Londres).

HASHOMER HATZAIR

Argentina (Buenos Aires); Austrália (Melbourne); Áustria (Viena); Bielorrússia (Minsk); Bélgica (Bruxelas); Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Brasília); Bulgária (Sofia); Canadá (Toronto, Montreal); Chile (Santiago); França (Paris, Lyon); Alemanha (Berlim); Holanda (Maastricht); Hungria (Budapeste); Israel, Itália (Roma, Milão, Gênova, Turim); México (Cidade do México); Polónia (Varsóvia); Suíça (Zurique); Ucrânia (Jarkow); Uruguai (Montevidéu); Estados Unidos (Washington D.C., Filadélfia, Tenafly, East Brunswick, Albany); Venezuela (Caracas).

BNEI AKIVA

Argentina (Buenos Aires); Austrália (Melbourne, Perth, Sidney); Áustria (Viena); Bélgica (Anvers); Brasil (Belém, Rio de Janeiro, São Paulo); Canadá (Montreal, Toronto); Finlândia (Helsinque); França (Paris); Alemanha (Dortmund, Duisburgo, Dusseldorf, Hessen); Hong Kong; Israel; Itália (Roma, Milão); México (Cidade do México); Holanda (Amsterdã); Nova Zelândia (Auckland); África do Sul (Cidade do Cabo, Johannesburgo); Suécia (Gotesburgo, Estocolmo); Suíça (Basiléia, Zurique); Turquia; Reino Unido (Londres, Manchester); Uruguai (Montevideu); Estados Unidos (Flórida, Hollywood, Califórnia, Los Angeles, Massachusetts, Boston, Michigan, Detroit, Nova Jersey, Englewood, Teaneck, Nova York, Great Neck, Long Island, Scarsdale, Texas, Houston).

HECHALUTZ LAMERCHAV

México (Cidade do México); Argentina (Bahia Blanca, Bariloche, Buenos Aires, Cipolletti, Córdoba, Santa Fé, Neuquén, Rivera, Roca, Rosário, San Juan, San Luís, Mendoza).

BETAR

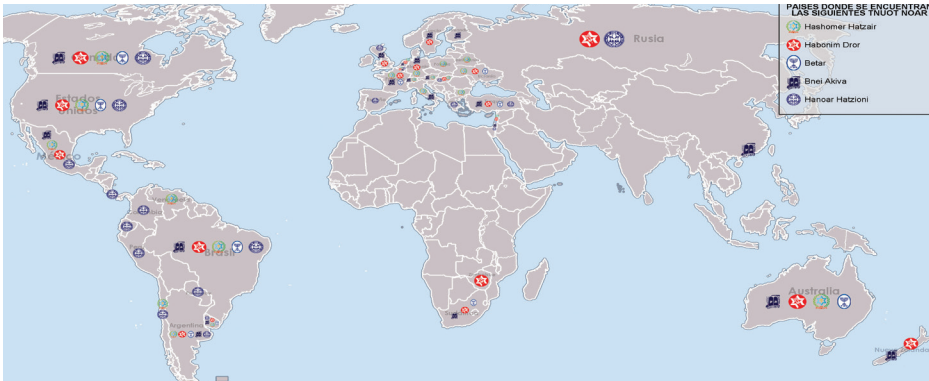
Israel; Austrália; Canadá; Reino Unido; África do Sul; França; Ucrânia; Uruguai; Brasil; Argentina e Turquia.



Tu BiShvat – Hashomer Hatzair – 1947



Representantes das Tnuot na Argentina – 2017





Países onde se encontram as seguintes Tnuot Noar

Testemunho de juventude de Tnuot Noar na Argentina

Ariel Jakubowicz, Mazkir da tnuá Olam Beiachad, 2017: “... Creio que a tnuá seja o marco ideal para o crescimento de uma pessoa desde muito cedo, quando tentamos ver o mundo a partir de uma óptica diferente da convencional, na qual possamos encontrar o verdadeiro valor de ter alguém a nosso lado ou de poder ser livre e aproveitar essa liberdade, onde possamos nos despojar da loucura pelo material e nos concentremos no que é verdadeiramente essencial, em que possamos entender que o futuro da sociedade está nas mãos de cada geração. [...]. Pessoalmente, meu ciclo tnuatí (nas tnuot, ou seja, no movimento) contribuiu para a formação de minha identidade, inculcando em mim uma paixão e dando-me razões para me comprometer com uma causa como a do povo judeu e Israel. Mas, por outro lado, deu-me, também, a oportunidade de entender o sentimento de responsabilidade pela subsistência de um movimento que funciona dia após dia graças aos esforços de cada um de seus integrantes, às vezes esquecendo-nos de que, não fosse por nós, aquilo não existiria; se nós não falarmos, a tnuá não fala; se não nos movermos, a tnuá não se move; se não rirmos, a tnuá não ri; e se não crescermos, a tnuá também não cresce. Mas se nos fortalecermos, a tnuá se fortalece; se avançarmos, a tnuá avança; se lutarmos, a tnuá luta; e se nos realizarmos, a tnuá se realiza porque nós somos a tnuá”.

Laila Munduate, chaverá da tnuá Hashomer Hatzair, 2017: “Agradecerei sempre por ter feito parte da tnuá pois aprendi a pensar no outro, a me preocupar com os conflitos da sociedade atual e, acima de tudo, a saber que podemos mudar aquilo de que não gostamos”.

Ezequiel Levi, chaver da tnuá Hashomer Hatzair, 2017: “É muito emocionante saber que os membros do movimento em que me encontro atualmente tenham conseguido lutar com as tropas nazistas”.

Carolina Cohen, chaverá da tnuá Olam Beiachad, 2017: “.. A tnuá me ajudou a formar minha própria identidade, respeitando a identidade do outro, a debater e a ser crítica. Ensinou-me a aprender e a ensinar e a lhe dar o devido valor. Mostrou-me realidades que desconhecia. [...]. Há uns meses estive na Polônia com o Machon Lemadrichim, em uma viagem educativa. Em Auschwitz-Birkenau, o guia leu uma frase célebre de Elie Wiesel: “O contrário do amor não é o ódio, é a indiferença. O contrário da beleza não é a feiura, é a indiferença. O contrário da fé não é a heresia, é a indiferença. E o contrário da vida não é a morte, mas a indiferença entre a vida e a morte”. Nisso baseio meu objetivo. Educar. Educar para a não indiferença, para o interesse e o pensamento crítico, em uma estrutura judaico-sionista e difundindo os valores que recebi do Olam Beiachad”.

Tnuot Noar no Brasil

AVANHANDAVA

No dia 07 de setembro de 1938 foi fundado o quarto grupo escoteiro do Estado de São Paulo: a Associação Escoteira Avanhandava.

Um grupo de judeus alemães estabelecido no Brasil, após a fuga da Europa devido ao nazismo, encontram um país com um governo de cunho ditatorial, o Estado Novo de Getúlio Vargas. Espionados por serem judeus e estrangeiros eram absolutamente proibidos de promoverem reuniões. Sob o constante perigo de ameaça de conspiradores, os jovens eram privados de encontros em grande grupos, o que era uma situação bastante difícil para estrangeiros com uma cultura, história e religião comum.

O escotismo funcionou então como uma camuflagem. Como os valores do escotismo são muito parecidos com os do judaísmo, foi muito fácil unir os dois na ideologia do movimento. Era a única maneira pela qual seus encontros seriam desvinculados do estado de estrangeiros ou judeus. Com a total proibição de utilização de nomes estrangeiros, surge do Tupi-Guarani, a Avanhandava, que significa “Caminho por onde o homem corre”, que denota um caminho ao redor de um obstáculo - uma cachoeira, geralmente.

Os principais fundadores da Avanhandava foram a diretoria da CIP, mas as principais lideranças no início foram o Casal Speyer, Wilhelm e Anita Speyer.

A Avanhandava desde então, passou por uma série de mudanças bastante significativas. Uma delas foi a adaptação das meninas, de escoteiras para bandeirantes, decorrente dos esforços da Avanhandava para que elas fossem aceitas no Movimento Bandeirante (MB). Havia, no MB, uma lei que dizia: “Toda bandeirante é cristã”. Após muita insistência de jovens da Avanhandava, o MB nacional alterou a lei para “Toda bandeirante acredita em Deus”, o que permitiu o ingresso da Avanhandava no MB, bem como de outros distritos. Além disso, o broche da promessa

(distintivo muito importante dentro do Bandeirantismo) era uma Cruz de Malta, e foi mudado para uma Cruz com uma Magen David dentro. Ainda insatisfeitas, as bandeirantes da Ava insistiram em outra alteração, e hoje o broche é o trevo.

Outra mudança veio quando um grupo de jovens dentro do movimento começou a ter idéias diferentes e se focar em objetivos distintos dos da Avandava, principalmente no que diz respeito a fazer Aliá ao final do processo educativo da tnuá. Esse grupo decidiu se separar e formou a LeHavá, que posteriormente tornou-se a Chazit Hanoar.

Na década de 90, a Avandava começou a se envolver mais com Israel, começando a fazer shnat e tendo um maior número de olim (pessoas que vão morar em Israel).

Recentemente, por pressão da Avandava, houve uma mudança no primeiro artigo da Lei Escoteira. Antes, a versão brasileira dizia que “O Escoteiro tem uma só palavra, e sua honra vale mais que sua própria vida”, o que vai contra o valor judaico de que nada vale mais do que a vida. Atualmente, diz que “O Escoteiro é honrado e digno de confiança”, uma tradução mais próxima do original do fundador Baden-Powell e que não fere os valores judaicos.

Hoje, continuamos participando ativamente de todas as comunidades às quais pertencemos e vivendo os nossos lemas:

“Uma vez Avandava, Sempre Avandava.

Um por todos, todos por um.

Sempre alerta.

Melhor possível.

Semper Parata.

FAS - A Fada Ajuda Sempre

Servir”.

Depoimento: “Foi só quando eu ouvi você falar pra mãe de uma criança de 9 anos: pode deixar, tia, eu cuido dele no final de semana, que me caiu

a ficha...” Minha mãe, a psicanalista Daniela Sitzer, 20 anos depois de me deixar na minha primeira atividade na Avanhandava em 1983.

Foi ali, vendo o filho dela, aos olhos da mãe, como hoje ela ainda me vê, um moleque, assumir a responsabilidade por uma outra criança um pouco mais nova que eu, que caiu a ficha dela, que até hoje fala: “quando te deixei lá a primeira vez eles pareciam tão adultos, mas quando te vi “o adulto”, eu não acreditava que te deixei lá 20 anos antes”.

A minha história com a Avanhandava é longa e linda.(...)

Entre com 6 anos. Vi os 50 ainda lobinho, organizei os 60. Vi os 70. Escrevo pros 80. Vivi cada fogo de conselho. Cada rápido e cada devagar. Cada bravo. (...) Fui lobinho, júnior, sênior, chefe, chinuch, guizbar, madrich, mazkir e feliz demais. Na época a gente não percebe, mas porque a Avanhandava era bancada pela CIP, eu fui de graça para Israel a primeira vez, pra Stanford, pro Chile. Mas eu ainda xingava o rabinato. Minha primeira namorada veio de lá. Minha primeira barraca suspensa. A piscina mais gelada do mundo era Ingá. Deram-me uma machadinha aos 11. Caramba, eu tinha uma peixeira afiada!(...)

Futebol? Não. Bola de fogo (...)

E o muito mais, hoje, de onde eu estou, aos 41 anos, com 20 de Avanhandava, lhe digo com certeza: Nada me preparou tão bem quanto fazer parte de um movimento juvenil ontem.

Sabem por quê? Pelo conceito da educação do jovem pelo jovem. É fantástico.

É o que falei lá em cima, na verdade minha mama que falou.

Mas não conta pra ela, afinal, ela queria que eu fosse médico.

Nada do que você vai viver na tua juventude te dá a confiança que um movimento juvenil te dá.

Modéstia a parte, e tenho certeza que não falo só por mim, mas por todo mundo que passou por aqui, me responde:

1-) você fala em público como poucos profissionais que conhece?

2-) você não tem nenhum medo de levantar a mão e perguntar por que?

De elogiar o que concorda e criticar o que discorda? E crescer com isso?

3-) As pessoas que trabalham e convivem contigo admiram tua sinceridade e liderança?

Isso não veio da escola. Isso não veio de casa. Veio de movimento juvenil. Meu primeiro filho vai nascer em outubro. Tudo que eu quero é que ele esteja numa ferradura. E que babe de rir.

Kadima Avandava. Parabéns e obrigado. Muito obrigado.”

Partes da Crônica de Ricardo Sitzer escrita para o Livro de 80 anos da Avandava.

DROR

O Habonim Dror é um movimento juvenil judaico sionista-socialista, chaltziano e kibutziano que surgiu como resultado de diversas fusões entre movimentos juvenis sionistas da Europa e do Leste europeu, que tinham como foco, criar uma consciência crítica em relação ao mundo em seus chaverim e fazer com que seus integrantes tivessem uma experiência pioneira, ou então, chaltziana de vida que se baseava em fundar o kibutz. Em 1945, é fundado o primeiro snif do Brasil, o de Porto Alegre, chegando em pouco tempo aos outros centros judaicos do país. Hoje, a tnuá possui 9 snifim no Brasil.

A tnuá é composta por diversas ideologias. Em seu nome, carrega algumas delas. O judaísmo proposto pela tnuá é o “Judaísmo Cultural Humanista”, que visa a liberdade e dignidade do povo judeu, assim como a liberdade e dignidade dos seres humanos de todos os povos. Fazem parte também desse judaísmo, valores democráticos. Além disso, o judaísmo vê a educação como instrumento de preservação da identidade judaica e seus valores culturais, bem como um instrumento de transformação. O sionismo socialista é uma ideologia única, proposta por Borochof. Por crer na autodeterminação dos povos como um direito, a tnuá defende a existência do Estado de Israel para tal direito ser exercido pelo povo judeu. A Israel almejada pela tnuá é aquela com uma sociedade mais igualitária do ponto de vista socioeconômico que prevaleça a cooperação entre os seus membros e em que o Estado seja responsável por suprir as necessidades básicas da população. É vista na Aliá Chaltziana, que é o estabelecimento em Israel e a transformação da sociedade israelense em

um país mais completo, justo e coerente com nossos valores, como sendo a expressão máxima da nossa ideologia sionista-socialista.

O chalutzianismo e o kibutzianismo também são componentes de nossa ideologia. O primeiro é caracterizado por atitudes de vanguarda guiadas por convicções ideológicas, postas em prática conforme o chaver se insere na ideologia. O segundo, pois o kibutz é considerado a síntese das ideologias do movimento.

O último grande pilar da ideologia da tnuá é a educação não formal que busca por meios não tradicionais trazer reflexões e questionamentos para os jovens da comunidade judaica. A ideia é trazer para os chaverim um espaço judaico menos formal e rígido para que se identifiquem e criem laços culturais e comunitários. Sendo assim, o Habonim vê o espaço tnuati como um lugar rico em conteúdo, educação e, conseqüentemente, potencial de transformação do mundo.

Foi com esses valores que o Habonim Dror construiu sua história e que hoje opera em 9 snifim pelo Brasil todo, tendo atividades semanalmente e grandes machanot a nível artzi.

HASHOMER HATZAIR

O Hashomer Hatzair proporciona educação humanista, judaica e sionista, envolvimento social e diversão aos seus integrantes há mais de 100 anos, em 26 países e mais de 120 Kenim (sedes) ao redor do mundo. No Brasil, atuamos em 4 estados, com 6 sedes.

Tzeirei Tzion e Hashomer

Em 1903, surgiu na Polônia um movimento judaico-sionista chamado Tzerei Sion, organizado por um grupo de educadores fortemente influenciados pelas idéias de Hertzl: acreditavam que a juventude era a força para o ideal sionista.

Por oferecer uma alternativa aos jovens poloneses que não queriam os

estudos religiosos, mas não tinham muito espaço na sociedade geral e buscavam um espaço judaico, esse movimento teve grande repercussão na juventude.

Em 1910, na Galícia um grupo de jovens judeus de uma escola secundária polonesa não pôde participar do movimento escoteiro polonês e por isso decidiram criar o seu próprio movimento escoteiro: o HaShomer. Tinham como objetivos a aliá, com o lema “a volta à natureza será a volta às raízes dos judeus em Eretz Israel”; além de “criar um jovem judeu forte, orgulhoso, saudável física e espiritualmente”. Caracterizavam-se por uma forte ideologia juvenil de autonomia em relação ao mundo adulto (“jovens educam jovens”) e também pela prática de esportes.

Com tanto em comum, pessoas frequentando os dois movimentos e tanto a acrescentar um ao outro, o processo natural era a unificação - que de fato viria a se concretizar, dando origem ao movimento Shomrim Tzerei Sion, que mais tarde seria chamado de Hashomer Hatzair, oficialmente fundado em 1913.

Movimento Centenario Hashomer Hatzair

O Hashomer Hatzair é o primeiro movimento juvenil Judaico que se definiu como sionista. Somos um movimento juvenil judaico que ajudou a criar o Estado de Israel, suas tradicionais instituições e a educação sionista democrática. Somos o movimento juvenil que floresceu o Negev, definiu as fronteiras do Estado e luta para que esse seja de igualdade de direitos e oportunidades.

O judaísmo do Hashomer Hatzair é uma corrente do judaísmo secular, cultural e humanista. Nós encorajamos todos a darem significado pessoal ao seu judaísmo. Nós vemos as fontes judaicas como inspirações e abertas a interpretações.

Nosso judaísmo descreve a cultura, tradição, história e legado do povo judeu e nos conecta à nossa herança de forma crítica e ativa, com nossa comunidade. Colocamos o indivíduo no centro da nossa visão judaica

de mundo e de nossos objetivos. Nós pretendemos ser entendidos sobre o nosso judaísmo e desenvolver um moderno e significativo caminho de expressão do mesmo. Movimento começou a se expandir pelo mundo para cumprí-los.

1945- Surgimento oficial do Hashomer Hatzair Brasil:

Ao final da Segunda Guerra, o Hashomer Hatzair havia desaparecido da Polônia, junto com a comunidade judaica. Isso não implicou, contudo, no fim do movimento. Ele resistiu, mesmo tendo perdido seu grande centro. As primeiras tentativas de criação de um ken do HH no Brasil começaram já em 1935, porém sem sucesso. Curiosamente, no mesmo ano em que acabaria a Segunda Guerra (1945), surgiria oficialmente o primeiro ken do movimento no Brasil, em São Paulo.

Hashomer Hatzair Sp hoje em dia

O processo educativo no movimento consiste em atividades periódicas aos sábados, seminários, 3 acampamentos por ano (machanot) e eventos comunitários. Nossos encontros têm como objetivo transmitir de maneira divertida e inclusiva uma experiência única às crianças e adolescentes da comunidade judaica. Objetivamos a formação de jovens críticos e ativos, integrados na sociedade vigente, que sejam futuros líderes na comunidade judaica e local.

O Hashomer Hatzair Brasil completa seus 73 anos de funcionamento No Brasil. nossos kenim possuem presença em São Paulo, Rio, Florianópolis, Brasília e recentemente Petropolis e Maringa. Pelas nossas portas, já passaram e se formaram dezenas de milhares de jovens. Diversos rumos foram tomados por eles. Muitos fizeram Aliyah e hoje contribuem ao desenvolvimento de Israel. Outros permanecem em suas comunidades, assumindo diversos papéis de liderança, visando a união e o fortalecimento de nossa educação judaica, sionista e ativista comunitária. É um orgulho para nós dar continuidade a esse trabalho incansável e fundamental dentro de nossa comunidade.

*Paam Shomer Tamid Shomer
Chazak Ve'ematz*

HEBRAIKEINU

Fundado em 18 de agosto de 1990, o Hebraikeinu é uma tnuá judaica, sionista, apartidária, pluralista e ecológica. Todos esses itens são muito importantes para nós e refletem muito em nossas peulot e em nossa postura.

O Hebraikeinu acontece dentro do clube A Hebraica e usa seu espaço nas atividades. A relação com o clube é vital, e uma boa organização, indispensável.

Encaramos o madrich como alguém responsável por mostrar os diversos caminhos. Queremos sempre mostrar todos os lados possíveis e deixar as escolhas para os chanichim. Acreditamos que isso seja o que mais estimule o pensamento crítico. O pluralismo é visível em nossa Tnuá. Tanto o tzevet de madrichim quanto os chanichim são muito diferentes entre si. É clara a heterogeneidade dos nossos chaverim. Isso é fruto de nossa aceitação e estímulo à diversidade. Não levamos uma única linha de judaísmo e criamos um espaço capaz de fazer todos se sentirem bem. Somos sionistas não realizadores o que significa que acreditamos no ativismo da diáspora como chave para o crescimento do Estado de Israel. Por fim, tratamos a ecologia como convívio intenso na natureza. Seja nos sábados, em que tentamos fazer o máximo de peulot fora de sala, à céu aberto ou nas machanot. O contato dos chanichim com a natureza é essencial. Sempre seguimos nossa ideologia na prática, tanto em peulot quanto em momentos gerais de hadrachá.

Nossas atividades são aos sábados e nas férias, em julho e janeiro. Também temos atividades esporádicas como acantonamentos, eventos festivos ligados aos chagim, eventos de domingo e saídas para fora do clube.

NOAM

O NOAM (acrônimo de Noar Massorti, Juventude Conservativa), é uma tnuá filiada ao movimento religioso Massorti (conservativo). Surge na década de 1980, em Israel, como um movimento juvenil ligado

principalmente às comunidades massortiot do país.

O NOAM está presente em mais de 13 países do mundo, incluindo: Israel, Brasil, Argentina, Chile, México, Estados Unidos, Canadá, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Ucrânia e Uganda.

No Brasil, o NOAM foi fundado em 2007, como a juventude da Comunidade Shalom - que também segue a linha Massorti de judaísmo. Nesses 12 anos de vida, a Tnuá teve um crescimento exponencial, tanto em número de Chaverim (mais de 200 na Machané Choref 2019), quanto em importância para a comunidade judaica e qualidade em sua educação e práticas ideológicas. Até 2019, o NOAM São Paulo já enviou 54 madrichim para o Shnat Hachshará, que trata-se de um programa de capacitação sobre hadrachá com duração de um ano em Israel.

A palavra NOAM, além de ser acrônimo de Noar Massorti, em hebraico significa “agradável”. No Tanach, a palavra encontra-se na passagem “וְכָל נְתִיבוֹתֶיהָ שְׁלוֹם, וְדַרְכֵיהָ דָרְכֵי נֵעָם, וְדַרְכֵיהָ דָרְכֵי נֵעָם”, que traduzido significa “Que seus caminhos sejam caminhos agradáveis e todas suas veredas de paz”. Sendo assim, Darkeia Darkei NOAM representa o lema da tnuá.

O semel (símbolo) do NOAM é uma árvore na qual os galhos formam as letras em hebraico ‘nun’, ‘vav’, ‘ain’ e ‘mem sofit’. As 36 folhas dessa árvore representam o midrash que afirma que existem 36 justos no mundo. Em relação à vestimenta, Os chaverim da tnuá vestem uma tilboshet (uniforme) verde com o semel atrás e, na frente, um sroch (cordão) referente à cor da sua kvutzá e nível de hadrachá.

Os quatro pilares ideológicos do NOAM São Paulo são: Educação Não-Formal, Tikun Olam, Sionismo e Judaísmo Massorti.

“O NOAM para mim é a maior noção de vivência coletiva judaica que eu tenho. É muito diferente de estar com a sua família, em sua casa praticando o shabat ou as festas judaicas porque todo mundo escolheu estar no NOAM, e isso tem um motivo: são pessoas que compartilham além da mesma origem, além de ser do mesmo povo, certos valores que

para mim são fundamentais com valores humanitários, de reparo do mundo e de igualdade de gênero. Eu acho isso muito incrível, eu conheci meus melhores amigos no NOAM e eu aprendi muito na tnuá.”

Luana Neinstein, chanichá, 15 anos.

BETAR

O Betar foi criado em 1923, em Riga, na Letônia, durante uma época de crise pela qual atravessava a Organização Sionista Mundial, que nesse momento deveria voltar a definir suas metas. A tnuá surge paralelamente ao Partido Revisionista Israelense, o Cherut. Ambos os movimentos foram os primeiros a seguir os ideais de Vladimir Zé'ev Jabotinsky.

Em novembro de 1923, Jabotinsky visitou a cidade de Riga, Letônia - atualmente na Rússia - para participar de um ciclo de palestras. Uma dessas palestras tratava sobre a criação de um grupo militar hebreu de autodefesa juvenil e sobre a ideia de ativistas de se criar em Israel um Exército de Defesa. Em 7 de dezembro do mesmo ano, na sede do Centro Acadêmico Hachashmonai de Riga, reuniram-se os dez iniciadores desta campanha que decidiram criar um movimento juvenil que levasse adiante os ideais de Jabotinsky. O primeiro fundamento aceito foi: “A nova organização constitui o núcleo da Legião Judaica a ser criada”.

O primeiro Garin Aliá (grupo de aliá) se chamou Menorá e fundou um moshav próximo à cidade de Petach Tikvá. Neste mesmo ano, no maoz (nome dado às sedes do movimento, são uma junção das palavras Maon (residência) e Zeev (lobo, uma referência ao cognome do Rosh Betar) de Riga, publica-se o primeiro iton do Betar, chamado Kadima. No Kinus Olami (Congresso Mundial) de Varsóvia, em 1929, são aprovados os pontos ideológicos do Betar, sendo a maioria vigente até hoje. Neste mesmo ano, Jabotinsky foi escolhido Rosh Betar, o mais alto cargo na tnuá. Logo após a sua morte, o tafkid (cargo) de Rosh Betar nunca mais foi utilizado por pessoa alguma. A partir desse momento, aquele que ocupa o cargo de comando máximo do Betar passou a ser chamado de Rosh Hanagá, eleito democraticamente pelos membros de seu maoz ou país.

Jabotinsky, com visão profética, ressalta a personalidade de Eliezer Ben Yehuda, renovador do idioma hebraico, e os valores de Trumpeldor, caído na fortaleza de Tel Chai em defesa de sua pátria. Trumpeldor, momentos antes de tombar, disse: “ein davar, tov lamut be ad artzeinu”, em português : “não importa, é bom morrer pela pátria”.

Durante o holocausto, o Betar teve um importante papel de resistência. Um grande exemplo foi o ZZW (Żydowski Związek Wojskowy) - em português Organização Militar Judaica e em hebraico, ETZI (Irgun Tzvaí Yehudí) -, um dos dois grandes grupos que lutaram no Levante do Gueto de Varsóvia e no qual o Betar teve participação ativa. Pavel Frankel, líder do ZZW e do Betar na Polônia, foi um importante nome para a resistência judaica na Shoá. Além de importantes eventos pelos quais o povo judeu passou nos últimos 95 anos, o Betar teve participação ativa na política israelense, tendo formado líderes como Menachem Begin - responsável pelo primeiro acordo de paz assinado entre Israel e um país árabe: Camp David, a paz de Israel com o Egito.

BRASIL

SÃO PAULO

Em São Paulo, o Betar foi fundado há aproximadamente 60 anos. Entretanto, após alguns anos de funcionamento, grande parte de seus integrantes fez aliá e a sede paulista da tnuá teve que encerrar suas atividades. No dia 22 de abril de 1996, o Betar foi reaberto por um grupo de cinco jovens. Foi crescendo pouco a pouco, e, em 1999, o maot da capital paulista reunia mais de sessenta jovens, entre 6 e 23 anos. Depois de quase duas décadas, a sede fechou suas portas outra vez por conta das aliot de seus membros e do difícil panorama geopolítico que Israel enfrentava naqueles anos. Durante o segundo semestre de 2018, um grupo de dez jovens levou a cabo o projeto de reviver o Betar na cidade de São Paulo e, no dia 10 de Fevereiro de 2019, reabriu suas portas na cidade. Atualmente, com pouco menos de um ano de existência, a tnuá junta por volta de 35 chanichim por semana.

RIO DE JANEIRO

O Betar Rio foi oficialmente reinaugurado no dia 3 de março de 2018, também como fruto do árduo trabalho de um grupo de 11 jovens engajados da comunidade carioca após ter suas portas fechadas duas vezes na história. A ideia da volta do Betar no Rio de Janeiro surgiu em meados de 2017, quando surgiu da comunidade a demanda de uma tnuá que abordasse exclusivamente Sionismo e Judaísmo como temas e se mantivesse isolada da política nacional. Com isso, foi realizada uma ponte entre o Rio e o único maoz existente na época no Brasil - Porto Alegre -, resultando em uma série de capacitações e seminários, até o dia da inauguração oficial, no ano seguinte. contando com a presença de personalidades icônicas como Yossi Shelley (embaixador de Israel no Brasil), o Ministro de Ciências e Tecnologia de Israel Ofir Akunis, a vereadora Teresa Bergher, além de outras lideranças comunitárias, pais, mais de oitenta chanichim e onze madrichim. Hoje, o Betar Rio está se preparando para a sua quarta machané da história, tendo a última contado com cem betarim no total. O dia em que onze jovens no Rio de Janeiro tiveram a certeza de que, apesar de todos os obstáculos, o Betar poderia tornar-se uma realidade na cidade maravilhosa, foi o dia em que um sonho foi realizado e os ensinamentos de Jabotinsky voltaram a ser transmitidos.

PORTO ALEGRE

A primeira abertura do Betar Porto Alegre foi na década de 1930, sendo assim a sede mais antiga do Brasil. Na época, o maoz contava com cerca de sessenta chanichim por sábado. Em 1967, foi fechado, devido à venda da casa onde estava localizado e à dura repressão sofrida pelos movimentos juvenis durante a Ditadura Militar. Em 1990, com muito apoio do Betar Uruguai, do Likud Porto Alegre e do Sheliach Fabián, foi reaberto. Atualmente, no clube Hebraica Bom Fim, contando com o apoio de outros grupos como o “Brit Nashim” e o “Tagar”, a tnuá reúne por volta de sessenta betarim por sábado.

O Betar Porto Alegre se destaca muito por seu intenso ativismo na comunidade judaica gaúcha e nacional, visando sempre o pioneirismo

quando se trata de posicionar-se acerca de temas que condizem com a nossa ideologia, como, por exemplo, através de cartas abertas como a escrita sobre a transferência da embaixada americana de Tel Aviv para Jerusalém ou a publicada pela revista *Veja*, direcionada ao então candidato a vereador Babá (João Batista Oliveira de Araújo), após o mesmo ter sido filmado queimando uma bandeira de Israel. Nos últimos anos, os betarim do Maoz Shlomo Ben Yossef fizeram parte da reinauguração dos maozim em São Paulo e no Rio de Janeiro.

NETZAH

O Netzah Israel é um movimento juvenil que gira em torno de três pilares: judaísmo, sionismo e humanismo. É uma organização formada por jovens judeus que engajam-se na tarefa de educar suas gerações e transmitir-lhes valores por meio da educação informal. Tal processo visa desenvolver todo e qualquer integrante da Tnuá, garantindo o fortalecimento da identidade judaica e, assim, a continuidade do povo judeu.

O Netzah foi criado em 1974 por Sérgio Levinzon, no entanto, era bem diferente dos dias atuais. A Tnuá começou com apenas algumas palestras voltadas ao público mais velho (idade dos atuais madrichim) que eram realizadas durante a semana. Após alguns anos, foi realizada a primeira Machané, ainda apenas para o público mais velho. Diferentemente de hoje que a Machané de Bogrim é centrada em discussões e assuntos mais sérios, na época, eram organizadas brincadeiras como caça ao tesouro para os Bogrim. Após essas viagens, o Netzah passou a abrir para o público mais jovem e iniciou as primeiras peulot, estabelecendo assim a relação madrich-*chanich*. A Tnuá tinha em torno de 10 bogrim e os *chanichim* resumiam-se em apenas irmãos e primos dos próprios madrichim.

Ao longo dos anos, o Netzah foi se estruturando e crescendo, passando por diversas fases até o modo que é hoje. Não havia votações e nem mesmo uma Hanagá (liderança). A maior parte dos cargos existiam mas trabalhavam separadamente e com pouco contato entre si. Apenas em 1992, foi criada a primeira Hanagá com o formato mais similar de hoje, tendo reuniões semanais e discutindo em conjunto os assuntos da

Tnuá. Além disso, as kvutzot eram mal divididas e bagunçadas, juntando diferentes idades nos mesmos grupos.

Hoje, o Netzah completa 45 anos desde a sua criação e, com muito orgulho, contamos com mais de 400 chanichim e 70 bogrim. Temos votações semestralmente, documentos com todas as regras especificadas e kvutzot rigidamente divididas e ordenadas. Claramente nos tornamos mais organizados e estruturados. Contudo, mesmo passando por todas essas mudanças, o Netzah sempre teve e terá a mesma essência: jovens unidos que amam esse movimento e que estão dispostos a dar tudo de si pela Tnuá.

Depoimentos

“Definir o Netzah é um desafio extremamente difícil. Ao longo dos meus anos como chaver dessa Tnuá, entendi que o Netzah possui um significado diferente para cada membro. Eu faço parte dessa Tnuá desde a primeira kvutzá, ou seja, são mais de 13 anos frequentando o Netzah todas as semanas. O que posso dizer é que, a cada fase, possuo uma visão diferente do movimento. Confesso que como chanicha só enxergava o Netzah como um lugar para encontrar meus amigos. Assim que entrei na Bogrut, consegui entender quanto o meu amor por Israel e pelo judaísmo eram mérito de toda a minha trajetória nesse lugar. Agora, sendo Mazkira, vivo intensamente o Netzah todos os dias e passei a enxergar uma visão diferente. O Netzah compõe toda a nossa juventude, é o lugar em que ao mesmo tempo que podemos ser eternamente crianças, ganhamos responsabilidades, tiramos projetos do papel, queremos participar e se envolver em troca de nenhuma recompensa. Independente do sentido que o Netzah traz, ele sempre vai condicionar um amor inexplicável e te prender nesse lugar incrível.” Guily Dayan, Mazkira e Madrichá

“Jovens inspirando outros jovens e continuando uma tradição milenar judaica é o que move a nossa comunidade para frente! Tendo isso como base, o Netzah aflora uma alegria dentro de cada chanich e cada madrich que, dentro desse ambiente único, podem ser eles mesmos, sem medo ou arrependimento! E é por ser assim, tão essencial e marcante na vida

de cada um que passa por aqui, que o Netzah é o lugar mais mágico do mundo!” Ray Khafif, Madrich

“O movimento juvenil Netzah Israel é diferente de tudo que já vi. Um lugar onde todo seu esforço é retribuído da melhor forma possível, desde agradecimentos até a oportunidade de “formar” uma Kvutzá de Chanichim, tornando-os Bogrim. O Netzah é um lugar mágico, onde todos podem ser do jeito que quiserem, em que adultos podem voltar a ser crianças.” Dan Teig, Madrich

“Para mim é de imensa importância uma criança judia ter a oportunidade de estar em um movimento juvenil. Eu tenho a oportunidade de estar no Netzah. Essa instituição me guiou em bons caminhos, me ensinou e ajudou a me tornar a pessoa que sou hoje. Jovens que inspiram jovens, para que a tua nunca deixe de existir. Educar nossos chanichim e ver los felizes é impagável. O Netzah é um lugar mágico.” Bia Serur, Madrichá

“Para mim, o Netzah é um lugar mágico onde crio novas amizades e fortaleço as velhas. Um lugar onde aprendo coisas que levarei para a vida. Desde Matchilim, aprendo a me defender de qualquer ataque contra o judaísmo e, ao mesmo tempo, ganho conhecimento religioso e sionista. Não tenho dúvida de que o Netzah faz parte da minha vida e da minha formação!” Sarah Dayan, Chanicha Bonim A (15 anos)

“O Netzah para mim é uma coisa ótima porque sábado eu respeito Shabat então eu tenho um lugar incrível que posso ir. Lá a gente faz ótimas brincadeiras ligadas à religião e a nossa história. Você faz vários amigos e depois você combina com eles.” David Souccar, Chanich Tzofim B (12 anos).

BNEI AKIVA

O Movimento Judaico Sionista Religioso Bnei Akiva foi fundado em 1929 em Jerusalém, Israel. Considerado o maior movimento sionista religioso do mundo, o Bnei Akiva conta com 125.000 mil membros em mais de 375 sedes espalhadas ao redor de mais de 42 países.

O Bnei Akiva representa um dos braços da juventude do Movimento Mizrachi - fundado em 1902 na Conferência Mundial do Sionismo Religioso em Vilnius, na Lituânia. O principal antecessor do Bnei Akiva é a antiga Hashomer Hadati - movimento de jovens judeus poloneses que sonhavam com o judaísmo ortodoxo na terra de Israel, mas que teve seu término devido à Segunda Guerra Mundial. Dado isso, não por acaso o primeiro snif (sede) do movimento fora de Israel tenha sido na Polônia.

Os principais lemas do Bnei Akiva são 'Torá e Avodá' e 'Am Israel, BeEretz Israel, Al pi Torat Israel' (Povo de Israel, na Terra de Israel, com a Torá de Israel). Em Israel o Bnei Akiva não representa apenas um movimento, ele compõe um estilo de vida e faz parte do dia-a-dia de todos os seus seguidores. O Bnei Akiva possui o maior número de Yeshivot e Midrachot de norte ao sul do país, Kibbuztim, Yeshuvim, bases nas Forças de Defesa e até partidos dentro do Parlamento israelense como é o caso do partido 'Habait Hayehudi' (A casa Judaíca).

O nome Bnei Akiva faz referência à um dos grandes sábios dentro da história judaica, Rabbi Akiva. Bnei Akiva significa então 'filhos de Akiva'. Rabbi Akiva, tem uma história de superação e redenção dentro da vida judaica. Começou a estudar Torá e Mishná com seus 40 anos de idade e acabou se tornando um grande líder hassídico dentro do judaísmo ortodoxo. Rabbi Akiva representa esperança dentro e fora da Terra de Israel. O símbolo do movimento (Shemel) é compostos pelas tábuas da lei com as letras 'ת' e 'ב' que representam um dos motores do movimento 'Torá VeAvodá'. A folha de olívia - que representa a paz dentro e fora do Estado de Israel e nas comunidade judaicas ao redor do mundo, o trigo - traz a memória das sete espécies da Terra de Israel e assim como a sua cultura agrícola, a foice e o garfo - que representam o trabalho na terra e o crescimento do Estado, os Kibbuztim e para finalizar é envolto com uma faixa azul escrito o nome do movimento 'Bnei Akiva', como unificador de todos os segmentos. O hino do movimento 'Yad Achim' (Mãos Dadas) foi escrito em Sucot de 1932, pelo Rav Moshe Tzvi Neriah, que representa direta ou indiretamente os ideias, simbologias e missões do movimento.

Os ideais do movimento chegaram no Brasil em 1949 quando instalou-se

o primeiro snif na cidade de São Paulo, mais tarde indo para as cidades do Rio de Janeiro e Belém do Pará (2004). Atualmente, o Bnei Akiva no Brasil apresenta 5 snifim (sede das atividades): 2 em São Paulo - Higienópolis e Jardins, 2 no Rio de Janeiro - Tijuca e Copacabana, e 1 em Belém.

A inauguração do movimento em 1949, teve sede na Bnai Brit em São Paulo, com presença ilustre dos líderes comunitários: Shimshon Feffer, Frederico Eigner, Wolfgang Stern, Rav Grunwald e Moshe Dzialowsky.

As atividades do Bnei Akiva em São Paulo, Rio de Janeiro são semanais e aos sábados, com atividades para crianças de 7 até 12 anos (Chevrá Alef) e de 13 até 15 anos (Chevrá Beit), havendo dois acampamentos por ano - 'Kaitz' (verão) e 'Choref' (inverno) e apenas um acampamento por ano no snif de Belém. As kvutzot de Chevrá Alef são divididas em Zraym (6 - 7 anos) - sementes, Nevatim (8- 9 anos) - colheita e Maalot (11- 12 anos) - subida. As kvutzot de Chevrá Beit são divididas entre Maapilim (13 anos) - judeus imigrantes que entravam ilegalmente na antiga Palestina, Haroé (14 anos) - local da primeira Yeshiva do Bnei Akiva - Kfar Haroé e Shevet Hadrachá (15 anos) - nome dado pelo World Bnei Akiva e válido para todos os integrantes da kvutza no ano ao redor do mundo.

Os nomes de Shevet Hadrachá já foram: Dorot (Gerações, 2019), Hineni (Cá estou eu, 2018), Orot (Luzes, 2017), Morashá (Legado, 2017), Tzion (Jerusalém, 2016), Avichai (Pai vivo, 2015) e assim por diante.

A estrutura do Bnei Akiva funciona de maneira rotativa e semestral, podendo todos os integrantes da Tzevet (grupo de madrichim) se candidatarem para quaisquer cargos dentro da Hanalá (diretoria), sendo eles: Propaganda, Eventos, Chinuch (educação), Machané, Chutz (relações externas). O Bnei Akiva, possui atualmente, o Amlat, programa de Shnat Hachshará para a América do Sul. Dentro do programa os integrantes passam em torno de 10 meses em um programa judaico e ortodoxo na Terra de Israel contemplando os programas; Yeshiva/ Midrachá, Maguen David Adom, Marva, Kibbutz e Machon.

“Quando alguém me pergunta o que é ser judeu ou o que significa, a

primeira coisa que me vem em mente é o Bnei Akiva. Para mim, Bnei Akiva não é só um movimento juvenil qualquer e sim um modo de vida, com Torá e Avodá em Israel. Esse sim é o meu futuro. Tenho a função de passar essa ideologia para os meus chanichim para que um dia eles também pensem assim, fazendo com que as futuras gerações possam estar com os mesmos ideais em Israel prontos para a redenção.”

Shlomo Trajber, madrich do Bnei Akiva - São Paulo

CHAZIT HANOAR

Após alguns anos como agrupação juvenil da sinagoga NCI em Montevideo, em meados dos anos 50 surgia a ideia de transformar aquela reunião de jovens em um movimento juvenil continental latino americano com o nome: Jazit Hanoar. Em 1956 as comunidades judaicas latino americanas de origem centro-europeia, reunidas em Montevideo fundaram uma organização denominada CENTRA, com a responsabilidade de administrar um fundo de reparação econômica dado pela Alemanha, destinado a criação de centros juvenis judaicos. A primeira mudança importante para a criação de uma estrutura continental foi um seminário, realizado em Piriápolis, entre 15 e 26 de fevereiro de 1959, com a participação de 37 jovens, representando centros juvenis de Buenos Aires, Rio de Janeiro, Santiago, Valdivia e Montevideu.

Em 1958/59, em São Paulo, começa a amadurecer a ideia, até então formada exclusivamente pelo Setor “A” (escoteiros e bandeirantes), de que haveria de se estruturar a juventude não somente nos moldes até então existentes na comunidade CIP. Com a orientação de David e Sima Sztulman (Z”L) e a participação de jovens de 14 a 18 anos, formou-se o chamado Setor “B”, ainda com direção provisória – Grêmio Juvenil Educativo, integrado no Departamento de Juventude da CIP. O chamado Setor “B” funcionou durante os primeiros seis meses (1959) como um grêmio de atividades gerais, mas após um certo amadurecimento de seus dirigentes, tornou-se claro que não havia possibilidade para a realização de atividades entre 120 jovens, sem organizar os menores em grupos. Assim, a nova diretoria resolveu proceder à divisão, sendo essa feita na base de idades e de centro

comum de interesses, por exemplo, jovens que já estudaram juntos em Campos de Estudos ou Ensino Religioso.

Em 1960/61, o Setor “B” sofreu uma nítida transformação, passando de um grêmio de atividades gerais para um movimento juvenil educativo judaico, adotando o nome de “Lehava”. Nesta época é feito um seminário nacional em Campos do Jordão, com participantes de São Paulo, Rio de Janeiro (jovens da ARI), Rio Grande do Sul (jovens da Sibra), com o intuito de filiarem-se a um movimento juvenil sionista apartidário, das diversas comunidades de origem centro-europeia da América do Sul (CENTRA). Já na Argentina, Uruguai e Chile existia a “Jazit Hanoar”. Agora no Brasil, após longos e acalorados debates sobre sua filiação, simbologia, linha ideológica e modo de atuação, cria-se a Chazit Hanoar. Uma Mazkirut Central – Secretaria Central Nacional – é criada com centro em São Paulo.

Atualmente a Chazit Hanoar São Paulo conta com 200 chaverim e realiza suas atividades todos os sábados na casa da juventude, em frente a CIP. Também são realizadas duas machanot por anos (kaitz e choref) e seminários para madrichim. Os chaverim fazem atividades em conjunto com a kehilá CIP, mas ainda mantém sua independência. Nos últimos anos a Chazit vem crescendo tanto em número de chanichim quanto em discussões educativas, sempre buscando uma educação judaica relevante para os jovens da comunidade. Ainda é muito presente a ideia, que começou nos anos 60, de passar 1 ano em Israel no programa Shnat Hachshará, que conta com uma extensa vivência no Machon Le'Madrichim Chutz La'Arezt para que os Bogrim Shnat voltem capacitados para sempre trazer uma educação judaico-sionista condizente com a realidade.

A Chazit atualmente possui 4 snifim (sedes) nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Montevideu que atuam de modo coordenado e unificado. São realizados encontros de chanichim e madrichim ao longo do ano, com processos educativos que buscam o crescimento e reciclagem da tnuá em diversos âmbitos. Os madrichim da Chazit buscam dar continuidade ao processo que foi iniciado há mais de meio século que objetiva a formação de jovens judeus e sionistas conscientes e críticos de sua identidade. Através da educação não formal, do jovem para o jovem,

a tradição é transmitida de geração em geração. Obviamente, cada grupo de peilim deixa a sua marca e transforma um pouco do que é a tuá, mas as bases ideológicas se mantêm vivas até os dias de hoje.

“A Chazit na minha vida é a paixão, faz parte de mim. Foi onde eu sai da minha bolha e comecei a fazer amizades realmente duradouras. A Chazit é minha segunda casa, é o meu lugar para refletir, para aprender e para me expressar. Onde eu aprendo coisas sobre judaísmo e sobre as ocorrências da nossa sociedade atual e como isso reflete em mim.” - Marina Kempenich - Chanichá de Ofakim, Kvutzá Shnat 2023

“A Chazit mudou a maneira com que enxergo o mundo! Me deu ferramentas para construir o meu pensamento, sempre buscando o diálogo e o entendimento. E com certeza, ter passado 1 ano em Israel me deu ainda mais bases para a construção da minha identidade judaica e sionista!”

Bruno Abramowicz Goldstein - Mazkir da Chazit em 2019, Kvutzá Shnat 2018

COLÔNIA DA CIP

A primeira colônia de férias para jovens da CIP foi realizada na Fazenda Embaré, em São Carlos, em 1940. No ano seguinte, a diretoria da Congregação começou a analisar a possibilidade de adquirir um terreno próprio para a construção de um local para as colônias – que foi efetuada dez anos mais tarde na cidade de Campos do Jordão.

Para muitos pais, as viagens com os grupos da CIP durante as férias escolares eram a grande oportunidade de proporcionar a seus filhos uma vivência ao lado de outras crianças judias e um ambiente onde os valores judaicos eram respeitados.

Em janeiro de 1953, quinze jovens foram enviados para um sítio onde tiveram duas semanas de jogos, esportes e passeios, além de leituras, estudos, workshops e uma intensa rotina religiosa judaica. A experiência

deu certo e em 1957, a CIP comprou a casa de Campos do Jordão e a transformou nos Campos de Estudos, hoje chamado Campo de Estudos Fritz Pinkuss.

Antigamente, o objetivo da Colônia com as machanot era de, durante as férias escolares, proporcionar a uma vivência a crianças judias ao lado de outras crianças judias e um ambiente onde os valores judaicos eram respeitados.

Com o tempo, a Colônia foi mudando e crescendo e deixou de ser apenas uma colônia de férias. Sentimos a necessidade de dar continuidade ao processo educativo das Machanot durante o semestre, aqui em São Paulo. Então, no segundo semestre de 2016, criamos o Rishon Olam, que significa domingo do mundo. O Rishon consiste em um encontro por mês, aos domingos, em diferentes lugares da cidade. Nestes, ocorrem peilot que tratam, dentre outros temas, o tikun olam, um dos pilares da ideologia da Colônia.

Em 2011, nos filiamos ao Netzer Olami, movimento mundial juvenil sionista de judaísmo reformista. É o movimento juvenil da WUPJ (World Union for Progressive Judaism) e do ARZENU, o braço sionista do movimento reformista mundial.

Em 2015, desenvolvemos nosso primeiro documento ideológico, o Sefer Hazahav, que surgiu a partir de uma demanda da peilut por uma unificação ideológica em um momento de consolidação da Colônia da CIP como tnuva. Nele definimos a Colônia como um movimento juvenil, judaico, educativo e ativista. A partir do Sefer estabelecemos também os cinco pilares que compõe a ideologia da tnuva: o judaísmo liberal, o ativismo, a juventude, o sionismo e a educação.

Atualmente, a Colônia atua por meio da educação não-formal e informal, do jovem para o jovem, envolvendo relações afetivas e singulares, bem como práticas judaicas, tikun olam e vivências coletivas fora da rotina tradicional.

“Participar da tnuotização da Colônia foi uma experiência extremamente agregadora, em especial, por conciliar diferentes processos. Destarte, a própria entrada no CJJS, em 2017, e o reconhecimento da Colônia como tnuá por parte das outras tnuot, da comunidade judaica e de nossa kehilá foi de fundamental importância para agregar mais representatividade em nossa atuação. Em segundo lugar, há o processo interno, de nós nos reconhecermos como tnuá, o que envolve bônus e ônus, bem como intensas discussões e dúvidas práticas e ideológicas. Por fim, em minha opinião o processo mais importante é entender a Colônia como tnuá mas justamente uma tnuá singular que deve assumir responsabilidades de movimento juvenil judaico educativo e ideológico, entretanto, não pode, de modo algum, abrir mão de suas singularidades. Olhando os últimos anos da Colônia é visível como estamos alcançando sucesso e maturidade como tnuá!”

Felipe Schwartz, madrich da Colônia Kvutza Shnat 2018



Escoteiros e escoteiras da Avanhandava fazem excursão até Santos, 1939



Bogrim do Maoz POA - Seminário Nacional do Betar



Foto final da machané de verão do Habonim Dror de São Paulo em 2019



Ken de São Paulo antes de ir pra Machané de Lag BaOmer local em 2019



Machane do Bnei Akiva



Madrichim e Chanichim do NOAM exercendo o seu judaísmo masorti com talit e tefilin depois de uma tefila na machané



Madrichim e chanichim realizando a cerimônia de havdalá durante machané choref de 2018 do Hebraikeinu



Madrichim e Chanichim do Laor



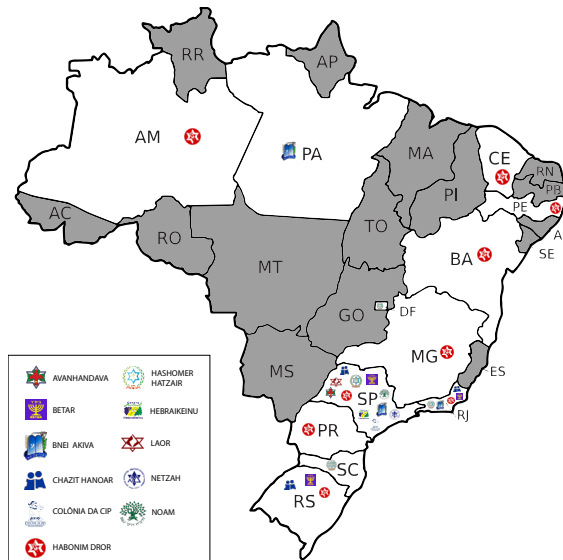
Netzah-Israel



Peilim da Chazit Hanoar em mais um marco continental da Tnuá



Shabat de nitzanim da Colonia



Notas

1. Vilna: 1. Lituânia foi um país importante para uma parte do povo judeu, pois lá conservaram sua identidade nacional e sua cultura. Lá viveram intensamente, ao lado dos lituanos, mas eram separados fundamentalmente pela religião. Somente eram aceitos os casamentos entre pessoas da mesma religião. As leis de Cashrut proibiam que se sentassem à mesma mesa que um não judeu.

Os judeus, atraídos por duques lituanos tolerantes em busca de vantagens no comércio e na cultura, formaram parte da história da Lituânia desde o século XIV. Os que prosperaram eram comerciantes, artesãos e mercadores, que logo se converteram em um componente integral da identidade nacional lituana.

Com o passar do tempo, a maioria dos judeus foram constituindo pequenos povoados (shtetl, em iídiche), onde viviam. Na Cidade Velha, também se formou um bairro judeu. De acordo com o censo de 1784, havia uns 5 mil judeus em Vilna. Pelo censo de 1897, já representavam 39% da população da cidade (64 mil judeus), e, no início do século 20, a metade dos 120 mil habitantes da cidade eram judeus e a maioria deles falava iídiche.

Vilna, capital da Lituânia, converteu-se em um dos elementos centrais da vida religiosa e cultural judaica da Europa, com mais de 110 sinagogas, 10 ieshivot e uma escola de altos estudos em iídiche (YIVO). Igualmente havia uma importante biblioteca que guardava a coleção mais importante de livros nesse idioma. Tanto a escola quanto a biblioteca foram destruídos pelos nazistas. A cidade era conhecida como a “Jerusalém do Norte”, devido à alta concentração de escolas talmúdicas e a conexão histórica com o famoso Elijah ben Salomon Zalman (1720-1797), conhecido como o “Gaon de Vilna” (o Gênio de Vilna), o rabino que editou e comentou o Talmud Babilônico.

Tanto a Polônia quanto a Lituânia reivindicaram a posse da cidade de Vilna, após a 1ª Guerra Mundial. As forças polonesas ocuparam-na em 1920 e, antes que irrompesse a 2ª Guerra Mundial, a cidade formava parte do noroeste da Polônia.

Em setembro de 1939, sob as condições do pacto entre a Alemanha e a União Soviética, a cidade de Vilna, juntamente com o restante da Polónia do Leste, foi ocupada pelas forças soviéticas.

Em outubro de 1939, a União Soviética transferiu a região de Vilna para a Lituânia. Naquele então, a população da cidade chegava a 200 mil pessoas, entre os quais mais de 55 mil judeus. Além disso, entre 12 mil e 15 mil refugiados judeus da Polônia ocupada pela Alemanha encontraram abrigo na cidade.

Em junho de 1940, as forças soviéticas ocuparam a Lituânia. Em agosto de 1940, juntamente com o restante da Lituânia, Vilna foi incorporada à União Soviética. Em 22 de junho de 1941, a Alemanha atacou as forças soviéticas no leste da Europa. O exército alemão ocupa Vilna em 24 de junho de 1941.

2. Cracóvia: Terceira maior cidade do país, localiza-se no sul da Polônia e, durante séculos, foi um importante centro da cultura e das artes. A cidade foi a capital histórica da Polônia desde o século 10 até o século 16, e os judeus nela se assentaram desde as origens da cidade até a 2ª Guerra Mundial.

Veremos, a seguir, uma cronologia da vida judaica em Cracóvia:

- Século 10 – Primeiras evidências da vida dos judeus em Cracóvia.
- 1304 – Criação de um bairro judeu. Uma das portas da cidade recebeu o nome de “Porta dos Judeus”.
- Século 14 – A partir desse momento, a comunidade judaica de Cracóvia gozou uma Ata de Direitos, outorgada por Casimiro, o Grande.
- Século 16 - Época de Ouro da Polônia. Cracóvia passa a ser seu centro espiritual e religioso, e a personalidade rabínica central da época foi o Rabi Moshé Isserlish.
- Final do século 16 – A capital da Polônia foi transferida de Cracóvia para Polônia. Com isso, perde a cidade e perdem os judeus que nela viviam.
- Final do século 17 – Época da divisão da Polônia entre a Rússia e o Império Austro-húngaro. Cracóvia, capital ocidental da Galícia, fica sob domínio do Império Austro-húngaro.
- 1918 – Durante a época da Polônia independente, viviam em Cracóvia 56 mil judeus, sendo a população total da cidade, 300 mil pessoas.

Entre as duas guerras mundiais (1918-1939), a comunidade judaica da cidade era constituída por setores chassídicos, por um lado, e setores laicos, por outro. Na cidade, fundou-se uma sinagoga, chamada Templ. Entre essas duas tendências, também atuavam os sionistas, que eram ativos no âmbito político através dos movimentos juvenis, as noitadas culturais e outros meios.

Em 1939, 60 mil judeus viviam em Cracóvia, quase $\frac{1}{4}$ da população total de cerca de 250 mil pessoas.

3. Varsóvia: A cidade de Varsóvia, capital da Polônia, flanqueia as duas margens do rio Vístula. Varsóvia foi criada como capital do Estado polonês ressuscitado, em 1919. Antes da 2ª Guerra Mundial, a cidade era um centro da vida cultural e judaica na Polônia.

A população judaica de Varsóvia antes da guerra era mais de 350 mil pessoas e constituía cerca de 30% da população total da cidade. A comunidade judaica de Varsóvia era a maior da Polônia e também da Europa e era a segunda maior do mundo, após Nova York.

4. Bialystok: Principal cidade e capital histórica da voivódia (estado feudal na Polônia medieval) de Podlázquia, na Polônia. Em 1912, o número de habitantes judeus chegava a 73.950 pessoas, representando cerca de 75% da população total. Em 1940, o número de judeus chegava a 250 mil.

Bibliografía

Livros:

BERG, Mary, El gueto de Varsovia, Diario 1939-1944, Madri, Sefarad Editores, 2010.

EDELMAN, Marek, El gueto lucha, Buenos Aires, Argentina, Editorial Milá, 1994.

FEIERSTEIN, Daniel, La resistencia en el gueto de Varsovia. Algo más que un grupo de héroes, Buenos Aires, Argentina, Editorial DAIA, Centro de Estudios Sociales, 2004.

GROSSMAN, Haika, La resistencia clandestina, Buenos Aires, Argentina, Editorial Milá, 1990.

LAZERSON-ROSTOVSKI, Tamara, El diario de Tamara-Kovna, Tel Aviv, Editorial Lochamei Haguetaot, 1942-1946, 1975.

LUBETKIN, Tzivia, Dias de exterminio y rebelión, Buenos Aires, Editorial Biblioteca Bojorovista "Dror", 1951.

SINAY, Mario, Resplandor en las tinieblas nazis, Villa Maria, Córdoba. Editorial Universitaria Villa Maria, 2014.

TURKOW, Jonás, El levantamiento del gueto de Varsovia, Buenos Aires, Ejecutivo Sudamericano del Congreso Judío Mundial, 1968.

Páginas Web

http://jinuj.net/articulos_ver.php?id=367

http://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Haluts_He-

http://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Shomer_ha_Tsair_Ha

<http://jewishvirtuallibrary.org/gordonia>

<http://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Betar>

<http://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Akiva>

<http://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Dror>

<http://hejalutzlamerjav.com.ar/wordpress/wp-content/uploads/2013/07/Joveret-Jid%C3%B3n-BaTnu%C3%A1-2011.pdf>

<http://www.kklweb.org/wp-content/uploads/2015/08/Joveret-2015-Parte-23-Movimientos-Juveniles-en-Israel.pdf>

http://www.yadvashem.org/yv/es/education/articles/article_gutman.asp

http://www.kfarnoar.org/pages/noar/noar_main1.php

http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%201838.pdf

<https://www.ushmm.org/wlc/es/article.php?ModuleId=10007211>

<http://www.memoriales.net/guetos/krakow.htm>

<http://www.yadvashem.org/yv/es/exhibitions/music/vilna.asp>

<http://www.anajnu.cl/judioslituania.htm>

<https://www.ushmm.org/wlc/es/article.php?ModuleId=10007209>

Fotos cortesia do Yad Vashem

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=52202&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=10216288&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=4413266&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=81341&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=4062024&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=10464&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=8579&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=33547&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=102587&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=2881&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=43366&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=24585&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=79788&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=2365&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=24839&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=27782&site=sapir&lang=ENG&menu=1

http://collections1.yadvashem.org/notebook_ext.asp?item=75699&site=sapir&lang=ENG&menu=1

As ***Tnuot Noar*** (movimentos juvenis sionistas) nasceram há mais de 100 anos com o objetivo de participar da criação de um Estado Judeu em Eretz Israel. Esses movimentos se encarregaram de desenvolver as condições para que esse sonho fosse possível e formaram grupos de olim para realizar essa tarefa. Ainda que no transcurso da história das tnuot sua forma de atuar fosse mudando, seu objetivo se manteve sempre à sua frente, como se fosse um estandarte: desenvolver uma identidade judaico-sionista na juventude.

Apesar de que o papel fundamental das Tnuot Noar na história tenha um certo reconhecimento geral em meio ao povo judeu, há um aspecto em sua trajetória que é muito pouco destacado – o da resistência exercida por esses movimentos juvenis contra a opressão nazista durante a Shoá. O papel dessas tnuot como forças de resistência foi central e de enorme importância, tendo sido maior que o de qualquer outra organização judaica da época.

Chamamos “resistência” a toda forma de ativismo dos membros das tnuot, na época: resistência cultural, levada a cabo com a abertura de escolas clandestinas, oficinas de arte, peulot (reuniões) educativas, atividades esportivas ou outras manifestações culturais proibidas pelos nazistas; resistência pacífica, mantida através da criação de refeitórios populares e outras atividades que permitiam que os judeus pudessem sobreviver às péssimas condições reinantes nos guetos; e, por fim, a resistência armada, já que, dentre todos os levantes de judeus contra os nazistas durante a Shoá, apenas um deles não foi coordenado pelas Tnuot Noar.

Quando estudamos a Shoá, é preciso falar também de vida e não apenas de morte. É necessário destacar os grandes esforços feitos por muitas pessoas para manter um mínimo grau de dignidade em sua vida. É preciso dar o lugar que merecem em nossa memória às demonstrações de solidariedade e de resistência demonstrados por nosso povo. Ao preservar a memória desta maneira estamos contribuindo para ampliar nossa visão sobre o que realmente sucedeu durante a Shoá.

Quando falamos dos jovens das tnuot que resistiram, estamos falando de moças e rapazes de 15 a 25 anos de idade, que buscaram caminhos alternativos para a submissão; que marcaram seu próprio destino dentro dos limites que lhes foram impostos; que tentaram gerar a mudança em uma sociedade dominada pelo regime totalitário nazista. É de vital importância destacar nesse ponto que esses jovens não precisaram mais do que sua força e sua vontade para agir – forças essas que apenas poderiam consolidar-se em conjunto, dentro dos movimentos juvenis.